

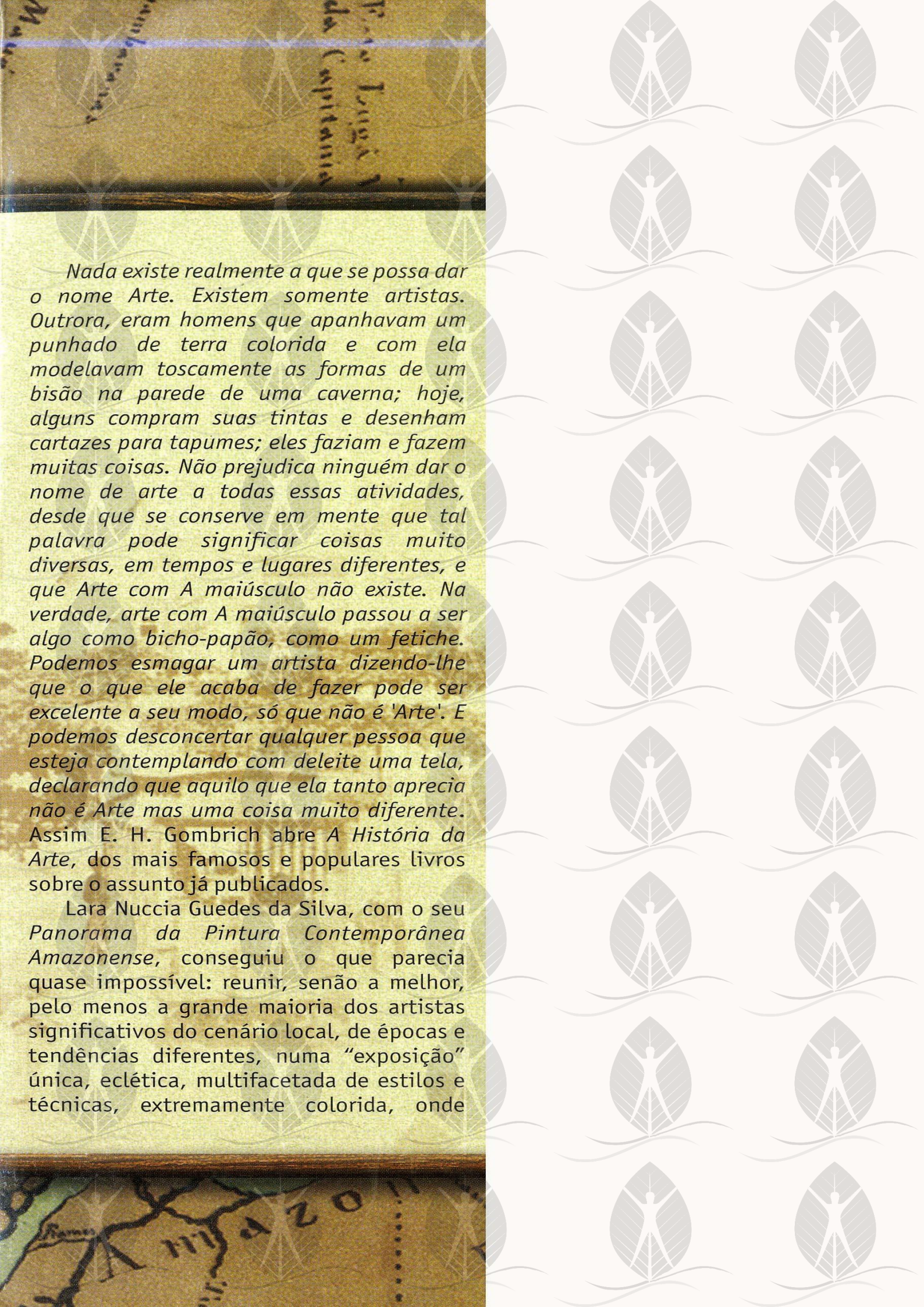
LARA NUCCIA GUEDES DA SILVA

Panorama da Pintura Contemporânea Amazonense



CULTURA





Nada existe realmente a que se possa dar o nome Arte. Existem somente artistas. Outrora, eram homens que apanhavam um punhado de terra colorida e com ela modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna; hoje, alguns compram suas tintas e desenhavam cartazes para tapumes; eles faziam e fazem muitas coisas. Não prejudica ninguém dar o nome de arte a todas essas atividades, desde que se conserve em mente que tal palavra pode significar coisas muito diversas, em tempos e lugares diferentes, e que Arte com A maiúsculo não existe. Na verdade, arte com A maiúsculo passou a ser algo como bicho-papão, como um fetiche. Podemos esmagar um artista dizendo-lhe que o que ele acaba de fazer pode ser excelente a seu modo, só que não é 'Arte'. E podemos desconcertar qualquer pessoa que esteja contemplando com deleite uma tela, declarando que aquilo que ela tanto aprecia não é Arte mas uma coisa muito diferente. Assim E. H. Gombrich abre A História da Arte, dos mais famosos e populares livros sobre o assunto já publicados.

Lara Nuccia Guedes da Silva, com o seu *Panorama da Pintura Contemporânea Amazonense*, conseguiu o que parecia quase impossível: reunir, senão a melhor, pelo menos a grande maioria dos artistas significativos do cenário local, de épocas e tendências diferentes, numa “exposição” única, eclética, multifacetada de estilos e técnicas, extremamente colorida, onde



PANORAMA DA PINTURA
CONTEMPORÂNEA
AMAZONENSE

Coordenação
Antônio Auzier Ramos
Tenório Telles

GOVERNO DO



AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador
Samuel Assayag Hanan

 **AMAZONAS**
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

Secretário de Estado da Cultura e Turismo
Robério dos Santos Pereira Braga

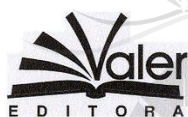
Subsecretária
Vânia Maria Cyrino Barbosa

Coordenador de Edições
Antônio Auzier Ramos

Edições
Governo do Estado

Lara Nuccia Guedes da Silva

PANORAMA DA PINTURA
CONTEMPORÂNEA
AMAZONENSE

**Valer**
EDITORA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

Copyright © Edições Governo do Estado, 2003

EDITOR

Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Tenório Telles

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

Marcicley Rego

DIAGRAMAÇÃO

Horacio Martins

REVISÃO

Cynthia Teixeira

Marcos Sena

Sergio Luiz Pereira

NORMALIZAÇÃO

Ycaro Verçosa

586p Silva, Lara Nuccia Guedes da.

Panorama da Pintura Contemporânea Amazonense. / Lara Nuccia Guedes da Silva.
– Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2003.

172p. (Série: Em Busca da Identidade Regional)

ISBN 85-7512-093-X

1. Arte Contemporânea – Amazonas (Estado) 2. Pintura I. Título. II. Série.

CDU 7.036(811.3)

2003

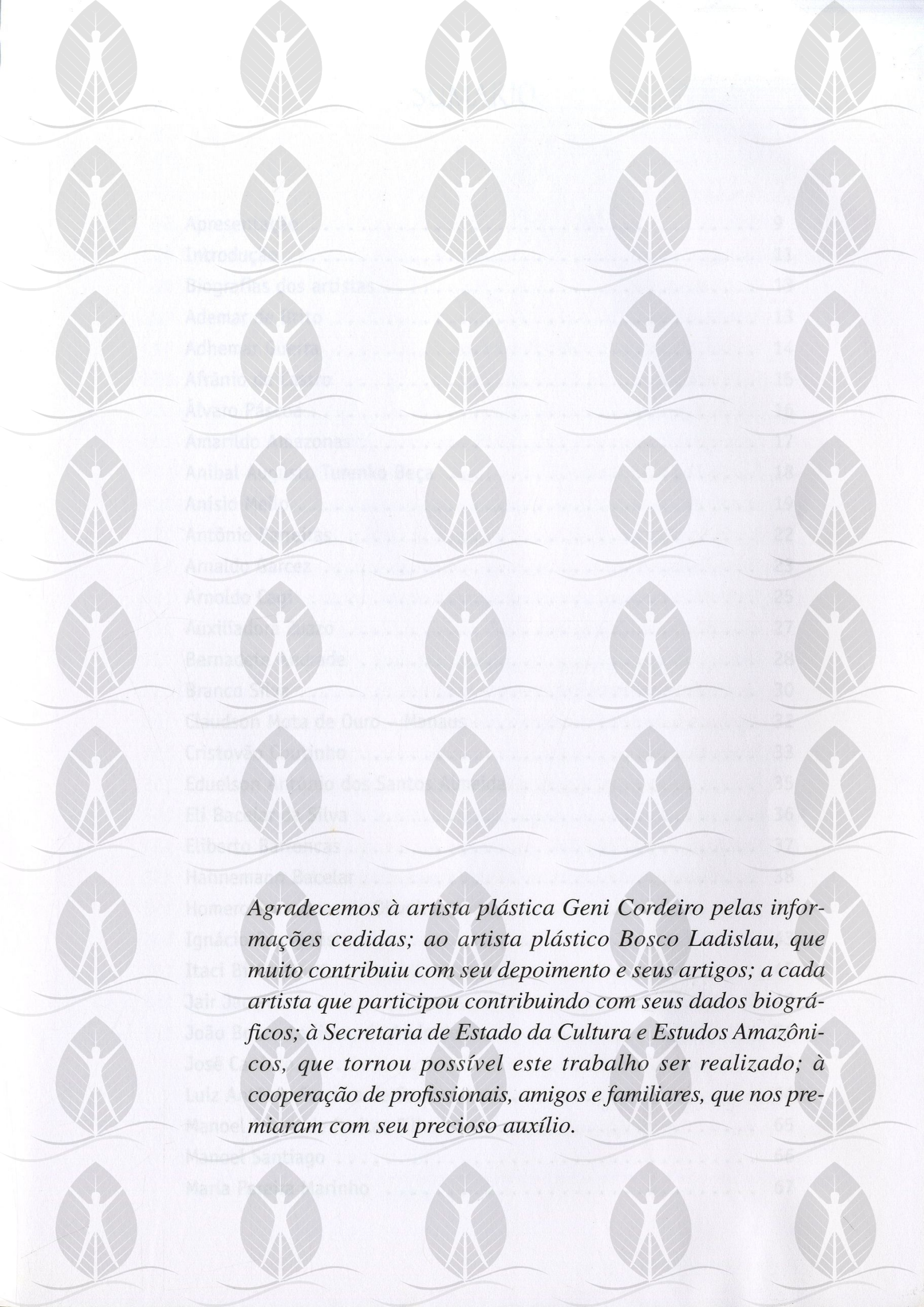
Editora Valer

Rua Ramos Ferreira, 1195

69010-120, Manaus-AM

Fone: (0xx92) 633-6565

E-mail: editora@valer.com.br



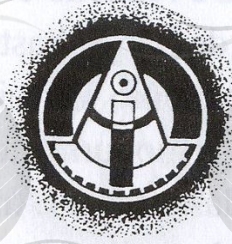
Aprese	9
Introdução	11
Biografias dos artistas	12
Ademar	13
Adhemar	14
Afrânio	15
Álvoro	16
Antônio	17
Anibal	18
Anísio	19
Antônio	22
Arnaldo	23
Arnaldo	25
Auxílio	27
Bernardo	28
Branco	30
Claudio	31
Cristovão	33
Eduelso	35
Eli	36
Elisberto	37
Hannemann	38
Homer	39
Ignácio	40
Itaci	41
Jair	42
João	43
José	44
Luiz	45
Manoel	46
Marcel	47
Marcia	48
Marcel	49
Marcia	50
Marcel	51
Marcia	52
Marcia	53
Marcia	54
Marcia	55
Marcia	56
Marcia	57
Marcia	58
Marcia	59
Marcia	60
Marcia	61
Marcia	62
Marcia	63
Marcia	64
Marcia	65
Marcia	66
Marcia	67
Marcia	68
Marcia	69
Marcia	70
Marcia	71
Marcia	72
Marcia	73
Marcia	74
Marcia	75
Marcia	76
Marcia	77
Marcia	78
Marcia	79
Marcia	80
Marcia	81
Marcia	82
Marcia	83
Marcia	84
Marcia	85
Marcia	86
Marcia	87
Marcia	88
Marcia	89
Marcia	90
Marcia	91
Marcia	92
Marcia	93
Marcia	94
Marcia	95
Marcia	96
Marcia	97
Marcia	98
Marcia	99
Marcia	100

Agradecemos à artista plástica Geni Cordeiro pelas informações cedidas; ao artista plástico Bosco Ladislau, que muito contribuiu com seu depoimento e seus artigos; a cada artista que participou contribuindo com seus dados biográficos; à Secretaria de Estado da Cultura e Estudos Amazônicos, que tornou possível este trabalho ser realizado; à cooperação de profissionais, amigos e familiares, que nos premiaram com seu precioso auxílio.

SUMÁRIO

Apresentação	9
Introdução	11
Biografias dos artistas	13
Ademar de Brito	13
Adhemar Guerra	14
Afrânio de Castro	15
Álvaro Páscoa	16
Amarildo Amazonas	17
Anibal Augusto Turenko Beça	18
Anísio Mello	19
Antônio Parreiras	22
Arnaldo Garcez	23
Arnoldo Cagi	25
Auxiliadora Zuazo	27
Bernadete Andrade	28
Branco Silva	30
Claudson Mota de Ouro – Manaus	32
Cristovão Coutinho	33
Eduelson Antônio dos Santos Almeida	35
Eli Bacelar da Silva	36
Eliberto Barroncas	37
Hahnemann Bacelar	38
Homero Amazonas de Oliveira	41
Ignácio Evangelista	43
Itaci Bittencourt	45
Jair Jacqmout	47
João Bosco Ladislau de Andrade	51
José Cardoso	63
Luiz Antônio Ferreira de Souza	64
Manoel Izidro de Freitas Filho	65
Manoel Santiago	66
Maria Pereira Marinho	67

Mário Jorge Oliveira de Paula	69
Maristela Moraes	74
Moacir Andrade	75
Noé Costa	83
Noleto	84
Nonato Cruz	85
Otoni Mesquita	87
Rita Loureiro	90
Roland Wilhen Vermehren Stevenson	97
Rui Machado	103
Sérgio Andrade	104
Sergio Cardoso	105
Sérgio Girão de Araújo	108
Sérgio Moura	109
Sílvio dos Santos	111
Tiana Sampaio	114
Thyrso Muñoz	116
Urdapilleta Sanches	117
Weber Vieira	121
Centro Cultural Palácio Rio Negro	135
Capas de lista telefônica	139
Novos talentos	151
Projeto do vereador Jeferson Praia	155
Galerias	157
Centro de Artes Chaminé	157
Centro de Artes do Intituto Cultural Brasil-Estados Unidos	158
Centro de Artes da Universidade do Amazonas	159
Salão Sebrae	161
Liceu de Artes do Amazonas "Esther Mello"	163
Conclusão	167
Bibliografia	171



Anísio Mello*

*A*guardado já há tempos, eis que surge para os leitores e artistas interessados o livro *Panorama da Pintura Contemporânea Amazonense*, de Lara Nuccia Guedes da Silva. Afeita ao ofício da arte, a obra não poderia estar em melhores mãos. Professora e artista plástica, Lara Nuccia dedicou-se por longos anos à pesquisa dos nossos artistas, anotando dados e redigindo notas importantes do nosso noticiário bibliográfico para a realização da obra que ora temos em mãos.

A arte amazonense foi sempre promissora, vendo florescer talentos que se destacam e se afirmam em suas carreiras marcadas pelo êxito. Uns aprisionados no insulamento amazônico, outros, que conquistaram os salões do mundo, mostrando suas obras e seu gênio.

O critério adotado pela autora não exclui os artistas que por aqui passaram, estrangeiros ou não, mas que deixaram sua marca no cenário artístico regional.

Este é o primeiro trabalho do gênero entre nós e sua normatização para edições futuras, promete-nos Lara. Sabemos que nem sempre é fácil encontrar nos arquivos públicos informações sobre os nossos artistas, que, por sua culpa ou esquecimento, deixam de mandar seus dados biográficos e currículos para os órgãos competentes.

O Amazonas guarda na sua história artística uma centena de pinturas e esculturas famosas. Vejamos, por

* Anísio Mello é escritor, artista plástico e presidente da AMAP – Associação Amazonense de Artistas Plásticos.

exemplo, as telas de De Angelis e Capranesi, no Teatro Amazonas; de Chentofanti, na Igreja de São Sebastião; de Aurélio de Figueiredo, na Biblioteca Pública; de Antônio Parreiras, também na Biblioteca Pública; Manuel Santiago, etc., e monumentos suntuosos nas praças principais da capital. Esse registro das artes do Amazonas, principalmente de Manaus, mostra a necessidade de melhor contato com os grandes centros, onde a pintura já alcançou as metrópoles do país. Manaus possui bons artistas, alguns profissionais, e escolas de arte capazes de criar uma mentalidade artística de primeira linha. A autora deste livro, neste rol de valores artísticos, procurou resgatar o que estava quase esquecido. Procurou, também, valorizar a arte regional, que, através dos tempos, melhora cada vez mais, para o nosso goáudio.



Quais as tendências de nossa pintura contemporânea? Estamos desenvolvendo uma característica regional? Nossos artistas têm estilo próprio? Qual o nosso contexto em nível de eventos e acontecimentos artísticos? O mercado consumidor de arte no Amazonas está crescendo? Estas e outras perguntas podem vir à nossa mente quando pensamos na pintura amazônica. Não temos a pretensão de responder definitivamente a todas as questões relacionadas a este assunto, mas pretendemos dar uma visão geral do universo da pintura na nossa região. Para tanto, é necessário que se veja o trabalho de quem executa a pintura de hoje e a influência deixada pelos que fizeram a pintura ontem.

Apresentamos nossas desculpas pela não inserção de alguns artistas que, mesmo tendo alto valor no ramo da pintura, semelhante aos apresentados, tivemos dificuldade para colher seus dados, e nos vemos orfanados de sua participação neste trabalho.

Os artistas apresentados estão em ordem alfabética. Dentre eles estão artistas conhecidos mundialmente, que já participam de nosso contexto cultural há bastante tempo; artistas amadurecidos em sua arte e com um estilo forte e seguro, com características bem definidas. Estão, também, outros que começam a florescer, com determinação e ousadia, começando a conquistar seu lugar no campo das artes. São empreendedores, corajosos e criativos. Muitos dos quais são autodidatas: vão descobrindo técnicas e

formas de expressão pictórica para contar a história de sua gente, para mostrar seu modo de ver a realidade, para pintar um mundo de sonhos.



BIOGRAFIAS DOS ARTISTAS

ADEMAR DE BRITO

Nasceu em Salvador, BA. Estudou na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, onde ingressou através de vestibular na Universidade do Brasil.

EXPOSIÇÕES

Pré-Bienal

Coletivas e salões no Brasil.

V Salão Nacional de Artes Plásticas no Rio de Janeiro, MAM, RJ.

Possui trabalhos em museus e pinacotecas.

Grande número de obras em coleções particulares, em Manaus, em outros Estados e no exterior.

Como artista plástico participou ativamente dos acontecimentos culturais e artísticos, na esperança de que a linguagem inventiva de nossos artistas não sofra o isolamento impeditivo. Que a colaboração criativa patrimonial valorizada não fique também subjugada à nossa desconhecida imensidão amazônica.

ADHEMAR GUERRA

COLETIVAS

- 1982 – 1.º AABB Arte do Amazonas, AABB, Manaus.
Arte-Seduc/AM, Galeria de Arte Teodoro Braga, Teatro da Paz, Belém.
- 1983 – Mostra de Artistas Plásticos Amazonenses, Emamtur, Rio Sheraton Hotel, RJ.
– Exposição da Semana Cultural do Amazonas no Memorial JK, Brasília.
- 1984 – Coletiva, Brazilian Artists, Netyeire Hall, Vanderbit University, USA.
– Artistas de Manaus Contemporâneos, Coordenadoria de Assuntos Culturais – Prefeitura Municipal de Manaus.
- 1989 – Coletiva Clube da Madrugada, praça da Polícia, Clube da Madrugada, Manaus.
- 1990 – Barco, Cooperativa Independente de Artistas Profissionais Autônomos do Brasil, Rio Sheraton Hotel; reabertura da Galeria de Arte Afrânio de Castro, Conselho do Patrimônio Histórico do Amazonas.

INDIVIDUAIS

- 1964 – Porão Galeria Encontro, Hotel Nacional, Brasília.
- 1965 – Galeria Encontro, Centro Comercial Niterói.
- 1984 – Prêmio Internacional Dibojú, Barcelona, Espanha.
- 1985 – Annee Victor Hugo Bemaine, Têmperas, Aliança Francesa, Brasília.
– Semaine Victor Hugo, Têmpera, Maison di France, Rio de Janeiro.

AFRÂNIO DE CASTRO

Nasceu em agosto de 1932 e faleceu em 20 de setembro de 1981. Mesmo sendo lembrado mais pelo exercício das artes plásticas, ele foi escritor e poeta.

Segundo observações do escritor Arthur Engrácio, Afrânio de Castro é “um dos maiores (senão o maior) dos pintores no Amazonas, e diferenciava-se dos outros seus colegas de ofício pelo seu caráter excêntrico, invulgar, vivendo a existência rusticamente, de forma quase selvagem, sem maiores preocupações com a sociedade ou a polidez à sua maneira. Rebelde e impetuoso, seu comportamento como artista foi um desafio constante à vida de cujos maus-tratos ele se vingava devotando-lhe um desprezo mortal”.

E continua Engrácio: “Buscássemos, no plano artístico, um símile para ele, a figura mais indicada seria a de Van Gogh. Temperamento explosivo, irrequieto, como o artista flamengo, ele tinha na pintura também um derivativo para a amenização das suas angústias, das suas frustrações amorosas. Muitas vezes fez de sua arte um instrumento de sublimação de suas desventuras, trancando-se no seu ateliê e passando dias e dias pintando, esquecido da vida e do mundo”.

Afrânio de Castro foi um dos artistas amazonenses mais puros e talentosos, e expôs suas obras em quase todos os Estados do Brasil, tendo telas espalhadas também no exterior, notadamente na Universidade de Columbia, EUA.

Foi diretor da Galeria de Arte da Fundação Cultural do Amazonas de 1971 a 1975. Concorreu na Bienal de São Paulo em 1964 e recebeu Menção Honrosa no II Festival da Cultura, 1968, em Manaus. Participou do II Salão Curupira de Artes Plásticas, promovido pela Associação Amazonense de Artistas Plásticos, em 1981.



ÁLVARO PÁSCOA

(Oliveira do Bairro, Aveiro, Portugal – 1920)

EXPOSIÇÕES

Participou de inúmeras exposições produzidas em Manaus, pelo Clube da Madrugada, com escultura, gravura, entalhe e desenho. Autor dos monumentos em bronze a Gonçalves Dias e Agnello Bittencourt. Tem várias obras esculpidas em madeira, em residências e entidades públicas de Manaus, incluindo-se duas peças litúrgicas, patenas e cálice, no Museu do Vaticano, em Roma.

PRÊMIOS

Menção honrosa, gênero escultura, no primeiro Salão de Artes Plásticas da Amazônia, Belém, promovido pela universidade daquele Estado.

1.º Prêmio do concurso para execução do mural “As Forças Armadas e Integração da Amazônia”, obra executada em cerâmica colorida na fachada do Colégio Militar de Manaus.

AMARILDO AMAZONAS

Artista plástico amazonense, cujo nome completo é Amarildo José dos Santos Seixas, nasceu em Manaus no dia 10 de janeiro de 1966.

Ingressou na carreira artística em 1982 e concluiu cursos de desenho nas escolas Shalon Publicidade, Liceu de Artes “Esther Mello” e Zonarte.

Seu primeiro trabalho foi em nanquim preto e branco, aperfeiçoando-se com o passar do tempo nas técnicas de óleo sobre tela. Desenvolve, atualmente, a técnica de aquarela sobre papel com acabamento em verniz.

EXPOSIÇÕES

1987 – Espaço Cultural “Petrônio Portela”.

1989 – Espaço Cultural “Castelo Branco”.

1990 – Hall do Teatro “Américo Alvarez”.

1991 – Espaço Cultural “Novos Artistas”.

1997 – Galeria “Casa da Cultura”.

1997-1998 – 1.º Festival da Cultura Nossa Senhora de Fátima.



ANIBAL AUGUSTO TURENKO BEÇA

EXPOSIÇÕES

1991 – Impressões, Espaço Cultural Mar Azul.

1991-92 – X e XI Zonarte.

1993 – Painel Sebrae, Brasília e Museu da FAAP, SP.

– 4 Tons, Centro de Artes Chaminé.

– Cor Instrumental.

– O Projeto, Centro de Artes.

– 3 Artistas do Amazonas, Centro de Artes.

1994 – Nadamao, Centro de Artes Chaminé.

– Black or What?, Centro de Artes Chaminé.

– Procura-se, Claudio Santoro.

1995 – Coral 2000, Sesc-AM.

– XII Zonarte.

– Grav Duo, Caua.

– Coração Blue, Bar Coração Blue.

1996 – Tockã, Bar Coração Blue.

ANÍSIO MELLO

Anísio Thaumaturgo Soriano de Mello nasceu em 21 de junho de 1927, em Itacoatiara, Amazonas. Filho do magistrado, poeta e tupinólogo, doutor Octaviano Augusto Soriano de Mello e da artista plástica, professora Esther Thaumaturgo Soriano de Mello. Herdou do pai a vocação pelas letras e da mãe a vocação pelas artes, com quem cursou Belas-Artes desde cedo na Escola de Arte Cristo Redentor. É pintor, músico e poeta, no dizer do poeta Américo Antony, tendo participado de várias exposições nacionais e internacionais, conquistando láureas. É bacharel em Filosofia, tendo cursado Língua Neolatina na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Oswaldo Cruz”, transferido para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora Medianeira (Faculdades Anchieta, em São Paulo).

Anísio Mello fundou e dirigiu jornais e revistas, publicou vários livros, incluindo poesia, folclore amazônico, crítica literária, contos e ensaios. Dirige o Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello” desde 1985, onde vem realizando diversas atividades culturais ligadas às artes plásticas.

Uma de suas mais recentes criações é a Arte em Movimento, que consiste em um aparelho que projeta imagens animadas, sem repetir as imagens, sendo apresentado em ambientes fechados e praças.

Em 1955, sua pintura sofre modificações, adere ao abstracionismo, escola que o prende até hoje, evoluindo em pesquisas. Adere à colagem no abstracionismo e avança com a inclusão de sucatas em seus quadros a óleo. Não pára com o paisagismo e estudos da figura humana.

Diz o crítico de arte Sérgio Milliet em relação à arte de Anísio: “chega ele agora a uma pintura em que o abstracionismo lírico se amalgama a um geometrismo nada rígido, antes elegante, como que a controlar a possível exuberância das manchas. Se assim age com a composição, também o faz em relação à cor. Os amarelos, os pretos dos fundos são freados pelos brancos puros dos primeiros planos. Esse conúbio de tendências aparentemente opostas, longe de perturbar a harmonia do conjunto, equilibra com sabedoria e originalidade seus nanquins”.

EXPOSIÇÕES

- 1947 – Exposição individual, Cruz Vermelha Brasileira, Manaus.
– Coletiva, I Exposição Feira do Amazonas, pintura e música, Manaus.
– Coletiva, Escola de Arte Cristo Redentor, Manaus.
- 1948 – Coletiva, Salão da França Livre em Paris, França, a convite da Embaixada Francesa no Brasil, premiado com a Medalha de Ouro.
- 1958 – Coletiva, I Salão dos Artistas de São Paulo, promovida pelo Clube dos Artistas e Amigos da Arte de São Paulo, Galeria Califórnia, SP.
- 1962 – Individual, Universidade Católica de São Paulo, SP.
- 1971 – Coletiva, Exposição de Arte, Faculdades Anchieta, participando com escultura e pintura, São Paulo.
- 1975 – Coletiva, Arte e Pensamento Ecológico, movimento que se desenrolou em 13 exposições em várias cidades (Paço Municipal de São Bernardo do Campo, SP, Câmara Municipal de São Paulo, Brasília e Prefeitura Municipal de Curitiba).
- 1977 – Coletiva, Arte e Pensamento Ecológico, 11.^a Mostra na Prefeitura Municipal de Curitiba, patrocinada pela Fundação Cultural de Curitiba, PR.
– Individual, Exposição Festa Geral, no Teatro Amazonas, com o lançamento do livro *Festa Geral* e do *long-play A Amazônia canta*, Manaus.
- 1981 – Coletiva, II Salão Curupira de Artes Plásticas, promovido pela Amap – Associação Amazonense de Artistas Plásticos, Manaus.
- 1982 – Coletiva, Exposição de Pinturas com Adhemar Guerra, no Teatro Amazonas, Manaus.
- 1983 – Coletiva, Casas, na Galeria Afrânio de Castro, Manaus.
- 1986 – Coletiva, Arte Postal Amazonense na Galeria Afrânio de Castro, Manaus.
– Coletiva, I Salão Tiradentes de Artes Plásticas, Museu Tiradentes, Manaus.

1988 – Coletiva, III Salão Curupira de Artes Plásticas, promovido pela Amap, premiado com a Medalha de Ouro.

1990 – Individual, Exposição Comemorativa aos 51 anos de vida artística, Pintura & Escultura, na Pinacoteca do Estado, Manaus.

– Individual, Meio Século de Arte no Icebu, Manaus.

1991 – Coletiva, Galeria de Artes Professora Marina Penalber, Itacoatiara, AM.

– Individual, Exposição Comemorativa, Galeria de Artes Professora Marina Penalber e Pinacoteca Ubirajara Fonna, Itacoatiara.

1992 – Coletiva, Panorama da Atual Arte Amazonense, Galeria de Artes Hahnemann Bacelar, Universidade do Amazonas.

ATIVIDADES CULTURAIS

1948-54 – Dirigiu a *Revista Amazonas Ilustrado*, Manaus.

– Dirigiu o jornal *Folha Bancária*, do Sindicato dos Bancários, São Paulo.

1958-65 – Dirigiu o jornal *Correio do Norte* – Noticiário Completo da Amazônia, São Paulo.

1985 – Dirigiu o Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello”, através do qual realizou várias atividades culturais ligadas às artes plásticas, Manaus.

1989 – Recebeu prêmio especial do Governo do Estado do Amazonas pelo reconhecimento de sua obra artística e literária.

1992 – Recebe homenagem da Airma – Associação dos Itacoatiarenses Residentes em Manaus, com o nome à Biblioteca “Anísio Mello”.

– Editou a revista *Amazonas Ilustrado*.

1994 – O Conselho Estadual de Cultura lhe confere o Diploma de Mérito Cultural “Por sua comprovada, eficiente e valiosa atuação na produção cultural do Amazonas”.

1995 – Nomeado membro do Conselho Estadual de Cultura.

1996 – Eleito presidente do Conselho Estadual de Cultura.

– Eleito presidente da Amap, Manaus.

ANTÔNIO PARREIRAS

Paisagista e pintor impressionista, Parreira nasceu em 1861, em Niterói, Estado do Rio de Janeiro.

Discípulo de Grimm, Antônio Parreiras aprendeu de seu mestre o hábito da pintura ao ar livre e o gosto pela paisagística. Assim como Grimm, Parreiras não vai se interessar pelo aspecto documental da pintura de paisagem, mas sim pela observação direta da natureza.

Consideradas inovadoras para os padrões acadêmicos da época, as paisagens de Parreiras apresentam certa ousadia por suas pinceladas soltas, parecendo manchas de grandes proporções. Aliás, foi neste sentido que sua obra evoluiu, tornando cada vez mais livres suas pinceladas soltas, parecendo manchas de grandes proporções. Aliás, foi neste século que sua obra evoluiu, tornando cada vez mais livres suas pinceladas e mais claras e luminosas as suas cores. Apesar do pouco prestígio como tema, de acordo com a hierarquia neoclássica, a paisagem vai dominar a grande maioria dos trabalhos de Antônio Parreiras, intencionalmente preocupado em distinguir a natureza como referência tão fundamental para a pintura quanto a representação da figura humana.

ARNALDO GARCEZ

“Quando a consciência com que alguém toma uma posição diante das coisas da vida entra em sintonia permanente com a vida desse alguém que a pratica, ela passa a se chamar coerência”. Essa é a marca registrada de Arnaldo Garcez. Artista plástico, músico e poeta amazonense, ele sempre soube chegar até nós através de sua arte e das reflexões que faz sobre ela. Vejamos aqui algumas das reflexões do artista.

Sobre a arte:

“A arte é um alimento útil à sociedade. É impossível uma sociedade existir sem constituir sua própria arte”.

Sobre a arte no Amazonas:

“A arte no Amazonas é semi-abstrata, quase uma ilusão de ótica. Nosso processo é primário e não podemos nos perder na ilusão do ego-centrismo. Precisamos, portanto, nos organizar para constituir uma sociedade mais humana e onde o trabalho do artista tenha como verdade sua capacidade de ser livre. Do mesmo modo que o trabalho das outras pessoas nos outros setores da vida”.

Sobre as galerias de arte:

“Não precisamos de galerias, mas de espaços físicos para desenvolver a consciência e o trabalho dos artistas”.

Sobre o Estado:

“O Estado tem de ter decência, pois ele precisa da gente. No caso particular dos artistas, é necessário que o Estado passe a utilizar recursos humanos que tenham condições de desenvolver um trabalho de informação e sensibilidade através de cursos e programas intensivos e não meramente paliativos”.

Sobre a função da cultura:

“A função da cultura é ser básica e útil, inclusive para se ter noção de tempo e espaço. No Amazonas acontece exatamente o contrário, pois a única base que temos é de arte primitiva e ela é renegada”.

Sobre o papel do artista amazonense:

“O artista amazonense precisa ter a consciência de fatos para gerar formas”.

Sobre a cidade de Manaus:

“Manaus é um absurdo estético. Prova é que temos no centro da cidade prédios com 15 ou 20 andares quando temos grandes espaços geográficos. Por que isso? Simplesmente porque os prédios são uma concepção de metrópole e os governantes de Manaus acham que a cidade deve ser uma metrópole. Na verdade, Manaus é a cidade mais feia do Brasil”.

Sobre seu trabalho como artista plástico:

“No momento estou fazendo pesquisa com o uso de materiais alternativos. Entre as pesquisas que desenvolvo está o trabalho com cores preta e vermelha, sendo o vermelho obtido do urucum”.

Sobre os obstáculos ao desenvolvimento da arte local:

“Vivemos no meio de árvores, de madeira, e não temos uma prensa para xilogravura. A xilogravura foi inventada no século 3, na China, e os órgãos culturais do Estado são incapazes de ter uma simples prensa. Isso é demais”.

Sobre o recado final:

“Quanto mais incoseqüente e inconsciente for o artista amazonense, mais ele irá alimentar o Estado. Mais ele irá permitir voltarem ao único abrigo que alimenta essa ilusão toda: o *hall* do Teatro Amazonas” (extraído do artigo de Bosco Ladislau – “O pensamento vivo de Arnaldo Garcez” – *Jornal do Comércio*, 11 de maio de 1986).

ARNOLDO CAGI

Arnoldo Ramos Cagi nasceu em Manaus, em 6 de fevereiro de 1966.

“O estilo de Cagi é marcado pela simplicidade e espontaneidade... seus trabalhos possuem um certo engajamento ecológico, pois a agressão ao meio ambiente é uma de suas maiores preocupações”. Artigo do jornal *Amazonas em Tempo*, 25 de abril de 1996.

1984 – Estudou técnicas de Pintura no Instituto Shalon, com o artista plástico Eliberto Barroncas.

1985-1988 – Ministrou curso de artesanato no Pró-Menor Dom Bosco, Instituto de Vivência Educacional Mamãe Margarida, Ivem (Meninos de Rua).

1990 – Curso de desenho e pintura no Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello”, dirigido pelo artista plástico Anísio Mello.

1996 – Oficina de Escultura com a artista plástica Tiana Sampaio.

– Oficina de Escultura com Anísio Mello.

– Curso de Pintura de Vanguarda do Liceu de Artes do Amazonas, pelo artista plástico Anísio Mello.

1997 – Curso de Técnicas de Restauração, promovido pela Fundação Getulio Vargas/Isae, com os professores Cláudio Aranha, Ana Frazão e Wallace Caldas.

1998 – Oficina de Restauração no Centro de Artes Palácio Rio Negro, pelo prof. Édison Mota.

É professor assistente do Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello”.

EXPOSIÇÕES

1985 – Exposição individual no Partido dos Trabalhadores, Manaus.

1988 – Exposição individual no Pró-Menor Dom Bosco, Manaus.

1995 – Coletiva, Feira da Indústria, Studio 5, promovido pelo Sebrae-AM, Manaus.

– Coletiva, “Arte do Liceu”, promovida pelo Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello”, no Centro de Artes Chaminé, Manaus.

– Coletiva, “Arte do Liceu”, promovida pelo Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello”, na Casa da Cultura, Manaus.

– Individual no Banco Itaú (Galeria), Manaus.

– Coletiva no Banco Itaú (Galeria), Manaus.

– Coletiva, I Salão da Indústria, na Galeria do Sesi (Casa do Trabalhador), Manaus.

1996 – I Salão Nacional de Artes Plásticas do Amazonas, com premiação de Medalha de Prata, em pintura, Manaus.

– II Salão Novos Talentos no Centro de Artes Chaminé, Manaus.

– Exposição Itinerante, promovida pela Associação Amazônica, Canoas Art Bureau e the Voice, percorrendo Brasília, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Estados Unidos, Japão, Itália e Suíça.

– II Salão Novos Talentos, Itinerante, promovido pelo Liceu de Artes “Esther Mello”, passando pelo Centro de Arte Hahne-
mann Bacelar, pelo Inpa e pelo Sesc-AM.

– Individual na Ulbra – Universidade Luterana do Brasil, Ma-
naus.

– Individual no Colégio Militar de Manaus.

– Coletiva “Natal dos Artistas”, na Galeria Moacir Andrade do
Sesc, Manaus.

1997 – Salão Flamboyant da SBBA – Sociedade Brasileira de Belas-
Artes – Rio de Janeiro.

1998 – Salão Tropical de Artes Plásticas, Manaus.

– Painelel Sebrae de Arte, coordenado pelo Liceu de Artes do
Amazonas “Esther Mello”, Manaus.

– Coletiva Salão Nacional de Artes Plásticas do Amazonas
“Branco Silva”, Manaus.

– Coletiva – Salão Bradesco, Manaus.

– Salão de Arte Objetivo, Manaus.

– Salão Arte Sebrae promovido pelo LAAEM, Manaus.

– Salão Plástica Amazônica, no Centro de Artes Palácio Rio
Negro, Manaus.

AUXILIADORA ZUAZO

Auxiliadora Zuazo nasceu no seringal Santa Vitória, no município de Lábrea, Amazonas. Passou a sua infância com águas barrentas do rio Purus, e a juventude junto ao rio Negro. Foi amamentada por uma índia que acompanhou sua família na vinda para Manaus.

Zuazo começou a desenhar ainda quando criança, ilustrando trabalhos para as colegas do colégio de freiras em que estudava.

Na década de 60, Zuazo viajou para o Rio de Janeiro, onde pretendia fazer vestibular para Psicologia. Uma visita ao Museu de Belas-Artes mudou o seu destino. Acabou fazendo Belas-Artes na Escola Nacional de Belas-Artes, onde teve como mestres Amés de Paula Machado (gravura) e Carlos Magano (pintura mural). Trabalhou por três anos na Escolinha de Arte do Brasil, com Augusto Rodrigues.

Voltou a Manaus em 1968 e fez a sua primeira exposição na Pinacoteca do Estado, tendo sido agraciada com o prêmio de Menção Honrosa, outorgado pela Fundação Cultural do Amazonas.

1979 – Expôs na Antuérpia, Bélgica, e participou da coletiva “Amazônia 79”, no Paço das Artes, em São Paulo.

1978 – Lançou o livro *Made in Amazonas*, escrito em parceria com o poeta Elson Farias, com o projeto do artista plástico Roberto Evangelista.

1982 – Lançou o álbum *Curumins e Cunhantãs de Manaus*, com poemas de Dori Carvalho, Leyla Leong e da própria artista.

1993 – Apresentou trabalhos em várias coletivas locais e na exposição *Partners of Alliance Amazon*, Tennessee, EUA.

1989 – Exposição no Museu de Arte Brasileira, São Paulo, no Senado Federal e no Solar Grandjean de Montigny, da PUC, Rio de Janeiro.

Zuazo transita por várias técnicas: xilogravura, estudos para tapeçaria, litogravura, gravura em metal e aquarela.

Atualmente a artista reside no Rio de Janeiro e diz rever em sonhos as imagens em preto e branco dos desenhos que depois colore.

BERNADETE ANDRADE

Nasceu em Barreirinha, Amazonas, em 1953, e começou a interessar-se pela arte muito cedo, ao observar sua mãe a fazer flores de papel e de pano. Segundo ela, esse foi o seu primeiro contato com a arte e a sua mãe foi a sua primeira professora. “Admirava a sua habilidade manual. As coisas que ela criava transitavam entre o mistério da poesia e da ciência. Eu ficava horas e horas pensando quem era que ensinava tantas coisas bonitas para ela. Suas mãos eram como de fada, de uma magia invejável. Aquilo que ela tocava ganhava a força da arte e logo se construía em beleza que fascinava meus olhos. Lembro-me dos pistilos. Eles davam toda a graça e beleza às flores. Eram como se fossem a alma ou aquilo que ninguém vê mas sabe que existe. Depois, a forma côncava, o pistilo ao centro, e o movimento ritmado plano à escultura das pétalas, nascia a flor”.


Bernadete Andrade é graduada em Filosofia pela Universidade do Amazonas, Belas-Artes pela UFRJ, frequentou cursos no Museu de Arte Moderna e Escola de Artes Visuais do Parque Laje, Rio de Janeiro. Em 1992, cursou Desenho Contemporâneo na Universidade da Geórgia, EUA, onde ministrou um *workshop* de papel juntamente com a artista norte-americana Linda Kent. Em 1993, ingressou no Museu de Arte Contemporânea da USP, com o projeto “As constelações segundo Joan Miró e Tolleman”.

EXPOSIÇÕES


- 1986 – I Bienal de Arte sobre Papel, Museu de Arte Moderna de Buenos Aires, Argentina.
- 1987 – Jovens Pintores Latino-Americanos, no Congresso Internacional de Letras, Rio de Janeiro.
- 1988 – Novíssimos, Galeria de Artes do Icbeu, Copacabana, Rio de Janeiro.
 - Pintores do Norte, Centro Cultural Tancredo Neves, Belém.
 - Galeria Contemporânea, Rio de Janeiro.
- 1989 – Artistas Contemporâneos do Amazonas, Museu de Arte Brasileira (MAB), São Paulo.




1989 – Verde Contemporâneo, Solar Grandjean de Montigny, Rio de Janeiro.




1990 – Manaus, a Visão de Seus Artistas, Pinacoteca do Estado.
– Individual, “Ocá Símbolos e Sons”, Galeria de Arte da Universidade do Amazonas.



1991 – Exposição individual de inauguração do ateliê da artista, Manaus.



1993 – Exposição coletiva inaugural do Centro de Artes Chaminé.
– Individual no *hall* do Teatro Amazonas por ocasião do show do cantor Edson Cordeiro.
– Individual, “A Vida dos Símbolos”, FAU/USP, São Paulo.



1994 – Pintura cenográfica para o show da atriz Lena Sá, “A Cidade Vista de Lá”, Crown Plaza, São Paulo.
– Cenário e Projeto Visual para o espetáculo de dança “Pegamater”, de Francisco Rider, no Sesc-Anchieta, São Paulo.
– Exposição na Galeria Arte Documenta, São Paulo.

Mais conhecido pelo seu presépio do que pelas suas pinturas, Branco Silva (que é costumeiramente chamado de Branco “e” Silva) na vida real chamava-se Leovigildo Ferreira da Silva. Amazonense nascido no seringal São João, nas barrancas do rio Purus, entrada do rio Tapuá, em 1892. O pintor era filho de um rico comerciante português que fez fortuna na época como exportador de borracha. Com um ano e meio de idade viajou para a Europa acompanhado de suas irmãs e alguns parentes mais velhos. Fez o curso primário em Berna, depois estudou em Lisboa, no Liceu de Artes e Ofícios e Belas-Artes. Com a queda da borracha o seu pai mandou buscá-lo de volta para Manaus. Além disso, Branco Silva já estava na idade de servir ao Exército. No 26.º BC teve como companheiros Álvaro Maia e Américo Antony.

“Ao chegar a Manaus, ele sentiu-se como um peixe fora d’água”, explica o filho. “Ele vinha de um meio intelectual mais sofisticado, falava e escrevia bem o espanhol, o francês e o alemão. Montou o seu ateliê de pintura, trabalhou como cenógrafo e produziu placas para o comércio de Manaus, além de ficar famoso pelas decorações que fazia para as festas de Carnaval dos Clubes”. Além do ateliê onde ensinava a produzir pinturas, Branco Silva gravitava em torno das iniciativas privadas dos europeus, funcionando como intérprete.

Segundo o seu filho, o presépio que Branco Silva começou a esculpir em 1929 funcionava como um “caça-níqueis” que ajudava o seu pai a sustentar a família. Para visitar o presépio era cobrado ingresso, e o público não se cansava de admirá-lo. Fora da época natalina eram apresentadas cenas de lendas amazônicas feitas por ele em *papier marchê*, também mediante pagamento de ingresso. Os navios que faziam a rota para Manaus incluíam no seu roteiro turístico uma visita às exposições de Branco Silva.

Em determinada época da sua vida, o pintor partiu de Manaus para fazer um levantamento das propriedades da família no Purus. Ali passou um ano inteiro. O contato com a exuberante natureza marcaria para sempre a sua obra paisagística. Nos anos 40, através da sua amizade com Adhemar de Barros (na época governador de São Paulo), a arte de Branco Silva sai do Amazonas.

Atualmente em Manaus encontram-se pouquíssimos quadros pintados por Branco Silva. Seu filho dá a explicação para o fato dizendo que na partilha dos bens os quadros ficaram com seus irmãos que não moram em Manaus, e com ele ficou o presépio.

Uma série de tipos humanos da região amazônica pintados por Branco Silva na década de 50 estão no Museu Smithsonian, EUA. O acervo do Centro de Artes Chaminé possui cinco telas do artista bastante danificadas, à espera de restauração.

Branco Silva morreu em Manaus em 1961, aos 69 anos, na mesma data em que nasceu: 2 de fevereiro.

CLAUDSON MOTA DE OURO – MANAUS

EXPOSIÇÕES

1995 – Centro de Artes Chaminé.

1996 – Paiol da Cultura, Inpa.

– Centro de Artes da Universidade do Amazonas.

– Galeria Moacir Andrade, Sesc-AM.

– Painel Cultural, TV Cultura.

– Galeria de Artes Candas Ar Boreau, Tropical Hotel Manaus.

– Centro de Artes Chaminé.

CRISTOVÃO COUTINHO

Cristovão Coutinho Batista nasceu em Manaus. Para Coutinho, a pintura como afinidade decorativa é valorizada a partir das impressões do íntimo exterior que cada artista ou espectador pode sentir. Como valor histórico, um experimento agradável e magnético. Seus trabalhos refletem, a partir da sensualidade e relação, um tempo que passa em imagens de sentimento de desejo, paixão, medo, incerteza e espera. Misturados nas verdades de baixo para cima e mentiras de cima para baixo.

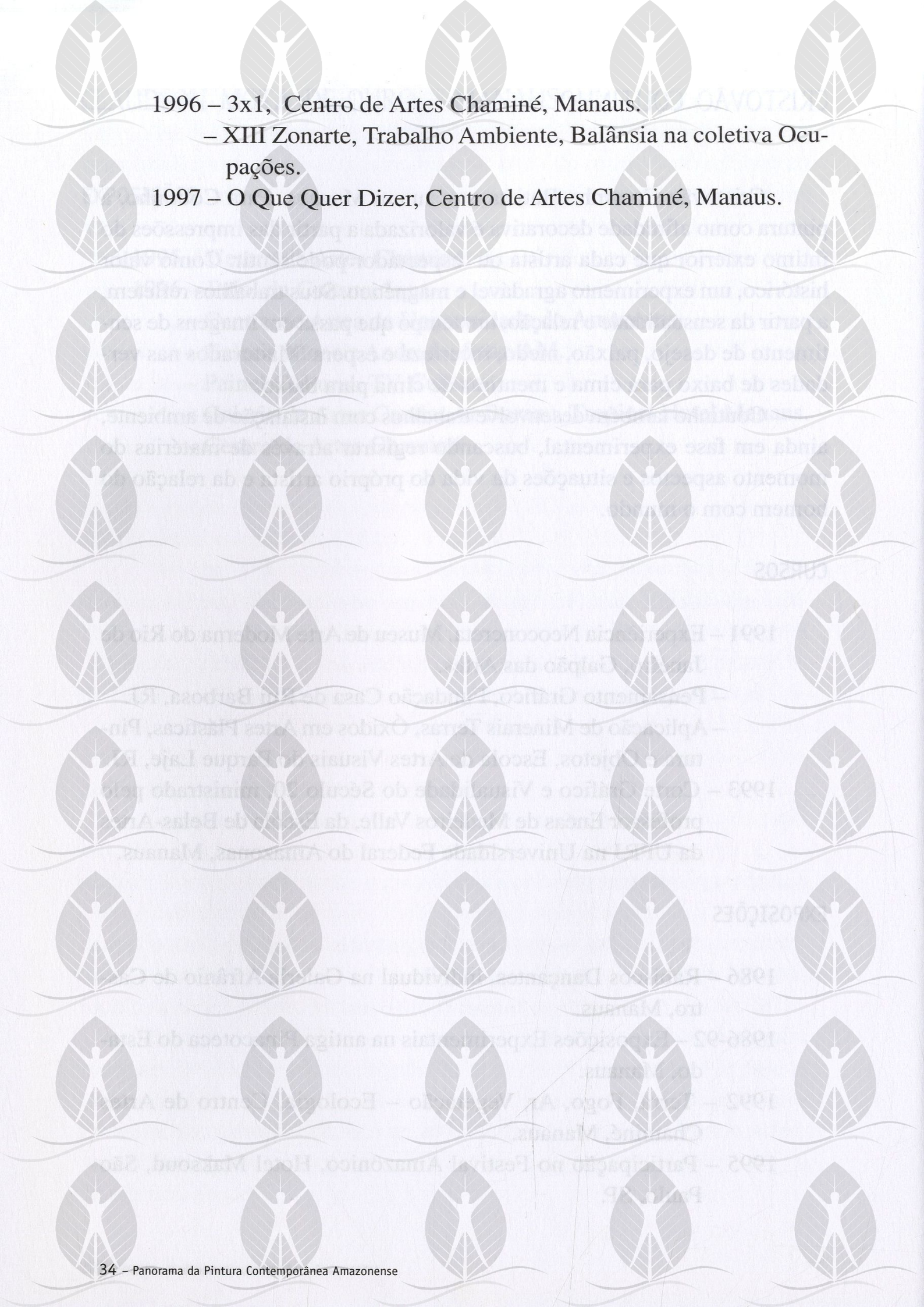
Coutinho também desenvolve trabalhos com instalação de ambiente, ainda em fase experimental, buscando registrar através de matérias do momento aspectos e situações da vida do próprio artista e da relação do homem com o mundo.

CURSOS

- 1991 – Experiência Neoconcreta, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Galpão das Artes.
- Pensamento Gráfico, Fundação Casa de Rui Barbosa, RJ.
- Aplicação de Minerais Terras, Óxidos em Artes Plásticas, Pintura e Objetos, Escola de Artes Visuais do Parque Laje, RJ.
- 1993 – Corte Gráfico e Visualidade do Século 20, ministrado pelo professor Enéas de Medeiros Valle, da Escola de Belas-Artes da UFRJ na Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

EXPOSIÇÕES

- 1986 – Rabiscos Dançantes, individual na Galeria Afrânio de Castro, Manaus.
- 1986-92 – Exposições Experimentais na antiga Pinacoteca do Estado, Manaus.
- 1992 – Terra, Fogo, Ar, Vegetação – Ecologia, Centro de Artes Chaminé, Manaus.
- 1995 – Participação no Festival Amazônico, Hotel Maksoud, São Paulo, SP.



1996 – 3x1, Centro de Artes Chaminé, Manaus.

– XIII Zonarte, Trabalho Ambiente, Balânia na coletiva Ocupações.

1997 – O Que Quer Dizer, Centro de Artes Chaminé, Manaus.

EDUELSON ANTÔNIO DOS SANTOS ALMEIDA

Nasceu em Macapá, a 3 de junho de 1961. Ainda menino, venceu um concurso infantil de desenho, num colégio onde freqüentava.

Adolescente, transferiu-se para Brasília, onde conviveu com artistas plásticos. Começa a pintar, realizou sua primeira exposição individual.

De Brasília, tempos depois, vai para Curitiba e participa do meio artístico.

Da capital paranaense, seu espírito itinerante levou-o para o Rio de Janeiro, onde cursou a Escola Nacional de Artes Visuais.

Eduelson vive em Manaus desde o ano 1987, tendo já participado de exposições coletivas e realizado outras individuais.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

1981 – Festival Universitário da Cultura do DF, UnB, Brasília.

– Salão Paranaense dos Novos, Teatro Guaíra, Curitiba.

1988 – I Encontro de Odontologia do Amazonas/FCS/UA, Manaus.

1989 – I Salão de Desenho de Manaus, Pinacoteca do Estado.

– VII Zonarte, Sesc-AM.

– Mostra coletiva na Fundação Ama Brasil, Manaus.

1990 – Mostra coletiva na Ordem da Rosa Cruz, Manaus.

– Olhar na Paisagem Amazônica, Casa da Cultura, Manaus.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1981 – Salão dos Espelhos da Casa do Artista, Brasília.

1988 – Galeria do Banco Itaú, Manaus.

1990 – Galeria do Hotel Imperial, Manaus.

ELI BACELAR DA SILVA

Vencedor do Concurso de Pintura e Desenho da Lista Telefônica 920 96/97 com a obra “União dos Bois”, onde Garantido e Caprichoso celebram uma festa de muita dança através da mistura de instrumentos variados que produzem sonoridade de muita paz. É a união dos bois e de suas torcidas, que acompanham cantando e dançando as toadas, mostrando assim a beleza da tradição do folclore de Parintins, considerado um dos melhores do mundo, realizado atualmente em junho.

EXPOSIÇÕES

1975 – 1.º Salão de Artes Plásticas, Sesc-AM.

1979 – Fundação Cultural do Amazonas.

1981 – 1.º Salão Aberto de Artes Plásticas Luis Naranjo Cuadra, Instituto Brasil-Chile.

1982 – 3.º Salão Universitário de Artes Plásticas.

1983 – 5.º Salão Nacional de Artes Plásticas, MAM, RJ.

1985 – Projeto Hahnemann Bacelar, Teatro Amazonas.

1987 – Exposição Comemorativa JK, Brasília.

1988 – Abertura do Salão Cidade de Manaus, *hall* do jornal *A Crítica*.

1989 – Galeria Anete Brito.

1990 – Museu Tiradentes, Polícia Militar do Amazonas.

1991 – Mostra Coletiva Inaugural Espaço de Arte Contemporânea.

1992 – Mostra individual, *hall* do Teatro Amazonas.

1994 – Exposição individual Espaço Nobre Galeria Claudio Santoro, Amazonas Shopping.



ELIBERTO BARRONCAS

EXPOSIÇÕES

1979 – 1.º Salão Aberto Luis Naranjo Cuadra/Cheik Clube, Manaus.

1982 – Individual, na Galeria Afrânio de Castro, Manaus.

– Individual, no Novotel, Manaus.

1986 – 9.º Salão Nacional, Belém.

1990 – O olhar a paisagem amazônica, Casa da Cultura, Manaus.

1995 – Festival Cultural e Gastronômico, Maksoud Plaza Hotel, SP.

– Individual, na Galeria do Sesc-AM.

“Quando nasceu não tem importância... Mas a cidade, de maneira insidiosa, nos segreda que morreu como um criminoso. Era filho de uma zeladora e morava no porão de um palácio. Por não querer se colocar em seu lugar, quis ser artista, um pintor, o que para gente de sua laia não poderia ser mais do que um pintor de paredes. Mas era um desses talentos plásticos que nada refreava, estava marcado para ser sempre vítima, algo contagioso e possivelmente merecesse desde já um reformatório. Visto sempre com maus olhos, o marginal foi aceito como um mal necessário. Deram-lhe os pés e ele quis as mãos. Para este sonhador não há esperança de despertar, o pesadelo será um aniquilamento irreduzível que a repressão provinciana alimenta com afinco. Conhecendo os favores de homens públicos, o convite para fazer o mural na nova agência do Banco do Brasil, Hahnemann nunca tomou essas facilidades como um fim, e por não aviltar a sua arte, a mentalidade utilitarista reconheceu isto como um sintoma da doença. Depois, quando começou a se drogar, como mais uma vítima da decadência moral da burguesia (Hahnemann foi atingido como um índio é atingido e morto pelas doenças civilizadas), todos sentiram-se gratificados. O passo mais lógico estava no suicídio, que ele transgrediu mais uma vez. Os provincianos bem-comportados não viram mais que um desagradável quadro clínico. Assim como o seu amor à pintura o levou a drogar-se e a destruir seus últimos trabalhos, recusou o ato solitário que é o suicídio, já que as angústias metafísicas que se colocavam em sua pele eram uma impostura civilizada. E do mesmo modo que fez a província engolir em seco com sua antropofagia amarela premiada e suas recusas, obrigou sua audiência a um espetáculo de sangue. Um ato tresloucado, disseram. Mas não sabiam que, ao dar um significado ao ato, nomearam suas impotências cultivadas. Hahnemann, já como um mito, vingou-se nesse reflexo.

Como a vida do pintor, sua pintura foi também um retorno a tragédias esquecidas. Naquele amarelo constante e quase sempre erótico, finalmente repugnante, Hahnemann reencontrou a agonia da Amazônia. Não somente a alienação dos caboclos, dos marginais da cidade, mas a determinista condenação ao genocídio destinada aos índios. Ao lado do discurso

branco, documentarista, esse rio subterrâneo que é a linguagem originária dos índios foi retomado. Hahnemann representa com sua tragédia o homem da Amazônia. Ele nos mostra constantemente que há algo na própria vida, na nossa cultura somente a poesia pode se aproximar. Assim como todo índio é um filósofo pré-socrático, que não reconhece o homem autoritário e nem estabelece graus de responsabilidade para as coisas, Hahnemann era como um daqueles anarquistas clássicos que confundiam a vida com a própria poesia. Pode, por isso, compreender a nossa região muito mais do que qualquer tecnocrata montado em estatísticas inverificáveis. O quadro de Hahnemann, “Cafuné”, corresponde, no extremo, às palavras livres de “Cobra-Norato”, isto é, no momento exato do escândalo. Bastou que Raul Bopp penetrasse nesse mundo antes do castigo, onde ele próprio era tangido pelo nexos poético, para que as palavras escapassem do artifício cultural da representação “pura”. Já não se trata da vitória das palavras sobre a representação oca da retórica, é a devassidão repetida no amarelo desejo que rompe com os limites da semelhança. A linha antropofágica de Hahnemann corresponde ao ato sexual de Cobra-Norato com a filha da Rainha Luzia, o objeto desejado e o orgasmo conseguido. “Cafuné”: o amarelo é o desejo representado e apenas envolvente pela presença das curvas obesas que delimitam os corpos, mergulhados como atores em transe que se entregam ao pleno reconhecimento dessa paixão incontrolável, ao mesmo tempo agressiva e inocente, exterior e quente. Eis a forma do desejo: a úmida textura do óleo, o envolvimento constante, o gesto de carícia, essas linhas marcam as possibilidades do delírio. A passividade está definitivamente banida de sua obra desesperada” (Márcio Souza – *A Expressão Amazonense*, Ed. Alfa Omega, 1973).

“O menino que um dia queria ser pintor e foi.

E também o mais genuíno dos pintores amazonenses, porque não houve outro ainda que tivesse as raízes tão profundamente entranhadas na terra.

Quando o conheci, tinha ele 13 ou 14 anos. Expunha pela primeira vez na Feira de Artes Plásticas do Clube da Madrugada, lá na praça da Saudade. E já então os seus quadros tinham por tema o povo e os costumes de sua terra, do interior e da cidade de Manaus, onde nasceu. Tanto a ingenuidade faceira das moças do interior como o bulício desbragado das

meninas ‘da Frei José dos Inocentes’, eram tratados com a mesma leve ironia e tocante ternura de quem é da mesma gente.

Simples, com uma economia extrema de pormenores, mas de uma força telúrica intensa, estes esboços fixaram no momento eterno as atitudes da sua gente, às vezes de modo grotesco, irreverente, mas sempre marcadas pelo gesto ancestral.

Por eles se pode medir o gênio de Hahnemann.

Aquela foi a época da demolição de valores, da negação da arte, das drogas, do movimento *hippie*. Hahnemann, como muitos outros jovens, não pôde deixar de se envolver pela doutrina nova e fascinante.

Usou cabelo *black power*, jeans, deixou de pintar – ‘quadro a óleo já era’ – fez ‘viagens’.

Depois... Depois foi tempo de pesadelo.

A notícia apareceu no jornal em pleno carnaval. Mostrei para Regina e durante toda a manhã, sombrios, não trocamos comentários.

Só à hora do almoço, na defesa das paredes de nossa casa, ainda falamos, a Regina me abraçou chorando sem controle. Só assim conversamos sobre a notícia. Tinha de haver alguma coisa errada.

Lúcia apareceu ao fim da tarde. O que aconteceu? Lúcia, dilacerada, foi à Delegacia de Polícia. Lá não sabiam de nada.

Telefonaram para Belém. E a resposta veio num telegrama lacônico e cru. Era verdade.

Não sei quantos dias se passaram sem que tivesse coragem de ir à casa de Hahnemann. A mãe, alucinada, chorando falava, repetia-se numa obsessão, sem que as frases se ligassem. Segurei-lhe a cabeça para que não enlouquesse.

Hahnemann suicidou-se em Belém no dia 22 de fevereiro de 1971. Tinha 23 anos. Naquele dia, a lâmina da tesoura se cravou em todos os nossos corações, não só no dele.

Ainda dói?” (Álvaro Páscoa, texto extraído da apresentação do livro *Hahnemann*, Edições Governo do Estado do Amazonas, 1981).

HOMERO AMAZONAS DE OLIVEIRA

Nasceu no dia 5 de setembro de 1953, dia do Amazonas, daí o seu nome. Em seu depoimento afirma: “Traduzo nas minhas visões as reminiscências ancestrais que afloram e inspiram minha sensibilidade”.

“De São Paulo de Olivença, à beira das águas grandes do rio Solimões, terra de meus avós de ascendência indígena, às águas plácidas do lago de Tefé, onde nasci, meus olhos colheram na infância as imagens fortes que marcam meus trabalhos, sempre procurando na magia das cores exprimir os variados aspectos da cultura e a extinção da natureza e das tribos indígenas. As pegadas do índio, tanto ontem como hoje, apesar de tudo, ainda abrem trilhas e roçados; as matas, cujas raízes bebem do solo (água) a seiva da vida, estão como o índio, em comunhão com ele, entranhadas na terra e constituem parte inseparável da natureza amazônica”.

EXPOSIÇÕES

- 1979 – Salão Luis Naranjo Cuadra; Salão Hahnemann Bacelar, Teatro Amazonas.
- 1980 – Museu de Arte Contemporânea, São Paulo.
- 1984 – Salão Suframa de Artes Plásticas, Manaus.
- 1985 – Salão Zonarte, Manaus.
 - Salão Suframa de Artes Plásticas, Manaus.
- 1986 – Salão Tropical Hotel Manaus.
 - Salão Ibirapuera, São Paulo.
 - Amostra Festival Universitário de Manaus.
 - 1.º Lugar no Concurso de Artes Plásticas, Telamazon, Manaus.
- 1987 – I Festival Latino-Americano de Arte e Cultura UnB, Brasília.
- 1988 – Amostra Coletiva Amazônica “Somos Nós”, Hotel Imperial, Manaus.
 - III Salão Sesi-AM.
- 1991 – Amostra Coletiva Amazonense, Casa da Cultura, Manaus.
 - Salão Sesi-AM.
- 1992 – Amazonas Shopping, Manaus.



– Escola Kantowsschule Wetzkon – 500 Anos de Resistência Indígena (Suíça).

– Volkiland (Shopping) Mittwoch Zurich, Suíça.

– Salão de Artes Plásticas da Aeronáutica, Brasília.

1993 – Espaço Livre Claudio Santoro, Amazonas Shopping.

– Arte Amazônica Sebrae, Brasília.

– Museu de Arte Brasileira, Paineis de Artistas Plásticos Brasileiros, SP.

– Exposição Coletiva Arte Amazônica Sebrae, AM, Shopping.

1994 – Novotel, Manaus.

– Amazonas Shopping.

IGNÁCIO EVANGELISTA

Ignácio de Loiola Pantoja Evangelista nasceu em 11 de outubro de 1942 em Manaus. Começou a pintar desde garoto e aos 12 anos se revelou como grande artista plástico ao participar das Maratonas de Pintura realizadas pelo Instituto de Educação do Amazonas, onde realizou seus estudos desde o curso primário até o curso normal.

Ignácio é um pintor regionalista que em suas telas exalta as cores e a beleza da fauna e flora de sua região. Além de artista plástico é escritor e foi membro do Clube da Madrugada, Manaus, da Aplub – Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil, Porto Alegre, RS, da Associação de Artistas Plásticos Francisco Lisboa, Porto Alegre.

Vale ressaltar que Evangelista é um dos únicos artistas no Amazonas que vive da arte que produz.

CURSOS

1963 – Curso de Pintura no Colégio São Judas Tadeu.

1978 – Curso de Arte Brasileira, Visão Crítica e História do Século 7 a 20, Museu Nacional de Arte e Instituto Nacional de Artes Plásticas, RJ.

1979 – Curso de Arte Contemporânea, Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro.

1980 – Curso Básico de Introdução às Artes Plásticas, Centro Municipal de Cultura, Porto Alegre.

1982 – Curso de Introdução à Arte Moderna Brasileira, Funarte e Projeto Arco-íris, Manaus.

EXPOSIÇÕES

1972 – Salão Aberto de Artes Plásticas, Manaus.

1973 – XIII Bienal de São Paulo.

1977 – 1.º Salão Curupira de Artes Plásticas, Manaus.



1978 – Salão Aberto Naranja, premiado com a Medalha de Ouro,
Manaus.

– 1.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Prêmio Aquisição,
Rio de Janeiro.

1981 – 2.º Salão Curupira de Artes Plásticas, Manaus.

1984 – III Encontro Norte/Nordeste de Escritores e Artistas Plásti-
cos.

1989 – A Arte Denuncia a Devastação da Amazônia, Brasília.

ITACI BITTENCOURT

Itaci Fernandes Bittencourt dos Santos nasceu em 1.º de abril de 1965 em São Paulo.

CURSOS

1976-77 – Curso de Criatividade Artística no Centro Cultural de Santos, SP.

1986 – Curso de Desenho no Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello”, ministrado pelo artista plástico Anísio Mello.

1988 – Curso Livre de Pintura realizado pela Universidade Federal do Amazonas, ministrado pelo prof. Herculano.

1989 – Oficina de Pintura e Pigmento, projeto Funarte, ministrado pelo artista plástico Manfredo de Souza Netto.

1990-91 – Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, na Escola de Arte Rodrigo Mello Franco de Andrade, Faop – Fundação de Arte de Ouro Preto, ministrado pelo restaurador Silvio Luiz Rodriguez.

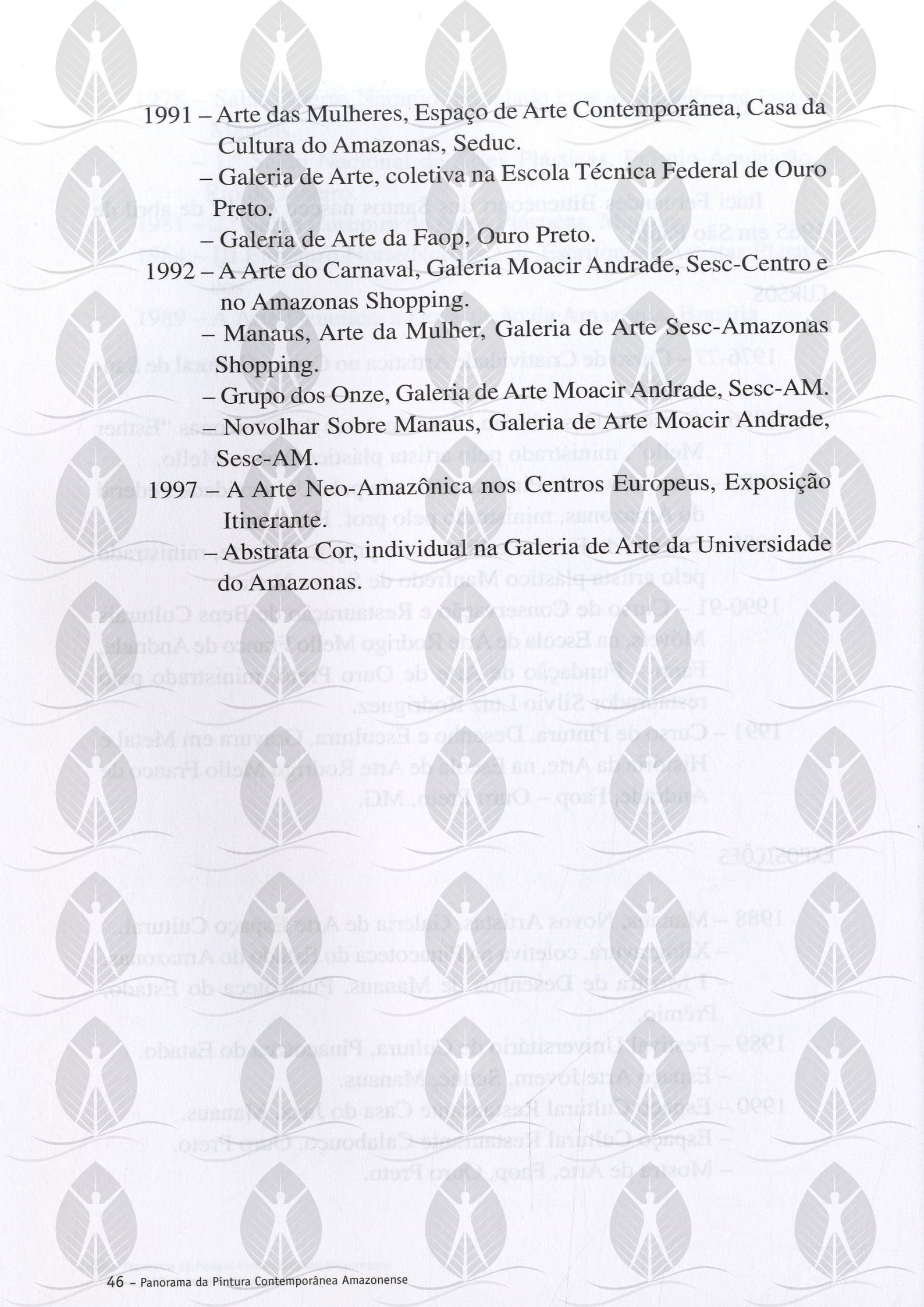
1991 – Curso de Pintura, Desenho e Escultura, Gravura em Metal e História da Arte, na Escola de Arte Rodrigo Mello Franco de Andrade, Faop – Ouro Preto, MG.

EXPOSIÇÕES

1988 – Manaus, Novos Artistas, Galeria de Arte Espaço Cultural.
– Xilogravura, coletiva na Pinacoteca do Estado do Amazonas.
– I Mostra de Desenhos de Manaus, Pinacoteca do Estado, Prêmio.

1989 – Festival Universitário de Cultura, Pinacoteca do Estado.
– Espaço Arte Jovem, Seduc, Manaus.

1990 – Espaço Cultural Restaurante Casa do Jazz, Manaus.
– Espaço Cultural Restaurante Calabouço, Ouro Preto.
– Mostra de Arte, Faop, Ouro Preto.

- 
- 1991 – Arte das Mulheres, Espaço de Arte Contemporânea, Casa da Cultura do Amazonas, Seduc.
– Galeria de Arte, coletiva na Escola Técnica Federal de Ouro Preto.
– Galeria de Arte da Faop, Ouro Preto.
- 1992 – A Arte do Carnaval, Galeria Moacir Andrade, Sesc-Centro e no Amazonas Shopping.
– Manaus, Arte da Mulher, Galeria de Arte Sesc-Amazonas Shopping.
– Grupo dos Onze, Galeria de Arte Moacir Andrade, Sesc-AM.
– Novolhar Sobre Manaus, Galeria de Arte Moacir Andrade, Sesc-AM.
- 1997 – A Arte Neo-Amazonica nos Centros Europeus, Exposição Itinerante.
– Abstrata Cor, individual na Galeria de Arte da Universidade do Amazonas.

JAIR JACQMONT

Jair passou dois anos apenas participando em poucas exposições coletivas no Estado, até que lançou novamente uma grande exposição individual em 13 de maio de 1999 no Espaço Cultural Palácio Rio Negro, apresentando 50 telas, onde é retratada uma tradição peculiar amazonense – os banhos.

Jacqmont diz: “O amazonense corre para a água como tartaruga”. “Banhistas” é uma exposição que mostra duas fases bem distintas do trabalho do artista. A primeira fase aconteceu entre 1982 e 1987, quando pintou uma série de 30 quadros sobre o tema. Para retomar o projeto, Jacqmont buscou novas influências para produzir o restante das obras em 1999. “A reforma da Ponta Negra, ressaltando a beleza do rio Negro, fez com que eu observasse novos ângulos. Uma nova produção foi imediata e eu já estava com a idéia fixa em montar esta exposição”, diz Jair.

O jornal *A Crítica* comenta: “O resultado surpreende pela mistura de estilos, com técnicas, cores e até traços diferentes. Os quadros dos anos 80 transmitem, por exemplo, mais objetividade, apesar da utilização do colorido. As telas produzidas em 1999 causam impressão inversa. Jair está mais despojado, brinca mais com a aquarela, colagens e com cores foscas e até densas.

Mesmo assim, o que importa ao espectador é a sensação do molhado, de como estivesse saindo de um banho no rio. Enfim, um *insight clean*”.

Jair montou o conjunto das obras inspirado na horizontalidade da paisagem do rio Negro. A maioria das obras com um céu azul nebuloso, um rio que recebe esse reflexo azulado, uma vegetação ao fundo e paisagens horizontais, com modelos em horizontais, com telas horizontais. Todo o conjunto manifesta isto e nada é aleatório.

As telas são frutos de uma coletânea de fotos produzidas pelo artista, e este até expõe algumas para mostrar sua beleza e para que o público possa ver a diferença do repasse para os quadros.

Jair Jacqmont possui um estilo neo-impressionista que, segundo o próprio artista, descarta totalmente qualquer comparação, pois uma exposição não pode procurar imitações e tem de ter conceito. Ainda afirma: “A tentativa de criar o novo é o que interessa”.

Jair, com 30 anos de carreira artística, mistura inúmeras técnicas com o objetivo único de salientar requinte no conjunto de suas obras. Em “Banhistas”, por exemplo, as técnicas usadas são aquarela sobre papel, acrílico aquarelado sobre papel, acrílico sobre tela e colagem sobre tela.

EXPOSIÇÕES

1965 – Colégio D. Bosco, Manaus.

1965-1966 – Clube da Madrugada, Manaus.

1975 – 7.º Salão de Verão, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

1977-78 – Teatro Amazonas.

1979 – Exposição sobre o Dia da Ecologia de Artistas Mineiros, Palácio das Artes de Minas Gerais.

1979 – 13.º Festival de Inverno de Ouro Preto.

1980 – Salão Universitário do Amazonas.

– Coletiva pelo interior do Amazonas, FCA.

– Exposição Prêmio Governo do Estado do Amazonas, Sefaz-AM (1.º lugar em pintura).

1981 – IV Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, MAM, RJ.

1982 – V Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, MAM, RJ (Prêmio Aquisição).

1983 – VI Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, MAM, RJ (Prêmio Menção de Júri).

– Feira de Cultura Brasileira, Pavilhão da Bienal, SP.

– Panorama/83 – Pintura, MAM, SP.

– Galeria Rodrigo Mello Franco de Andrade, Funarte, RJ.

– Bienal de Valparaíso, Chile.

– Memorial JK, Artistas Amazonenses, Brasília.

– Coletivas de Artistas Amazonenses, Recife.

– Brasil Pintura das Artes, Minas Gerais.

1984 – VII Salão de Artes Plásticas, Funarte, MAM, RJ.

– Como Vai Você, Geração 80?, Parque Lage, RJ.

– Panorama/84, Arte sobre Papel, MAM, SP.

- 1.º Salão Nacional de Artes, Belo Horizonte (Prêmio Aquisição).
- Arte na rua, 2, SP.
- 1985 – Velha Mania, Parque Lage, RJ.
- 42.º Salão Paranaense de Artes Plásticas (Prêmio).
- III Salão Paulista de Arte Contemporânea, SP.
- 1985-1987 – Dez Artistas Brasileiros, Arte sobre Papel, FFUU.
- VII Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, MAM, RJ.
- 1986 – Ecologia, Espaço Cultural da Petrobras, RJ.
- Verde, Galeria Afrânio Castro, Manaus.
- 1987 – Galeria ELEF, Belém.
- Galeria Espaço Cultural, Manaus.
- 1988 – Coletiva Pará – Amazonas, porto de Manaus.
- Coletiva Pará – Amazonas, Centro Cultural Tancredo Neves, Belém.
- Salão Curupira, Pinacoteca do Estado.
- 1989 – Mostra Coletiva de Artistas Contemporâneos do Amazonas, FAAP, Museu de Arte Brasileira, SP.
- 1990 – O olhar na paisagem, Casa da Cultura, AM.
- 1990 – Olhar Van Gogh, Itinerante, FAAP, SP; Parque Lage, RJ; Brasília, Porto Alegre, etc.
- 1991 – Pintura Brasil, década 80, Campo Grande.
- 1992 – Terra, Fogo, Ar, Vegetação, Centro de Artes, AM.
- Panorama de Arte Contemporânea Amazonense, A Arte de Jair Jacqmont, Galeria de Arte Sesc “Moacir Andrade”.
- Madeira/1992, Inquietações.
- Cagin Manaus.
- Isahu Desing, Manaus.
- 1993 – Isahu Desing, Manaus.
- New Desing, Manaus.
- Inauguração do Centro de Artes Chaminé.
- Espaço Sesc Cultura, Amazonas Shopping.
- 1996 – Amazonas Shopping/Arte 96.
- 1997 – Amazonas Shopping/Arte 97.
- Centro Cultural Palácio Rio Negro.

TRABALHOS REALIZADOS

- Desenhou o altar do papa João Paulo II, quando da sua visita a Manaus.
- Capa do Livro *Crisântemo de Cem Pétalas* – Luiz Bacellar e Roberto Evangelista.
- *Stand* da Emantur sobre Ecoturismo e Viagens de Aventuras, Tropical Hotel, 1993.
- Curadoria Zonarte 1995-1996, Projeto da Berlinda de N. Sra. da Conceição, Manaus, 1996.
- Participou da Comissão de Restauração do Palácio Rio Negro de 1981 a 1982.
- Participou da restauração de pinturas (8) das paredes do gabinete da presidência da Assembléia Legislativa, 1993.
- Participou da restauração do quadro “Lei Áurea do Amazonas”, de Aurélio Figueiredo, 1993.

JOÃO BOSCO LADISLAU DE ANDRADE

Nasceu em Manaus, 1954. Formado em Ciências e em Engenharia Civil, pela Universidade Federal do Amazonas. Mestre em Engenharia Sanitária e Ambiental, pela Universidade Federal da Paraíba. Doutor em Hidráulica e Saneamento, pela Universidade de São Paulo. Poeta, articulista, colaborador em diversos jornais, ilustrador, programador visual, iluminador e cenógrafo.

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES

- 1983 – Exposição de Artes, Sindicato dos Metalúrgicos, Manaus.
- 1984 – I Expoarte, Instituto de Tecnologia da Amazônia, Manaus.
- 1985 – Exposição Coletiva dos Artistas Amazonenses, Teatro Amazonas.
 - Salão Artes Contemporâneas Amazonense, Faculdade de Direito.
 - Mostra Coletiva Inaugural, Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello” e Sede da Amap – Associação Amazonense de Artistas Plásticos.
 - Exposição O Projeto Madeira, Galeria Afrânio de Castro, Manaus.
 - II Expoarte, Instituto de Tecnologia da Amazônia.
 - Mostra Coletiva de Artistas Plásticos do Amazonas, Galeria do Estudante/Colégio Amazonense Pedro II.
 - Pintura Amazonense, Cecomiz.
 - No Acervo da Pintura da Pinacoteca do Estado, Biblioteca Pública.
- 1998 – II Salão Nacional de Artes Plásticas do Amazonas “Branco Silva”, Centro de Negócios do Sebrae-AM.

“O Dr. João Bosco Ladislau, enquanto artista, se revela um excelente desenhista, um maestro das cores, do contraste das linhas suaves e elegantes e das figuras geométricas, delinea os contornos dos objetos e do contraste das cores define as expressões. A forma prima pela razão e

o conteúdo pela emoção. Não existem traços que denotem descontrole emocional. Tudo é perfeitamente premeditado, linhas suaves, perfeitas, como raciocínio, como o pensamento do autor. Em suas telas estão expostas formas perfeitas, cores vivas, suas emoções, suas saudades, suas vaidades, sua visão de uma realidade com a qual não comunga. Apesar do conteúdo, onde seguidamente expõe as mazelas e as contradições do cotidiano, o artista transmite juventude e esperança, em cores vivas e alegres como a querer inundar de luz e alegria o ambiente.

O artista Bosco Ladislau não dissimula. O que pensa, o que vê, o que sente, expressa através do desenho, da pintura. Em suas telas expõe primordialmente o cotidiano. Não é adepto do andrajoso, do grotesco. A sua ‘Madona das calçadas do mundo’ chega a ser bela, formosa e sensual. ‘O verdadeiro reciclador’, apesar de retratar uma realidade social, muitas vezes deplorável, não escarnece a figura humana, ao contrário, dignifica a criatividade, enaltece a função social, integra o homem...” (Ailton Luiz Soares).

“Difícilmente se poderá constatar que a pintura brasileira, no longo caminho que percorreu para atingir uma expressão artística amadurecida, na qual sobressaem um certo aspecto autônomo e a dominação de uma razoável variedade de técnicas, em quase todas as escolas, vivenciou determinadas etapas que em nada são diferentes do processo geral ao qual esteve submetida a pintura dos demais países que constituem essa nossa América Latina. Senão, vejamos!

Praticamente restritas aos centros coloniais de maior riqueza como Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, nossas atividades artísticas, em sua primeira etapa, foram profundamente marcadas pelos sacerdotes, cujas irmandades constituíam o único e reduzido mercado consumidor de arte. Nessa fase, a pintura brasileira era feita por autodatas que, inspirando-se em gravuras religiosas estrangeiras, faziam trabalhos que serviam ao adorno das igrejas. Posteriormente, desenvolveram-se: a pintura de retratos – completamente a serviço da burguesia colonial e desprovida de qualquer caráter popular ou de autenticidade brasileira; a pintura de paisagens e retratos do gênero romântico – a partir, principalmente, da chegada da Missão Artística Francesa (1816) – e, finalmente, a pintura atual, onde convivem lado a lado as principais tendências surgidas ao longo deste século, ainda que orientada pela estética dos salões europeus, principalmente.

Desse modo, se por um lado as etapas histórico-estéticas mencionadas serviram para assegurar determinados avanços, por outro lado, um país em formação, cultural e economicamente dependente como o nosso, constituiu-se no terreno fértil para a produção, em nível nacional – tanto para a arte quanto para o artista de um modo geral –, de um contexto de sujeição ao poder, da passividade e, acima de tudo, de marginalização. É nesse quadro que se insere a pintura contemporânea amazonense.

Num tempo em que se observa que os mecanismos de industrialização e comercialização existentes têm possibilitado em outros lugares mais ou menos desenvolvidos o surgimento de novos sistemas de divulgação, galerias e exposições individuais ou coletivas que estimulam de modo cada vez mais crescente o aparecimento de novos artistas ao ponto de existirem diversas exposições simultaneamente e até mesmo a venda de pinturas em supermercados, bares e lojas – gerando inclusive o confronto entre a visão da arte como fenômeno estético e como fenômeno puramente comercial, profundamente analisado por Ferreira Gullar em sua obra *Vanguarda e subdesenvolvimento* –, o artista plástico contemporâneo, como dizíamos, tem podido dispor de um mercado de arte de massa que nada mais é senão uma trincheira a mais, conquistada na sua luta por novos espaços e, simultaneamente, dar a sua arte um caráter maior de acessibilidade, extrapolando-a para além do restrito círculo das elites. Não é isso, porém, que ocorre com as artes plásticas no Amazonas.

Vítimas quase sempre da inexistência de propostas culturais sérias da parte do Estado, aos artistas plásticos no Amazonas não são asseguradas as mínimas condições. Enquanto no eixo Rio–São Paulo os artistas expõem em diversas galerias, tornando realidade o que dissemos acima, em nosso Estado sobrepõe-se-nos um quadro de precariedade quase absoluta de material, informação e técnica. Faltam-nos as condições necessárias à produção (garantida através de cursos, seminários, etc.) e à divulgação (garantida através da realização de exposições, abertura de galerias e outros espaços).

Sem um mercado consumidor e com um número reduzidíssimo de galerias que têm agendas tomadas para o ano todo, os artistas que, no Amazonas, têm uma produção intensa, sentem-se obrigados a buscar outros centros, adicionando despesas que incluem viagens, remessas de obras, ou

saírem à cata de uma clientela local em lugares onde freqüentemente ela não é encontrada. Em contrapartida, são-lhes apresentadas 'saídas' paternalistas que se resumem geralmente na cobrança de um posicionamento passivo diante das adversidades e o conseqüente rebaixamento de seu potencial crítico. É natural, portanto, que para se resguardar da posição de pedintes dos gabinetes públicos torne-se urgente, para os artistas plásticos no Amazonas, o distanciamento do vexame total que causaria a aceitação de tal tipo de favor, evitando-se com isso uma submissão aos interesses de uma classe dominante que age única e exclusivamente no sentido de fazer com que as atividades culturais, submetidas ao controle do poder, não possam se realizar senão através dos interesses palacianos.

De igual maneira, entendemos ser da competência do artista plástico amazonense, não a busca de soluções isoladas, o que nem sempre é a melhor resposta, mas um pacto entre os artistas para se discutir amplamente os problemas da classe, entre os quais: o desatrelamento absoluto de qualquer tipo de favor, assegurando um pensar e um fazer de forma clara, independente e distante de qualquer tipo de passividade; as formas segundo as quais poderiam ser utilizados eficientemente os espaços alternativos receptivos a um volume cada vez mais crescente de produção; os rumos que podem tomar uma verdadeira pintura amazonense – encarando a realidade que a cerca e procurando nela e no que acontece a seu redor sua razão de ser; e, sobremaneira, uma discussão ampla sobre como a pintura amazonense se encontra hoje em dia.

Nesse particular, cabe dizer que, no geral, esteticamente, a pintura que se faz no Amazonas nos dias atuais está diante de um dilema. Ela tem que escolher urgentemente, sem hesitações, um destes dois caminhos: ou ser uma simples reprodução das escolas (cubismo, expressionismo, surrealismo, pintura ingênua, abstracionismos sensível e geométrico, etc.) e dos estilos em voga em determinados centros ou, então, aprofundar as assimilações e a razoável liberdade técnica e expressiva que ainda possui – e que a deixa numa situação um pouco melhor que a de um *pastiche* –, olhando de frente nossa realidade circunstante.

No primeiro caso, teremos artistas conhecedores das diferentes tendências em pintura, praticantes autênticos de concepções estáticas, mas que de forma alguma contribuem para uma verdadeira intervenção no debate acerca de uma realidade estática ou da realidade na qual vivemos.

O máximo a que podemos chegar, em termos de pintura atual, nesse caso, será nada mais, nada menos que ao exercício puro e simples de modas recentes, como aquela de que nos fala o crítico Radha Abramo quando nos diz que: *A moda hoje é largar o pincel a toda, sobre uma superfície, ou arranhar o papel, com qualquer instrumento e depois chamar a pagodeira de arte gestual, etc. e tal.* No segundo caso, estaremos em face de um artista possivelmente inferior ao primeiro em relação a determinados conhecimentos no campo da pintura. Em contrapartida estaremos diante de alguém que possui uma vontade criadora e que, por isso mesmo, é potencialmente capaz de caracterizar nossa pintura como original na medida em que se manifesta as legítimas expressões de nossa terra, do nosso povo, da nossa cultura e do nosso tempo, tal como ele foi visto, compreendido e traduzido.

Até o presente momento a escolha para os rumos da pintura que é feita no Amazonas tem convergido na maioria das vezes, segundo nos parece, para aquele primeiro caso, gerando como já havéramos afirmado antes, a falta de autenticidade. Aliás, a falta de autenticidade é que tem sido até aqui um dos óbices para desenvolver ou aprofundar um modo de pensar, fazer e sentir amazônico e, por conseguinte, brasileiro, causando, de quebra, alguns equívocos. Basta que se leve em consideração que, embora executada no Amazonas, a pintura amazonense contemporânea conserva algumas características acadêmicas que transparecem na composição da cor, restabelecendo dessa maneira uma ligação estética com o passado colonial e fazendo-nos acreditar que o importante em uma determinada obra é apenas o seu caráter anedótico ou de conteúdo. Aí estão os vulgarizadores que não nos deixam mentir!

Ao desenvolverem um regionalismo ora exótico, ora banal, alguns diluidores tentam encurtar o caminho para a fama apresentando trabalhos baseados, por exemplo, na pintura ingênua de Henri Rousseau (*A hipnotizadora de serpentes* – 1907, *O sonho* – 1910, etc.) e, como seria natural, as formas – incluindo as cores – passam a ser européias e destituídas de ar tropical; embora se conserve original o mesmo a despeito de a pintura ingênua não ser exatamente uma qualidade moderna, no dizer de Herbert Read em *História da pintura moderna*. Outros tentam mistificar que lhes serve de tema, descaracterizando-a por completo na ânsia de pintar vitórias-régias, pores-do-sol, índios, etc., sem, contudo, romper com o pas-

sado na crença de que, por tal procedimento, está sendo feita a pintura amazônica.

Estamos longe da época em que Gustave Coubert (1819-1877) dizia com todo vigor:

A pintura é uma arte essencialmente objetiva e consiste na representação das coisas reais existentes. Um motivo abstrato, invisível, não pertence ao domínio da pintura. A imaginação na arte consiste em saber achar a expressão mais completa de uma coisa existente, jamais na sugestão ou criação da mesma. O belo está na natureza e encontra-se na realidade, sob as mais diversas formas. O belo, como o verdadeiro, é algo relativo ao tempo em que se vive e ao indivíduo apto a concedê-lo. A expressão da beleza está em relação direta com o poder de percepção adquirido pelo artista. Não pode haver escolas, só existem pintores.

No entanto, estamos muito próximos, pelos contínuos avanços da arte, de rupturas sucessivas com os conceitos vigentes. Enquanto Coubert instaurava a realidade virtual como modelo necessário à arte, consolidou-se – a despeito da incompreensão do público – numa afirmação crescente, o abstracionismo e este, por sua vez, contou como reação com o figurativismo expressionista de Beckmann. Enfim, esses exemplos atestam que na busca por autênticos elementos estéticos valem a revisão e o aprofundamento dos estilos, a perseverança na solução de problemas constantes e o desenvolvimento da capacidade criadora. Esse é o caminho que julgamos necessário para que a pintura manifestada nas linhas e cores – onde predomina o conjunto: forma + conteúdo = autêntica pintura amazônica.

Ao lado de tudo isso há entre os que têm dado largos passos no sentido de buscar soluções imediatas para os problemas citados anteriormente. Estão aí para comprovar as buscas de alternativas no campo estético os trabalhos sérios de artistas como Manuel Santiago (artista impressionista, porém tocado de amazonidade, precursor da arte abstrata em nível de Brasil); Hahnemann Bacelar (um dos mais autênticos pintores amazônicos, cujas telas tinham por tema o povo do interior e seus costumes,

desnudados no flagelo da alienação e do extermínio); Rodrigues (que usando uma linguagem expressionista, centrada na pesquisa de cores, formas e movimentos, tem se constituído em um marco na pintura amazonense contemporânea); Jair Cantanhede (transvanguardista original); Mário de Paula (outro expressionista de grande valor); Anísio Mello e outros.

No campo dos entraves político-burocrático-culturais surgem alternativas como o Liceu de Artes do Amazonas Esther Mello, Galeria Afrânio de Castro e a Associação Amazonense de Artistas Plásticos – Amap, onde alguns membros têm buscado fazer não uma pintura moderna, pois conforme considera o crítico Georges Michel na sua obra *Les grands époques de la peinture moderne, de Delacroix à nos jours*: “toda pintura moderna tornar-se-á mais tarde, assim como a pintura antiga de hoje foi moderna a seu tempo”. Esses artistas investiram-se da obrigação e do direito de realizar, como dizíamos, uma pintura contemporânea.

Em resumo, com as exigências do desenvolvimento do capitalismo e sua tendência em converter a arte em um mero objeto entre tantos outros, em uma coisa amorfa, a-histórica e acrítica, compete ao artista plástico contemporâneo amazonense um exercício contínuo de reflexão visto estar nesse ato a possibilidade plena de viver sua arte como algo mais que uma aspiração à liberdade. É nisto que acreditamos!” (texto de Bosco Ladislau no livro *Arte e delírio: reflexões sobre a cultura no Amazonas*. Paulo Graça, Aldisio Filgueiras, Bosco Ladislau, Narciso Lobo, Dori Carvalho. Diretório Universitário – UFAM. Manaus, 1985).

“A arte plástica em Manaus teve importante movimento com a realização da exposição de Arte Contemporânea Amazonense na Faculdade de Direito. Estavam expostos trabalhos de Moacir Andrade, Auxiliadora Zuazo, Rodrigues, Bosco Ladislau, Rui Machado, Edemberg Júnior e tantos outros.

Um dos expositores, João Bosco Ladislau, na oportunidade fez um manifesto... Eis o Manifesto:

Como não podia deixar de ser, está sendo exposta, novamente, nossa condição de artista brasileiro. Assim, no princípio, fomos antropófagos. Depois, saciado nosso apetite onívoro, entramos em jejum. E agora, novamente, estamos com vontade de comer.

Ávidos de coisas novas, presentes e vivas, não queremos regras e nem submissão da arte ao seu grande passado.

A arte é uma aspiração à liberdade!

Por isso, cada artista deverá ser inventor de uma nova arte que seja a expressão livre de seu ritmo pessoal e na qual se encontra sua época tal como ele a viu, compreendeu e traduziu.

Para tanto é necessário apenas um pantagruélico repasto da essência interior das coisas, retirando deles a energia jovem, violenta e incendiária de que necessitamos.

Já é tempo pois de provocar um duplo incêndio: o da tradição (repugnante forma de preguiça mental) e o do artista-vítima-do-sistema-e-por-isso-mesmo-bastante-infeliz. Vamos! Vamos! De calcinação desses dois pólos emergirá nossa sabedoria! Afinal, que outra forma existe para transformar o pó cinzento da mediocridade num belo quadro multicolorido?

Desejosos nós também de contribuir o necessário com as novíssimas formas de arte, já começamos a preparar os talleres para a comilança sem precedentes e breve, muito breve, transformaremos o jantar num espetáculo pirotécnico.

“João Bosco Ladislau expressa-se nas estéticas cubista e surrealista embora, como considera, não ter um compromisso definitivo sobre o estilo. ‘Dentro do surrealismo meu grande influenciador, tanto em nível teórico quanto ao prático é o genial Salvador Dali que conseguiu com sua estética da paranóia crítica me seduzir e o apego ao cubismo. Tanto em nível analítico quanto sintético, envolveram-me a maneira inteligente de George Braque e Pablo Picasso, principalmente por conseguirem solucionar problemas de aparentes difíceis soluções na composição e no uso das cores’, define João Bosco” (extraído do jornal *A Crítica*, de 13 de maio de 1985).

“Falar sobre artes plásticas, no Amazonas, é um dos desafios mais gigantescos que se podem colocar quer para o artista, quer para o crítico e ainda mais para aqueles que, como nós, tentam unir à prática da arte a reflexão sobre ela. Inúmeras são as razões que concorrem para isso...” (extraído de artigo do *Jornal do Comércio*, de 16 de maio de 1986).

“Dentro do amplo panorama da pintura amazonense, seus diferentes rumos passam, desde há muito tempo, pela independência com o conceito de regionalidade.

Esse é o divisor de águas, em derredor do qual se edifica todo o *modus vivendi* do movimento das artes plásticas no Amazonas. Dele, decorre, por um lado, a falta de autoridade que conduz alguns à crença de que a verdadeira pintura amazonense é aquela que está restrita apenas ao seu caráter anedótico ou de conteúdo; e, por outro lado, o desempenho dos que põem em relevo as questões referentes ao desenvolvimento de uma arte com novas propostas resultante de uma nova interpretação da visibilidade amazônica.

No caso específico dessa segunda vertente – mesmo sabendo o risco da parcialidade que uma relação dessa natureza possa conter –, deliberadamente, ousamos apontar os melhores exemplos e que se manifestam, acima de tudo, nas obras de artistas como Rita Loureiro, Arnaldo Garcez, Sergio Cardoso, Otoni Mesquita, Jair Cantanhede, Rodrigues, Eli Baccelar, Mário de Paula e Auxiliadora Zuazo.

Claro está que nem todos desenvolvem uma arte regular e acabada. Isenta de qualquer julgamento. Mas, o que há de peculiarmente bom entre eles é o fato de, bem ou mal, não deixarem de colocar e resolver problemas sérios acerca da pintura amazonense. ‘Os artistas contemporâneos estão preocupados com a pesquisa e com a visibilidade amazônica. Sua água e sua vegetação são elementos constantes da nossa paisagem’, afirmava Jair Cantanhede.

Detrás dessa concepção existe o conhecimento de quem sabe que é necessário ir muito mais além no tratamento dos conteúdos e da cor no uso de materiais alternativos e na busca, por novos elementos formais que dêem um caráter de amazonidade e/ou brasilidade à nossa pintura.

Porém, não estanca por aí o empenho com que os pintores amazonenses contemporâneos defendem suas bandeiras. Quando Arnaldo Garcez recorre ao uso do urucum para elaborar suas aquarelas, ele sabe que as cores são universais e todos os homens estão acostumados com elas. E, mais ainda, ele sabe que todos os artistas sempre fizeram uso da cor, portanto, um quadro não será amazônico só por ter sido pintado de verde. Em resumo, ele avança na sua condição de artista por intermédio da realização da pesquisa.

Do mesmo modo, quando em uma de suas entrevistas Eli Bacelar refere-se a pintores ‘que incursionam pelo lado exótico do nosso lendário indígena’, ele também exerce sua condição de artista integrado a um movimento contemporâneo. Denuncia o colonialismo cultural como reflexo de uma subserviência política e econômica, contra a qual é necessária uma arte séria e que se utilize do regional de forma crítica. Como, por exemplo, o que fez a artista Rita Loureiro em sua exposição *Os Sete Pecados do Capital*.

O breve balanço que acabamos de apresentar põe em relevo um fato importante. A trilha percorrida pelos artistas plásticos contemporâneos amazonenses tem uma *performance* cada vez mais destacada e atuante no cenário nacional. Os melhores momentos dessa atuação estão ligados, respectivamente, ao V Salão Nacional de Artes Plásticas (com a premiação de Roberto Evangelista, com o filme ‘Mater Dolorosa I’, que fez a crítica olhar com outros olhos a realidade artística do Amazonas) e ao VIII Salão Nacional de Artes Plásticas (com a premiação de Sergio Cardoso com a obra ‘Made Madeira’; e Otoni Mesquita, com a obra ‘Bichos Amazônicos’).

Em síntese, se a lucidez de um crítico como Reynaldo Roels Jr. (*Jornal do Brasil*) permite afirmar que ‘durante o VIII Salão Nacional de Artes Plásticas a presença do Amazonas foi flagrante, se comparada com os outros Estados de que se esperava mais’ é porque, sem ilusão alguma, a arte executada pelos artistas contemporâneos amazonenses já atingiu o *status* de arte grande. Ou melhor, de uma verdadeira arte, pois ela fala por si. No mais, artistas, críticos e o público parecem concordar com isso” (extraído do *Jornal do Comércio* de 23 de março de 1986 – artigo de Bosco Ladislau “Panorama da pintura amazonense (II) – os contemporâneos”).

O nosso mais recente equívoco

Bosco Ladislau

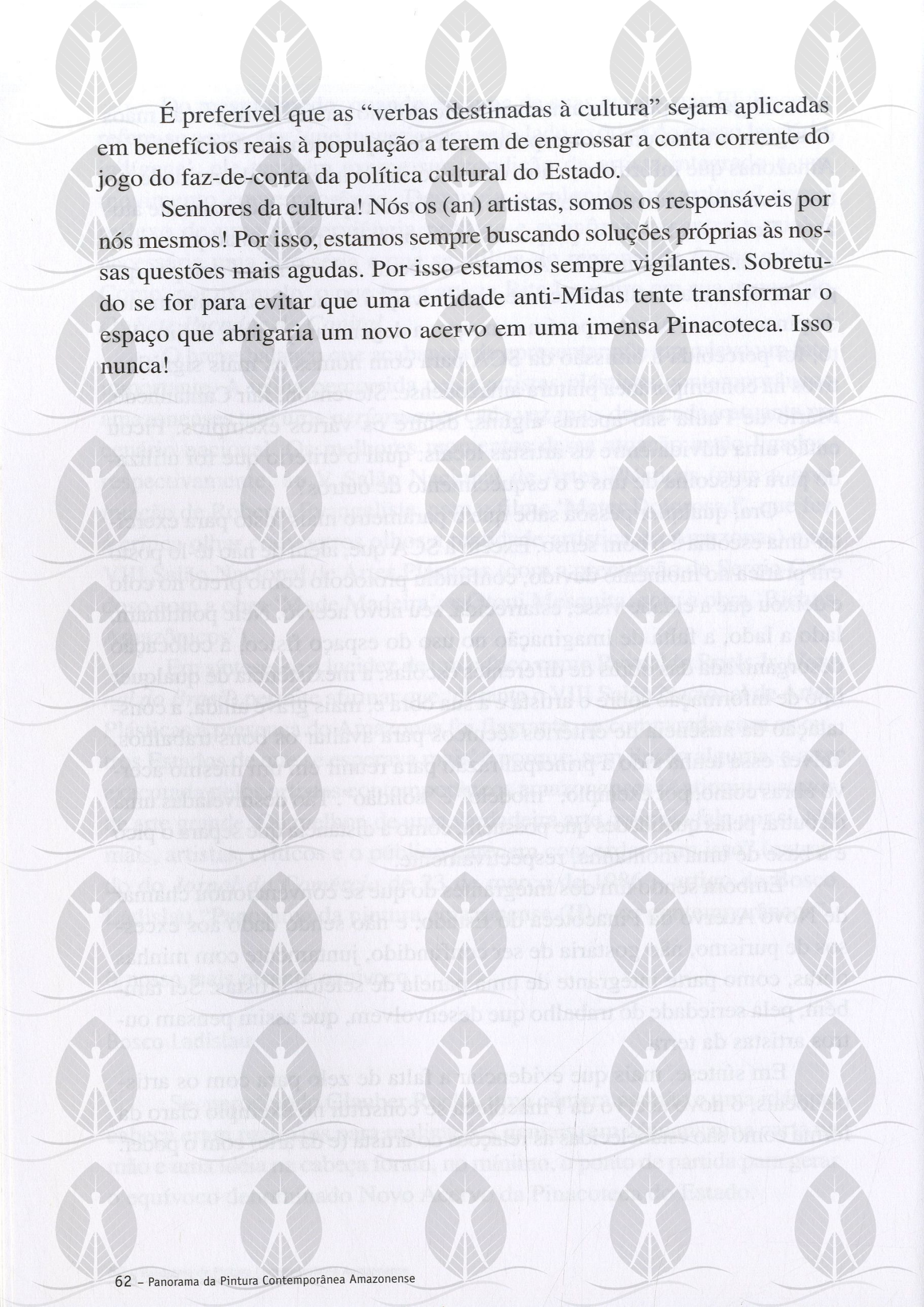
Se, parodiando Glauber Rocha, uma câmera na mão e uma idéia na cabeça eram pretextos para realizações geniais, em Manaus uma carta na mão e uma idéia na cabeça foram, no mínimo, o ponto de partida para gerar o equívoco denominado Novo Acervo da Pinacoteca do Estado.

Digo isso pelo seguinte: em maio do ano passado chegou às mãos de alguns artistas uma correspondência da Superintendência Cultural do Amazonas que informava, entre outras coisas, o interesse da entidade em transformar a Pinacoteca do Estado numa instituição verdadeiramente atuante. Desse modo, ela se propunha, num primeiro passo, a adquirir uma obra do artista destinatário. Até aí, tudo bem! Afinal, não é sempre que por estas bandas costuma acontecer renovação de acervos, muito menos de pinacotecas! A coisa porém começou a degenerar quando, de imediato, foi percebida a omissão da SCA para com nomes os mais significativos na contemporânea pintura amazonense. Stevenson, Jair Cantanhede, Mário de Paula são apenas alguns, dentre os vários exemplos. Ficou então uma dúvida entre os artistas locais: qual o critério que foi utilizado para a escolha de uns e o esquecimento de outros?

Ora, qualquer pessoa sabe que o parâmetro mais justo para exercer uma escolha é o bom senso. Exceto a SCA que, além de não tê-lo posto em prática no momento devido, confundiu protocolo como preto no colo e deixou que a cidade visse, estarrecida, seu novo acervo. Nele pontilham, lado a lado, a falta de imaginação no uso do espaço físico, a colocação desorganizada das obras de diferentes escolas, a inexistência de qualquer tipo de informação sobre o artista e a sua obra e, mais grave ainda, a constatação da ausência de critérios técnicos para avaliar os bons trabalhos. Talvez essa tenha sido a principal razão para reunir em um mesmo acervo obras como, por exemplo, “modelo” e “solidão”. Tão desniveladas uma da outra, pelas qualidades que possuem, como a distância que separa o pico e a base de uma montanha, respectivamente.

Embora sendo um dos integrantes do que se convencionou chamar de Novo Acervo da Pinacoteca do Estado, e não sendo dado aos excessos de purismo, não gostaria de ser confundido, juntamente com minhas obras, como parte integrante de uma panela de seletos artistas. Sei também, pela seriedade do trabalho que desenvolvem, que assim pensam outros artistas da terra.

Em síntese, mais que evidenciar a falta de zelo para com os artistas locais, o novo acervo da Pinacoteca se constitui no exemplo claro da forma como são estabelecidas as relações do artista (e da arte) com o poder.



É preferível que as “verbas destinadas à cultura” sejam aplicadas em benefícios reais à população a terem de engrossar a conta corrente do jogo do faz-de-conta da política cultural do Estado.

Senhores da cultura! Nós os (an) artistas, somos os responsáveis por nós mesmos! Por isso, estamos sempre buscando soluções próprias às nossas questões mais agudas. Por isso estamos sempre vigilantes. Sobre tudo se for para evitar que uma entidade anti-Midas tente transformar o espaço que abrigaria um novo acervo em uma imensa Pinacoteca. Isso nunca!

Cardoso, como é conhecido, sempre desenhou. Trabalhou com agências de publicidade mas se envolveu mais na área de artes plásticas após a idéia que teve de utilizar em quadros esmalte de pintar unhas. A idéia veio vendo sua mãe pintar suas unhas. Começou com esmalte somente sobre papel fotográfico, depois passou a utilizar colagem e recorte e misturar tinta acrílica no seu trabalho, até por falta de maior variedade de cores nos esmaltes. Utiliza também o corretor líquido no acabamento de branco, tampa de caneta e cliques para a raspagem, o respingo com a escova de dentes e acrílica e espera a encomenda de retardador e de esmalte para ter mais tempo para a confecção de seus trabalhos. José Cardoso costuma comercializar lindos cartões de congratulações nestas técnicas e estes são muito procurados.

Os motivos que o inspiram vêm de suas andanças no interior do Amazonas. Seu quadro predileto é o “Clareza”. De 1980 a 1983 viajou pelos interiores e utilizou imagens regionais como referencial, criando novas composições. Pesquisa, escolhe um tema e desenvolve. Está ainda em uma fase de descoberta, o que pode ser visto em seu trabalho com tendências misturadas, tais como o abstracionismo, o surrealismo e o realismo.

Trabalhou também com aguada de nanquim sobre papel telado, quando participou de uma coletiva na Biblioteca Pública do Estado. Tem participado dos salões de artes plásticas do Sebrae, e sua 1.ª exposição individual foi no Caua – Centro de Artes da Universidade do Amazonas, em 1998, intitulada “Esmalte e arte”.

LUIZ ANTÔNIO FERREIRA DE SOUZA

É natural da cidade de Parintins, AM e possui várias obras expostas no Brasil e no exterior. Obteve o 1.º lugar no Concurso de Pintura e Desenho para a escolha da capa da Lista Telefônica 920 de 97/98.

O Mito, pintura abstrata que mostra uma parte da lenda indígena amazônica em dois sentidos diferentes. Observando-se a pintura da esquerda para a direita vemos a caricatura do Kanancluê, Feiticeiro da Selva (segundo a lenda) e cinco pontas de uma palmeira, que simbolizam a palha; da direita para a esquerda, vemos a forma de um colar no pescoço, às margens do rio Javari, abraçando um tipiti (artesanato e instrumento utilizado para extração manual do tucupi, caldo empregado em alguns pratos regionais).

MANOEL IZIDRO DE FREITAS FILHO

Nascido em 24/1/54 em Manaus, é o autor da obra reproduzida na capa da Lista Telefônica 91/92. Em *Harmonia*, Manoel mostra a comunicação como fator de suma importância para a preservação do que ainda existe em termos de Amazônia. Partindo do princípio de que as ondas de comunicação se propagam sem danificar ou alterar as formas originais da natureza, o autor conclui que “a Amazônia pode ser levada ao conhecimento do mundo inteiro em toda a sua plenitude, já que ela e a comunicação, como bem retrata esta obra, podem andar juntas na mais completa harmonia, tentando, assim, amenizar a crise existencial pela qual passa a natureza”.

MANOEL SANTIAGO

As paisagens e retratos feitos por Manoel Santiago têm o sentido interpretativo sempre distante da transcrição direta e fotográfica da natureza. Nela, em alguns quadros mais que em outros, o sentido da abstração do visual natural está sempre presente. As melhores telas só virão nos anos 30, após a estada em Paris.

As idéias românticas e sua fascinação pelas lendas amazônicas, sobre as quais escreveu um livro, devem-se a seu mestre de pintura em Manaus, Theodoro Braga.

Na pintura deixou esse perfil simples, puro, fácil de se entender e amar. Para ele, não é cópia fiel da natureza e sim a emoção pura que contemplada contém a essência de toda verdadeira pintura. Em sua trajetória de 70 anos, renovou-se, evoluiu internamente sem sofrer influências externas.

Manoel Santiago nasceu em Manaus, em março de 1897. Seu nome de família, herdado de nobres espanhóis, era Manoel Calafange Caledônio de Assunção Santiago, nome extenso, que encurtou artisticamente para Manoel Santiago.

Crescendo, Manaus ficou pequena para ele. O foco artístico do Brasil era a sua capital, Rio de Janeiro, com os dois parlamentos funcionando e onde existiam a Academia Brasileira de Letras, a Escola Nacional de Belas-Artes e o Salão Nacional de Belas-Artes. Em 1918, Manoel Santiago viajou para o Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo que estudava na Escola Nacional de Belas-Artes, matriculou-se, formando-se mais tarde, na Faculdade de Direito.

Pintor, também era bacharel em Ciências Jurídicas. Assim satisfazia o desejo dos pais que, como os outros nessa época, achavam que só o diploma de bacharel daria segurança e garantiria o futuro dos filhos. Na realidade, fama e segurança só aconteceram através da arte.

MARIA PEREIRA MARINHO

Nascida em 10 de novembro de 1952, em Itaboca, Manacapuru, AM, foi criada em Macuaçu, depois foi para o rio Purus. Utiliza pedras para composição de seus quadros.

Pedras tais como: ametista, geoldoônix, karsus verde, karsus branco, da piçarra ao diamante, compõe quadros com a temática amazônica. As pedras são usadas em suas cores originais e é difícil a sua aquisição, pois o custo financeiro é muito alto.

Desde criança pintava com barro tauá. Sua mãe fazia louça de barro queimada à lenha, e verniz para a louça era uma resina de árvore – o jatobá. Maria a ajudava nessa confecção.

Casou-se com Francisco Costa Araújo, o qual deu início a esta técnica das pedras – cerca de 1988, na Mineração Taboca, e sem assinatura foram vendidos alguns quadros. Faziam juntos os quadros e Maria Marinho, não satisfeita com a pouca divulgação, começou a mobilizar-se para participar de exposições. Alguns dos grandes divulgadores de sua arte foram o Sebrae e alguns canais de TV.

Algumas de suas fontes de inspiração são: Cristo, recordações da infância, expressões de seus próprios sentimentos e motivos amazônicos.

Um trecho que marcou sua carreira e lhe serviu de impulso para seguir foi: “Com as pedras que atiraram em mim, essas serviram para construir o meu lar”.

EXPOSIÇÕES

Casa da Cultura.

Teatro Amazonas.

Sebrae-AM.

Studio 5.

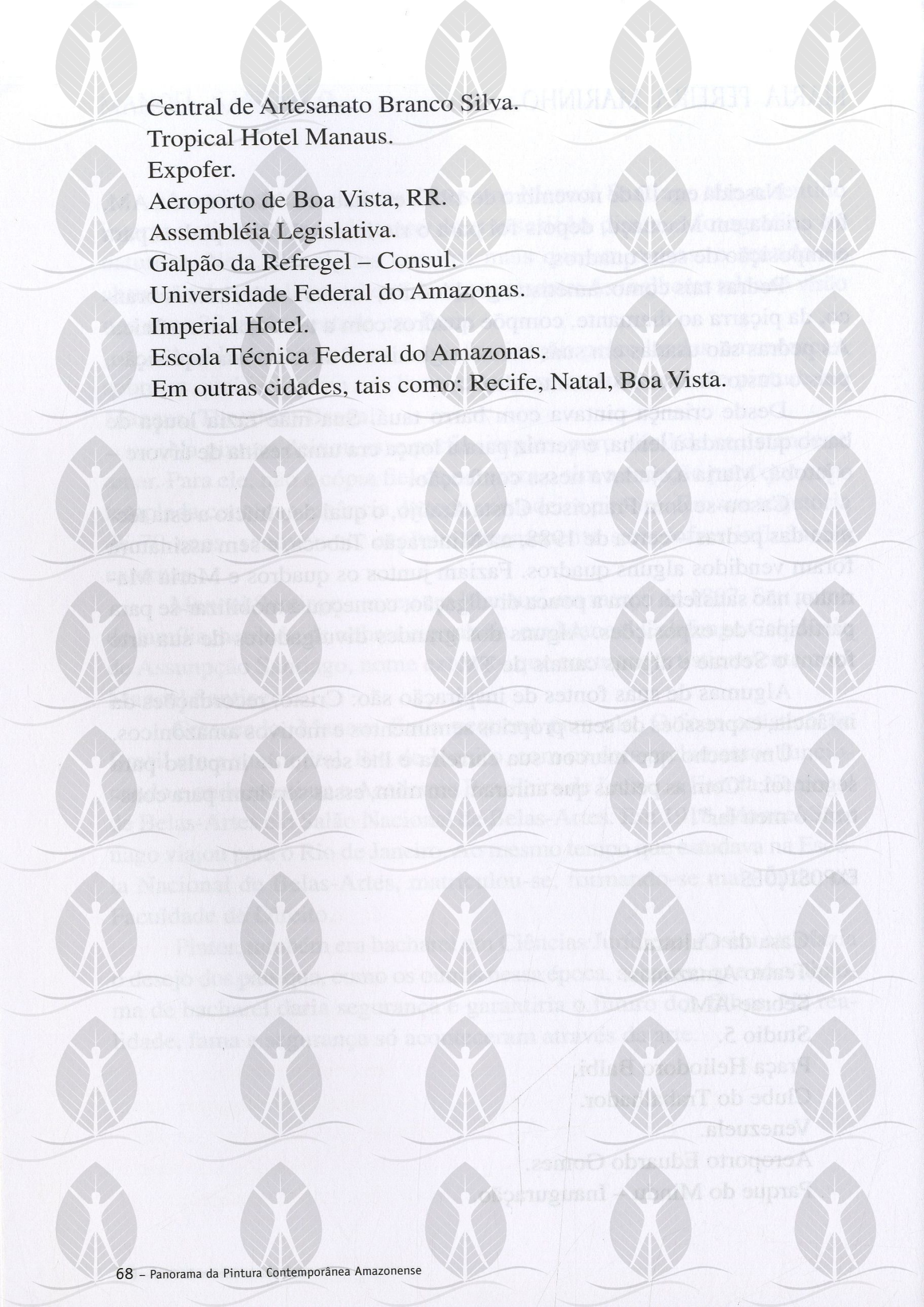
Praça Heliodoro Balbi.

Clube do Trabalhador.

Venezuela.

Aeroporto Eduardo Gomes.

Parque do Mindu – Inauguração.



Central de Artesanato Branco Silva.

Tropical Hotel Manaus.

Expofer.

Aeroporto de Boa Vista, RR.

Assembléia Legislativa.

Galpão da Refregel – Consul.

Universidade Federal do Amazonas.

Imperial Hotel.

Escola Técnica Federal do Amazonas.

Em outras cidades, tais como: Recife, Natal, Boa Vista.

MÁRIO JORGE OLIVEIRA DE PAULA

Mário de Paula gosta de versatilidade. Não segue um planejamento, sua pintura muitas vezes é espontânea. O artista não se prende a um estilo, e sua arte tem muito a ver com sua visão de mundo e de realidade, e do cotidiano.

Mário prefere participar de exposições coletivas neste momento e se abstém de participar em salões locais para dar espaço para os iniciantes, os pintores que estão florescendo.

Uma diversidade de materiais e mesclas tem lugar em seus quadros: têmperas, acrílica, óleo, tela, papel, madeira, colagem, etc. Mário não pinta paisagem a não ser quando serve de fundo ou contexto para figuras humanas, como é o caso de alguns quadros de pescadores, canoieiros e outros. Não é do seu agrado colocar títulos em suas obras e seu maior deleite é expressar a figura humana. Em seus quadros, além da figura principal, pode notar-se figuras que o pintor chama de “bichos”, rostos e olhares, algumas vezes difíceis de serem percebidos.

Mário de Paula é resistente com rótulos e não gosta de falar de si mesmo. Prefere que outros falem:

“O artista Mário de Paula tem sua obra enfocada em seu principal aspecto: a emoção.

“Pintor e desenhista, o amazonense Mário de Paula começou suas atividades como artista plástico participando, em Manaus, de exposições coletivas promovidas pelo Clube da Madrugada. Posteriormente, trabalhou como publicitário e artista gráfico em diversas agências de propaganda e em órgãos da imprensa do Rio de Janeiro, cidade onde residiu durante vários anos... De volta a Manaus, em 1982, Mário continuou o seu ofício, sua militância no campo das artes, e hoje o vemos, juntamente com sua obra, rico pelas experiências assimiladas entre tantas idas e vindas, resoluto no seu propósito de transar bem a emoção – marca registrada de suas telas – como matéria fundamental para uma (r)evolução estética.

“Embora marcada acentuadamente por um expressionismo que tem no homem e nos seus conflitos o seu tema central, lembrando algumas vezes a mesma preocupação que tiveram grandes mestres como Erich Heckel e Emil Nolde, nem por isso dir-se-á que a obra de Mário de Paula é repetitiva ou estática em sua plástica e/ou conteúdo. Muito pelo contrário.

“Ao dar preferência à emoção, evitando planejar seus quadros antes de pintá-los, de Paula tem a consciência exata de que vai fundo na sensibilidade do observador e, com isso, cria telas que têm uma roupagem versátil onde sobressaem, ao mesmo tempo, uma coerência de propósitos e um distanciamento dos modismos que tanto fazem delícia de alguns pintores. “Faço meu trabalho independente das aprovações, despreocupado com modismos. Não estou procurando nada”, diz o pintor. Afinal, ele sabe como poucos que a emoção consegue capturar-nos com muito mais arrebatamento que um punhado de formas e cores racionalmente dispersas numa tela. Por isso seus melhores momentos nessa prática estão em obras como ‘Estudo para Passaredo’ e dezenas de outras cujos títulos ele não acha importante colocar; são momentos onde, usando as técnicas da pintura a óleo, acrílica ou mista, Mário consegue nos dizer várias coisas.

“Ciente de que cabe ao artista olhar criticamente a realidade que o cerca, o artista Mário de Paula aguça a visão e, num relance, usa sensibilidade para ver o movimento das artes plásticas no Amazonas como portadora de “um nível muito bom, tendo condições, inclusive, de representar nosso Estado em qualquer lugar”. E, prosseguindo, aponta também a necessidade de “ser feito um tipo mais eficiente e menos elitista de divulgação”.

“Assim é Mário de Paula, um artista para quem a emoção é ao mesmo tempo um instrumento para criar, denunciar e, principalmente, levar alguma coisa para um imenso público que, necessariamente, não precisa ser elite bem formada.

“Seu mais forte instrumento de interpretação da realidade é o rosto humano, como se desde sempre soubesse que os contrafortes das rugas, o espelho dos olhos e as lâminas gêmeas da boca exprimem a síntese monstruosa e angélica dos acorrentados homens / espaço / tempo / evolução. O Expressionismo sempre foi eficaz para a definição da crise e a desforra do protesto, e não há como separar, das formas que ele utiliza, a questão social subjacente na angústia individual. Assim são as imagens de Mário de Paula, denúncia e refração, confronto e busca, traços e rostos recolhidos de uma página apocalíptica, tão belas como pode ser o sofrimento, porta da condição humana, perplexamente apreendido e transposto pela arte”.

Max Carpentier

“Mário de Paula é seguramente o pintor amazonense que atualmente desenvolve uma linguagem mais pessoal. Seus trabalhos revelam ao mesmo tempo domínio da técnica e liberdade, estilo constante e inventividade surpreendente, preocupação com o regional e diálogo com as linguagens cosmopolitas da pintura.

Peixes e aves se escondem e se revelam em sua beleza de cores e na natureza de seu destino: assim são os quadros de Mário de Paula. Porém a temática não é o que importa no trabalho do artista. Suas obras apresentam um tratamento verdadeiramente raro no que diz respeito à composição. A variedade de tons e a liberdade dos traços não impedem que observemos uma harmonia composicional que apenas os artistas maduros conseguem atingir. É olhar e deixar-se hipnotizar por esse trabalho deslumbrante e comovente.

De tudo o que está acontecendo em artes plásticas no Amazonas, Mário de Paula é a revelação mais surpreendente. Desenvolveu uma linguagem própria. É anti-retórico. Trabalha a composição e a temática de seus quadros. Possui traços ao mesmo tempo precisos e livres. Não é imitador nem epígono de artistas ou escolas. Mário de Paula é um verdadeiro antídoto contra o mau gosto, contra os trapaceiros da arte e contra a burrice”.

Paulo Graça

“A exposição de Mário de Paula, na Galeria Moacir Andrade, é o espriar de tons humanos, de cores e formas da vida que inspira sua arte, que está na ótica de um tempo em que o olhar busca decifrar no cotidiano os traços e os passos da contemporaneidade das artes plásticas sob o compromisso com a cultura e sua fruição pelo social.

Artista reconhecido e de talento, Mário de Paula é parte do processo de novas criações artísticas, e faz da expressão de seu trabalho os sentidos da emoção do humano, do demasiado humano que ele apreende em telas, que está na epiderme do dia-a-dia, de suas trajetórias de tintas e cores, de nuances naturais tomando os espaços de seu universo imaginário e real.

A arte de Mário de Paula é uma fusão intersemiótica de talento”.

José Roberto Tadros

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1966 – Clube da Madrugada, Manaus.
 - Galeria de Arte da Secretaria de Turismo, Rio de Janeiro.
 - 3.º Salão Carioca de Arte.
 - Palácio da Cultura, RJ.
- 1980 – 3.º Salão do Metropolitano, Prêmio Unibanco, RJ.
- 1982-89 – Prêmio Governo do Estado do Amazonas.
- 1984 – Companheiro das Américas – Vanderbilt University, USA.
- 1986 – 1.º Salão Tiradentes de Artes Plásticas, Manaus.
 - 9.º Salão Nacional de Artes Plásticas.
- 1987 – Cartas do Amazonas – Galeria ELEF, PA.
- 1988 – Ordem dos Advogados do Brasil, Manaus.
 - I Encontro Cultural das Artes Amazônicas, Petrobras, Manaus.
- 1991 – Mostra de Arte Contemporânea, Pinacoteca do Estado.
- 1992 – Mostra Inaugural do Centro de Artes Chaminé, Manaus.
- 1996 – Amazonas Shopping/Artes 96.
 - Exposição Itinerante, Itália.
- 1997 – Expressão Norte, Hotel Maksoud Plaza, SP.
 - Expressões, Tropical Hotel Manaus.
 - Amazonas Shopping/Artes 97.
- 1998 – Salão Plástica Amazônia, Manaus.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1983 – Galeria Afrânio de Castro, Manaus.
- 1986 – Galeria do Estudante, Manaus.
- 1987 – Galeria de Arte Espaço Cultural, Manaus.
- 1988 – Espaço Alternativo de Arte/Amap, Manaus.
- 1990 – Galeria Afrânio de Castro.
- 1991 – Galeria do Setor de Artes da Universidade Federal do Amazonas.
- 1992 – Pinacoteca do Estado.
 - Galeria de Artes Moacir Andrade, Sesc-AM.
- 1994 – Centro de Artes Chaminé, Manaus.



1995 – Centro de Artes Chaminé, Manaus.
– Tropical Hotel Manaus.

1997 – Centro Cultural Palácio Rio Negro, Manaus.

1998 – Centro Cultural Palácio Rio Negro, Manaus.

MARISTELA MORAES

Nasceu em Luz-MG, em 1961. Bacharel em Educação Artística, com especialização em Artes Plásticas pela Universidade Mackenzie, de São Paulo, e bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, participou também dos Seminários de Pintura no Brasil e Marcos Históricos de Pintura Brasileira, promovidos pelo Instituto Cultural Itaú, São Paulo, em 1995, e dos Seminários de Museologia promovidos pela Fundação Getulio Vargas/FGV, Manaus, 1997.

Na área de pesquisa, desenvolveu trabalhos sobre a obra de D. Timóteo Perez Rubio para o “Centro Extremeño de Estudios y Cooperación com Iberoamérica”, 1994-1995.

Criou diversos cenários, logomarcas, *vitrines* e decorações. Como docente, foi professora de Artes Plásticas no Centro Cultural Claudio Santoro (1997-1999), e no Sesc-AM (1996-1997). Atualmente é professora de Artes Plásticas-Escultura do Centro de Artes da Universidade do Amazonas. Por fim, ocupa também o cargo de coordenadora da Galeria de Artes da Universidade Federal do Amazonas.

EXPOSIÇÕES PRINCIPAIS

1999 – 2.º Salão de Artes Sebrae.

– Exposição individual na Petrobras, Manaus.

1994 – Exposição coletiva no Espaço Annamaria Cavallare, São Paulo.

PRODUÇÃO GRÁFICA

1997 – Edição da revista *Cria Ativa*, Manaus.

– Ilustração do livro *As Letras e as Palavras*, tema da Feira de Livros Infantis do Sesc.

MOACIR ANDRADE

Moacir Couto de Andrade nasceu em Manaus, no dia 17 de março de 1927. Filho de Severino Galdino de Andrade e Jovina Couto de Andrade.

“Pintor das telas das tradições indígenas, dos barcos, dos rios, das paisagens ingênuas do povo que reside na capital amazonense e nos beiradões dos rios... hoje é líder cultural, místico assandalhado daquela grande área brasileira e conhecido como o “guru” do rio Negro ou o monge de Aparecida, em Manaus. Autor de vários livros de alta importância documental para pesquisas... Como ecologista pretende realizar em todo o mundo uma campanha gigantesca pela Paz Mundial e pela preservação dos bens naturais da humanidade... Folclorista de coragem... contando estórias e costumes que transforma em obras de arte... Além de pintor famoso em todo o mundo, Moacir Andrade é também poeta, estilista, escritor de sucesso...”

“Moacir Andrade registra nas belezas de suas telas toda a grandeza do fabuloso Amazonas. O folclore, as tradições mais caras, o calor humano representados na movimentação de seus folguedos populares, as lendas, antigas memórias dos velhos casarões de azulejos portugueses, tudo isso impregnado de muita paz, amor e emoldurados pela sensibilidade da imaginação de um artista que muito cedo soube se impor no cenário intelectual de sua Pátria”.

Jean-Paul Sartre, Manaus, 1962

“Nestes barcos, nestes caboclos sofridos, nestas mulheres reideiras, nestes remos, rios e ribanceiras, em toda esta policromia de beleza incomparáveis, está o Amazonas com a grande alma de Moacir Andrade”.

Manoel Bandeira, Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1960

“Moacir Andrade... desenvolveu um estilo muito pessoal e seus trabalhos têm originalidade. Aí o seu mérito.

“Serviu-se de simbologia para nos dar uma arte de diálogo onde há realidades físicas e emocionais. O seu mundo onírico, sensual, mitológico-

co, patenteia-se nos seus quadros numa representação figurada de narração pictórica que preciso saber interpretar e ler.

(...) todo um mundo de mitos e cores que perpassa entre nossos olhos num feito cursivo, alucinante, simplificado, em campo carregado de exotismo de imagens telúricas dos índios ameríndios onde a cor é um grito e uma orgia como a querer dizer contar-nos ‘a narrativa histórica, mística’ de um povo sem história escrita” (Do livro *Moacir Andrade – 50 anos de exposição pelo Brasil e pelo mundo*).

“Moacir preparou uma exposição para 1999 com o título “Amazônia, até quando?” com 40 quadros inéditos em acrílico sobre tela mostrando sua preocupação com a destruição da Amazônia. Ele afirma: A “Amazônia vai acabar. Isso é um fato. Cada vez mais a floresta cede lugar à ganância das pessoas. Esse tema também já foi título do meu livro *Amazônia, pulmão do mundo. Até quando?* Nesse trabalho, no entanto, busco a idéia filosófica. Não quero mostrar troncos queimados ou cortados. A discussão é mais ampla. Vejamos por exemplo a dengue. Essa doença é um drama e os quintais de Manaus estão cheios de focos dos mosquitos. Não existe campanha e não adianta borrifar. É como enxugar gelo”.

Moacir pretende inaugurar dois grandes painéis de madeira (45 m x 15 m) no Comando Militar da Amazônia e nas Faculdades Nilton Lins. Um painel chegou a ser comprado pela Organização das Nações Unidas (ONU) por intermédio do Ministério da Aeronáutica com o objetivo de servir de símbolo da preservação da floresta, mas a obra foi devolvida justamente porque havia sido produzida com madeira de lei. Moacir afirma que foi mau compreendido porque fez o painel com madeira já cortada. Eles pagaram US\$ 50 mil, quando a obra valia US\$ 500 mil, segundo o artista.

O artista ainda lança este ano o livro *Manaus: sociedade, sambas e carnaval*.

Em 2001, Moacir Andrade pretende comemorar 60 anos dedicados às artes plásticas com uma grande exposição de vida e carreira que ainda está sendo pensada e organizada” (reportagem do jornal *A Crítica* – caderno Criação, 6 de fevereiro de 1999).

EXPOSIÇÕES, TRABALHOS, HOMENAGENS E PRÊMIOS

- 1941 – Liceu Industrial de Manaus.
- 1952 – Salão da Escola Técnica Federal de Manaus.
- 1954 – Salão do Ideal Clube, Clube da Madrugada.
- 1955 – Biblioteca Pública do Estado, Clube da Madrugada.
- 1956 – Biblioteca Pública do Estado, Clube da Madrugada.
- 1957 – Ideal Clube, Manaus.
- 1958 – Biblioteca Pública do Estado.
 - Foi o primeiro pintor a expor oficialmente na nova capital, Brasília.
 - Museu de Arte de São Paulo.
- 1959 – Galeria Montmart – Jorge, Rio de Janeiro.
- 1960 – Biblioteca Pública do Estado.
 - Salão da AAI. 1.º Salão de Arte Moderna, Manaus.
 - Museu de Arte Moderna de São Paulo – Concurso Probeu de Pinturas.
 - Biblioteca Pública do Estado.
- 1961 – Escola Técnica Federal de Manaus.
 - 1.º Salão da Madrugada, Manaus.
- 1962 – Galeria Casa das Molduras, Porto Alegre, 1962, *Jornal do Comércio*, Clube da Madrugada, Manaus.
- 1963 – Galeria do Hotel Nacional, Brasília.
 - *Jornal do Comércio*, Clube da Madrugada.
 - 1.º Salão de Artes Plásticas da Universidade do Pará.
- 1964 – Galeria do Hotel Nacional, Brasília.
 - Belvedere de Sá, Salvador.
 - 2.ª Feira de Artes Plásticas de Manaus.
- 1965 – Recife.
- 1966 – Secretaria de Turismo da GB, Rio de Janeiro.
 - Fortaleza.
 - Em Belém por ocasião do 350.º aniversário da cidade.
- 1967 – Museu de Arte Moderna da Bahia.
 - Museu de Arte Moderna de São Paulo.
 - Realiza grande painel para o Banco do Estado do Amazonas.

1968 – Viaja aos Estados Unidos onde expõe nas Universidades de: Knoxville, Nashville, Union City, Jackson, Memphis e na Sala dos Representantes do Tennessee no Congresso Nacional de Washington.

– Realiza mostra em Paris de 35 quadros sobre lendas amazônicas.

1969 – Realiza novamente em Washington, na Galeria do Banco Internacional de Desenvolvimento e dos Companheiros da Aliança.

– Em Lisboa, sob o patrocínio do Ministério das Relações Exteriores e da Secretaria de Educação e Cultura do Amazonas.

– Londres, na Casa do Brasil, patrocínio da Universidade Federal do Amazonas e da Embaixada Brasileira em Londres.

1970 – Madri, Ministério das Relações Exteriores.

– Grande painel para a agência do Banco do Brasil, Manaus.

1971 – Grande mostra em Quito, Ministério das Relações Exteriores, Equador.

– Bruxelas, Embaixada Brasileira, Bélgica.

– Grande painel para a revista *O Cruzeiro*.

1972 – Mini Gallery em Ipanema, Rio de Janeiro.

1973 – Mostra em Lisboa.

1974 – Galeria Espade, São Paulo.

– Tóquio, Fundação Japonesa de Cultura, Japão.

– Osaka, Japão.

– Nara, Hiroshima.

– Mostra no peristilo da Biblioteca Pública, Manaus.

– Pré-bienal, Biblioteca Pública, Manaus.

– Galeria Orozco, México.

1975 – Exposições e conferências nos Estados Unidos.

– Botanic Hall, Cheekwood Fine Arts Center, Nashville.

– Luso-Braslian Club, Nashville, Tennessee, USA.

– Harpeth Hall School, Nashville, Tennessee, USA.

– Demonstração de sua técnica de pintura no Art House Vanderbilt University.

- Exposição e conferências no Learning Disabilities Center em Chattanooga, Tennessee, USA.
- Latin American Center, da Universidade de Martin, Tennessee, USA.
- Exposição e conferências no Fine Arts Center, da Universidade de Martin, Tennessee, USA.
- Exposição e conferências na Universidade Tecnológica de Cookville, Tennessee, USA.
- Conferências em TTU Campus Elementary School, Cookville, Tennessee, USA.
- Conferências sobre Artes Brasileiras na Universidade de Knoxville.
- Palestras em Blytheville, Arkansas, Mississippi, Cotton.
- Palestra em Osceola, Ark, USA.
- Carriage Trade Inn, Osceola, Ark, USA.
- Mostra e conferências nos salões do Holiday Inn, Memphis, Tennessee, USA.
- Conferência no Programa Point of View Channel 12, durante 30 minutos em Chattanooga, Tennessee, USA.
- Jewish Community Center, Chattanooga, Tennessee, USA.
- Conferências e Mostra no Student Center na Universidade de Knoxville.
- Mostra nos salões da Fine Arts Center da University Knoxville.
- Exposição e conferências no Instituto Cultural Brasileiro em Washington, Companheiros das Américas e Embaixada Brasileira.
- Pinacoteca Pública do Estado.
- Mostra de suas talhas no Círculo Militar de Manaus.
- Mostra no Salão do Bradesco, Manaus.
- Superintendência da Zona Franca de Manaus.
- 1976 – Salão Aberto de Artes Plásticas da FCA, Manaus.
- Brasília, Governo do Estado do Amazonas.
- Galeria de Arte Eney Santana, São Luís.
- Galeria Teatro Amazonas, FCA.

1976 – Galeria do Bradesco, Manaus.

– Mostra na Dinamarca.

1977 – Mostra, Retrospectiva no Salão Nobre da Escola Técnica Federal do Amazonas.

– Galeria da Biblioteca Pública, Instituto Brasileiro de Antropologia da Amazônia.

– Paris, Galeria Debret, Embaixada Brasileira e Air France, França.

– Lisboa, Galeria do Cassino Estoril, Embaixada Brasileira em Portugal.

– Funda em Portugal a Sociedade Cultural dos Amigos de Ferreira de Castro, São João da Madeira, Portugal.

1978 – Paramaribo, Embaixada Brasileira no Suriname.

– Hotel Amazonas, Instituto Brasileiro de Antropologia da Amazônia, todo o material “em defesa da natureza amazônica”.

– Ecologia, no *hall* do Teatro Amazonas.

1979 – Tropical Hotel Manaus.

– Caiena, Guiana Francesa.

– Suframa, Manaus.

– Mostras de seu novo estilo em Paris, França.

– Hunter Museum, Chatanooga, Tennessee, USA.

– High Museum of Art de Atlanta, Georgia, USA.

1980 – Grécia.

– Berna, Suíça.

– Adelaide, Sydney, Basbane e Melbourne, Austrália.

– Viena, Lunz, Graz e Salz Busj, Áustria.

1981 – Dublin, Irlanda.

– Glasgow, Escócia.

1982 – Oslo, Noruega.

– Rio de Janeiro.

1983 – Novotel Manaus.

– Teatro Amazonas.

– Galeria Afrânio de Castro, Manaus.

1984 – Peristilo do Teatro Amazonas.

– Chattanooga, Tennessee, USA.

- Museu da Universidade de Vanderbilt em Nashville, Tennessee, USA.
- Conferência sobre Arte e Folclore na Universidade do Estado do Tennessee, USA.
- 1985 – Gigantesco mural em madeira para os 75.º anos da ETFAM, Manaus.
 - Lança o livro *Nheengaré ou poranduba dos dabacuris*.
 - Inicia as comemorações de seus 45 anos de arte no dia 10 de novembro, com uma mostra de seus últimos trabalhos, Manaus.
- 1986 – Peristilo da ETFAM.
 - Coletiva da Suframa com gigantesco painel entalhado em madeira representando a “Síntese da Ecologia Amazônia”, ETFAM.
 - É premiado nos EUA.
 - 1.º lugar no Concurso de Artes Plásticas da Suframa.
 - Galeria Novotel, Manaus.
 - Lança o álbum *Manaus, Ruas, Fachadas e Varandas*.
 - Ministra curso de Desenho Geométrico Plano Descritivo, aplicado à Educação Artística.
 - Galeria Anete Brito, juntamente com a artista Judita.
- 1987 – Londres, Casa do Brasil, Embaixada Brasileira naquela capital.
 - Biblioteca Pública, Manaus.
- 1988 – Autografa em São Paulo um magnífico calendário da Basf, com um quadro de sua autoria.
- 1987 – Medalha de Mérito por serviços prestados à cultura nacional, Ministério da Cultura, México.
- 1988 – Galeria da Embaixada Francesa, Brasília.
 - União Brasileira de Escritores do Amazonas outorga-lhe o Diploma de Mérito Cultural.
- 1989 – Exposição nos EUA, Instituto Nacional para a Defesa do Meio Ambiente.
 - Conquista o prêmio especial de pintura no Concurso Suframa.
- 1988 – O Conselho Nacional de Cultura concede-lhe o Diploma e Medalha de Mérito Educacional “Prof. Pedro Silvestre”.

1989 – Coletiva 1.ª Mostra de Arte da Amazônia no Cassam.

– A Assembléia Legislativa do Estado concede-lhe o Diploma e Medalha “Ruy Araújo”, de mérito cultural.

– Assina contrato com a Editora José Olympio para a edição de um livro de arte com texto do poeta Thiago de Mello.

– Painel em madeira para a Capela da Flotilha do Amazonas.

– Edita o catálogo em francês para as comemorações dos 50 anos de arte.

– É homenageado pela Sociedade Livre dos Jovens da Cachoeirinha.

– Recebe em Manaus o escritor Eurico de Andrade Alves, presidente da Associação Internacional dos Amigos de Ferreira de Castro.

1990 – Inicia a elaboração de um livro sobre os 50 anos de atividade artística.

– Expõe novos quadros na Pinacoteca Pública do Estado do Amazonas.

– Publica um catálogo de arte “50 Anos de Pintura”.



NOÉ COSTA

Noé Costa nasceu em Macapá, em setembro de 1967. A respeito de si próprio e de seu trabalho declara:

“Minhas pinturas surrealistas são a forma mais pura de me expressar e mostrar ao mundo as formas e cores que encontro no momento de inspiração, em mundo, creio, muito longe do nosso.

Sou autodidata e as minhas inspirações são as manifestações do meu poder sobre a pintura, e que o futuro fique reservado para as análises dos críticos sobre o trabalho e que este mesmo trabalho seja como sinal para a defesa da floresta amazônica”.



NOLETO

Artista plástico de Paraíso do Norte, GO.

EXPOSIÇÕES

1992 – Galeria de Arte da Universidade do Amazonas.

– De Artes de Manaus.

1993 – Sesc-AM.

– Centro de Artesanato Branco Silva, Manaus.

– 1.º lugar no Festival de Arte de Tabatinga, AM.

– Espaço Nobre Claudio Santoro, Amazonas Shopping.

1994 – Novotel, Manaus.

– Amazonas Shopping.

NONATO CRUZ

Nascido em Manaus, a 15 de junho de 1958, Raimundo Nonato Cruz possui um grande e rico currículo, construído em 17 anos de pesquisa e 13 de profissionalismo. Realizou várias exposições no período de 1984 a 1998.

O artista plástico e artesão Nonato Cruz mostra em suas exposições trabalhos de colagens de elementos da natureza, explorando cores, formas, movimentos, luzes e sombras, não privando-se ao estilo definido, mas resolvendo caminhar do primitivo ao abstrato.

O artista fala sobre algumas de suas obras: “Ajuricaba” foi um índio guerreiro que preferiu morrer acorrentado no encontro das águas a ser escravizado, sendo a única lembrança que ficou dos índios Manaus. Os quatro elementos da natureza são: O índio representa “o fogo”; o sol, o “deus do índio”; a revoada representa “o ar”; a onça representa “a terra”; e a cobra-grande representa “a água”, pois é assim que o índio representa os elementos da natureza em sua cultura.

EXPOSIÇÕES

1984 – II Zonarte.

- Festival de Verão do Parque Dez.
- Inauguração da Central de Artesanato Branco Silva.
- Feira da Providência, Rio de Janeiro.

1985 – Mostra Coletiva do Amazonas, Chile.

1986 – Canto da Cultura.

- XV Feart, Gramado, RS.
- Coletiva Teatro Amazonas.
- IX Feira Brasileira do Artesanato, São Paulo.
- Feira do Artesanato Bonfim, Porto Alegre.

1987 – Festival Latino-Americano de Arte e Folclore, Caruaru, PE.

- X Feira Brasileira do Artesanato, São Paulo.
- Mostra de Artes de Roraima, Santa Helena, Venezuela.

1988 – A Magia da Floresta, Palácio da Cultura, Boa Vista, RR.

- XI Feira Brasileira do Artesanato, São Paulo.

- A Magia da Floresta, Cabo Frio, RJ.
- Mostra Coletiva de Artes Plásticas, Boa Vista.
- 1989 – Amazônia Somos Nós, Coletiva, Tropical Hotel Manaus.
- XII Feira Brasileira do Artesanato, São Paulo.
- VIII Zonarte.
- 1990 – Seminário Internacional de Turismo Amazônico, Tropical Hotel Manaus.
- II Encontro sobre Inventário Florístico e Conservação da Flora Amazônica.
- 1991 – A Magia da Floresta, Centro de Cultura Gramado, RS.
- I Feira Nacional de Artesanato em Porto Alegre.
- IV Feart, Curitiba.
- 1992 – XII Festival Internacional de Folclore de Caruaru, PE.
- Viva o Povo Brasileiro, Museu de Arte Moderna, RJ.
- Coletiva, Artistas do Amazonas, Paço Imperial, RJ.
- I Salão de Artes Plásticas da Aeronáutica, Brasília.
- Coletiva, Shopping Rio-Sul.
- 1993 – II Artenor, Maceió, AL.
- Coletiva, Caixa Econômica Federal, Maceió, AL.
- I Feira Nacional e Latino-Americana do Artesanato em Pernambuco.
- Espaço Sebrae, Amazonas Shopping.
- I Festival Interamericano de Cultura e Arte de Tabatinga.
- Painel Sebrae de Artes Plásticas, Museu de Artes Brasileira, SP.
- I Feira Internacional de Produtos da Amazônia, Tropical Hotel Manaus.
- 1994 – I Feira de Artes do Estado, Amazonas Shopping.
- 1995 – VI Feira Nacional de Artesanato Minas – Centro, Belo Horizonte.
- I Feirart, Serra, ES.
- 1996 – A Magia da Floresta, Galeria de Arte Fafi, Vitória, ES.
- 1998 – Painel da Cultura, Bosque da Ciência/Inpa, Manaus.

OTONI MESQUITA

Otoni Moreira de Mesquita nasceu em Altazes, AM, durante a grande enchente de 1953. Veio para Manaus com um ano e meio de idade.

Desde criança Otoni desenhava sem nunca imaginar que se tornaria um artista. Assim passou anos e anos desenhando xícaras, castelos, rainhas, bichos e outras figuras, “misturando a sua fantasia”. Encantado com as cores, o artista colecionava água colorida em vidros. Também o fascinavam as bolinhas de gude com “carambolas” coloridas dentro.

Na fase da adolescência passou a pintar “caras e bocas”, até que em 1975 teve oportunidade de expor seus trabalhos, após um curso com os artistas plásticos Van Pereira e Manoel Borges de iniciação ao Desenho e Pintura na Pinacoteca do Estado em 1975. Segundo ele, esse curso foi muito importante na medida em que a temática do seu trabalho se tornou mais variada. “Liberei meu repertório de imagens sob influência do surrealismo”.

Deste ano até 1979 participou de várias coletivas, sendo premiado em um salão promovido pela Universidade Federal do Amazonas (1979). Fez ilustrações para jornais, produziu cartazes, escreveu contos, fez teatro e graduou-se em Comunicação Social/Jornalismo, na Universidade Federal do Amazonas. Sua primeira exposição individual “Fruturbano”, feita em 1980 no *hall* do Teatro Amazonas, teve intenção de ser uma denúncia social. Segundo ele, “cada quadro pretendia ser uma denúncia, que refletia o meu momento como artista”.

Cursou gravura na Escola de Belas-Artes da UFRJ. Durante o período de graduação, Otoni Mesquita participou de exposições coletivas em várias cidades brasileiras e passou a desenvolver as técnicas de gravura (xilo, linóleo, metal e lito). Sua formação artística foi complementada com alguns cursos livres do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Estudou com João Caglia, Adir Botelho, Kate Scherpenberg, Gonçalo Ivo, Zaluar, Tereza Miranda, Lídio Bandeira de Melo, Jean Guido Bonfante, Diva Buss e Herculano Ferreira.

O ano de 1984 foi marcante para o artista e seu trabalho sofreu algumas modificações. Por imitações locais e por falta de um ateliê adequa-

do, não pode desenvolver seu trabalho de gravador e desta forma foi levado a buscar outras formas de expressão e descobriu o potencial de materiais não convencionais (raízes, ossos, papel reciclado, pedras, sementes, etc.). Seu interesse pela Arqueologia e pela História acabou por revelar em seu trabalho uma abordagem antropológica. Esta produção experimental gerou a exposição “Fragmentos” e marcou de forma contundente a obra desse artista. “Grafismos, Traços e Cores” que fazem referências aos povos indígenas e a antigas civilizações, “uma coisa não vivida, na busca de uma alternativa na pureza das sociedades primitivas, em contraposição ao sistema social contemporâneo, portanto romântico e surreal”. Este assunto tornou-se predominante em suas obras. Posteriormente surgiram “Os Bichos”, os “Rictus”, e “Personas”. Mergulhadas em cenários predominantemente escuros, poderiam, por seu aspecto onírico, serem apontadas como obras surrealistas, mas o artista se diz apenas um romântico que sonha com uma sociedade menos injusta e mais honesta.

Otoni é mestre em Artes Visuais – História e Crítica da Arte pela UFRJ (1992) e atua como professor assistente do Departamento de Educação Artística da Universidade Federal do Amazonas, onde ministra disciplinas da área de Desenho, História da Arte e desenvolve as pesquisas “História das Artes Plásticas no Amazonas” e “A Arquitetura Oficial de Manaus de 1910-1920”. Recebeu duas premiações no Salão Nacional (Referência Especial do Júri, no 7.º Salão e Aquisição no 8.º Salão), além dos prêmios de Aquisição no Salão Pará de 1985 e 1986.

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES

- 1984 – Fragmentos, Galeria Afrânio de Castro, Manaus.
 - VII Salão Nacional de Artes Plásticas, MAM, RJ, referência especial.
 - Panorama da Arte Brasileira, Arte sobre Papel, MAM, SP.
- 1985 – VIII Salão Nacional de Artes Plásticas, MAM, RJ, prêmio de Aquisição com a instalação Amazoo.
 - IV Arte Pará, prêmio de Aquisição.
- 1986 – Papel, Corpo e Matéria, Parque Laje, RJ.
 - Soltando os Bichos, Exposição individual na Galeria Afrânio de Castro, Manaus.

- Ecologia: Tradição e Atualidade, Espaço Cultural Petrobras, Rio de Janeiro.
- V Arte Pará, Prêmio de Aquisição.
- 1987 – Arte Hoje, Galeria Eliseu Visconti, MNBA, RJ.
- 3 do Amazonas, Galeria do Icebu, RJ.
- Paramentos, individual na Galeria Espaço Cultural, Manaus.
- Ritual Soltando os Bichos, individual na Galeria Macunaíma, RJ.
- 1989 – Artistas Contemporâneos do Amazonas, Museu de Arte Brasileira, São Paulo.
- Surrealismo no Brasil, Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- Verde Contemporâneo, Solar Grandjean de Montigny, PUC-RJ.
- 1990 – VIII Salão Paulista de Arte Contemporânea, Pavilhão Bienal, São Paulo.
- XIV Salão Carioca de Arte Mezanino do Metrô da Carioca, RJ.
- 1993 – Arquiiimaginário, Espaço Cultural do Sesc-AM.
- 1994 – Olhares, Galeria Hahnemann Bacelar, Centro de Artes da Ufam.
- 1995 – Catedrais de Solidão, individual na Galeria Hahnemann Bacelar, Centro de Artes da Ufam.
- 1996 – Catedrais de Solidão, Salvador, BA.
- 1997 – Passagens (fotografias), praça central do Amazonas Shopping e Galeria Hahnemann Bacelar, Centro de Artes da Ufam.

PRÊMIOS

Bolsa de Estudos – Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, Menção Honrosa; IX Salão de Artes Plásticas/EBA, Metrô da Carioca, Rio de Janeiro; Prêmio Pintura do Ano, Governo do Estado do Amazonas.



Rita Loureiro reinventa a pintura

Para se apreciar devidamente a admirável série de telas que Rita Loureiro apresentou, em 1984, no Museu de Arte de São Paulo, sob a designação geral de Boi Tema – e que vemos agora reproduzida em livro –, é necessária uma breve referência ao percurso que fez seu primeiro trabalho de fôlego, a seqüência de quadros Macunaíma, realizada em 1981, que logo mais iria ilustrar a bela edição da Editora Itatiaia. Na medida em que a obra de Mário de Andrade já era um universo ordenado, um sistema, a pintora se limitou a transportá-lo para a tela e foi, quase sempre, uma ilustradora. Presa ao texto que a fascinava e lhe servia de guia, não precisou sair em busca de assunto e foi se entregando ao laborioso aprendizado da pintura, enquanto assimilava aquela personalíssima interpretação do Brasil. Como não podia contar com os museus nem companheiros que lhe ensinassem as regras do ateliê, teve de inventar seu ofício aos poucos, no isolamento da Amazônia, folheando livros de arte, detendo-se nos artistas com os quais sua sensibilidade afinava, decifrando processos e estilos de transposição da realidade. Observava com a mesma paciência infatigável a arte e o mundo, ia experimentando tintas e pincéis, atenta à vocação formal de cada elemento, ao jogo da luz na cor local, à flexibilidade das fibras no trançado das esteiras, à textura das plumagens, à modulação infinita das cores. Notava, por exemplo, que o verde não era o mesmo na copa arejada das árvores, nas palmeiras, na sombra dos igarapés. Vibrava de modo diverso nas longas hastes movediças à beira dos rios, nas moitas espalhadas pelo chão batido, nas folhas miúdas e ovais, na vegetação espatulada que a correnteza parecia levar. A matéria viva de que as folhas eram feitas vicejava comunicando-se com o sol e o vento e era silêncio, pavimentavam a cidade. No entanto, as pedras também tinham a seu modo uma vontade, uma exigência que tornava difícil a mão do pintor ajeitar entre si as superfícies variadas que recobriam: o caminho de seixos rolados, a mureta de lajotas, a parede de azulejos.

Era assim que Rita devia ir meditando, enquanto se curvava com disciplina à “realidade objetiva das coisas diferentes”, com aquele mesmo

empenho de exatidão que tinham os retratistas do passado ao representarem a qualidade peculiar de cada tecido – o veludo, o cetim, a lã, o algodão –, a queda diversa da vestimenta conforme ela tivesse sido talhada no fio reto ou enviesado.

“– Como é difícil pintar!” – deve ter exclamado mais de uma vez com seus pincéis. De fato, era difícil dar a impressão que o ar circulava entre as coisas, sugerir a profundidade da mata através do ritmo dos troncos, agrupar as nuvens no céu, as ubás no ancoradouro. Como tirar partido dos motivos geométricos que recobriam os corpos, as máscaras, os objetos e utensílios, ao modo de uma pele tatuada? Como representar a devastação da floresta? Quem sabe dispendo as toras abatidas, em diagonal sobre o solo, como Uccello fez com as lanças para figurar o final da batalha...

Eram perguntas assim que Rita ia se fazendo, enquanto ilustrava o grande livro. Deve ter trabalhado seguindo uma linha cronológica, do início para o fim da narrativa, disciplinada mas um pouco tensa, dividida entre as duas tendências contraditórias que partilhavam a sua personalidade: uma intimista, adequada à natureza-morta e ao senso paisagístico, outra visionária e fantasmagórica, pronta para aderir ao mito. A partir de certo momento sente a mão segura, está apaziguada. Já sabe representar o cenário luxuriante da selva, as aves e bichos, os artefatos indígenas, a infinita variedade das texturas, com a delicadeza dos miniaturistas, dos tapeceiros. É com essa curiosa sensibilidade, a um tempo selvagem e medieval, que visualiza os monstros, a Sombra, negra e escarlate com a sua assustadora boca, a velha Ceiuci, talhada na madeira como uma carranca das barcas do São Francisco. Empenhada em servir com fidelidade o texto, assimilou os seus múltiplos aspectos, não só a parte plástica e decorativa mais ainda os traços humorísticos e de crítica social, elaborado sistema de sinais de que Mário de Andrade se utilizou para interpretar o Brasil. Ao mesmo tempo, reviu com cuidado a avaliação que ela mesma fizera da cultura popular, comparando-a à dos comentadores do livro e a outros escritos do autor.

Este procedimento detalhado e consciencioso representou para Rita Loureiro um aprendizado, uma iniciação e, até certo ponto, o fim de uma etapa. Talvez seja isso que pareça nos comunicar a estranha composição que finaliza a série e traz à guisa de título – como aliás ocorre no livro – a frase feita que arremata as narrativas populares: “Acabou-se a história e morreu a vitória”. De fato, a ilustração referida não se assemelha às demais: o co-

lorido é inesperadamente muito frio, dominado pelo acorde refinadíssimo cinza-azulado/cor de ouro, que vem repetido em todos os monstros. No primeiro plano, uma recapitulação rápida da narrativa fixa, em estilo rude e sem convicção, meia dúzia de personagens estampados quase tipograficamente em preto e branco. No canto inferior, à direita – onde o contraste entre a tira verde da vegetação e a diminuta enseada do rio alteiam um pouco o esquema das cores – Mário de Andrade é representado na rede, uma citação em surdina da célebre gravura de Lasar Segall. Tudo o que resta do livro são essa breve homenagem àquele que serviu de guia à artista e as poucas alusões feitas ao trecho, no primeiro plano. O resto da composição, sobretudo a admirável parte central, já pertence a outro universo e devemos creditar agora à coleção de monstros estranhos, delicados e esguios que, feitos de um sopro levíssimo, parecem muito mais próximos da imaginação de Bosch que dos avatares pesados e sangrentos do nosso populário. Além disso a proporção retangular da superfície pintada também se alterou, e a tendência anterior à verticalidade deu lugar a um espaço alongado, horizontal, semelhante aos de Uccello, Andréa del Castagno na Ceia, Piero della Francesca no Palco cômico do Palácio Ducal de Urbino. Ora, todas estas indicações estão sugerindo que Rita Loureiro já se sente livre e senhora de si, pronta para caminhar em direção de sua própria obra.

Três coisas chamaram imediatamente a atenção de quem, entrando na sala inferior do Museu de Arte de São Paulo, deparava com a coleção de óleos intitulada Boi Tema: a proporção peculiar das telas, a extrema unidade do conjunto e o estilo muito pessoal da artista. Pois se aqui e ali podíamos surpreender uma vaga afinidade com a arte ingênua, a análise mais atenta revelava que a elaboração era requintada e se mantinha eqüidistante da vivência da paisagem amazônica, da complexa herança cultural brasileira e da familiaridade inesperada com a tradição renascentista. Vejamos como esses componentes, na aparência descontraídos, se harmonizavam na pintura de Rita Loureiro.

A quase totalidade das obras aderiu a um espaço horizontal – aquele que ainda pouco apontamos na última ilustração de Macunaíma – excessivamente alongado e mesmo um pouco desagradável, se posto em confronto com a elegante proporção do corte de ouro. No entanto a escolha da pintora não foi arbitrária. Ligava-se à profunda vivência da paisagem, ao sentimento da distância, das travessias intermináveis, do horizonte das águas

que, mesmo imensas, não eram as águas sinfônicas do mar, mas a melodia infinita dos rios, contidos entre as margens. Era o ar livre da rua, do terreiro, do mercado, da andança e, principalmente, do desfile. Presente já nas procissões que os jesuítas organizavam com os índios convertidos, ele ainda permanecia muito vivo nas festas populares – do Espírito Santo e de Reis, nas bandeiras ou folias – quando bandos de indivíduos iam de casa em casa, entoando cantigas de louvação, angariando dinheiro e donativos. Era ainda o espaço do cortejo, parte principal de todas as danças dramáticas brasileiras – os Reisados, as Congadas, o Maracatu, as Taiêras, os Cordões de Bichos, o Bumba-meu-boi – únicas representações teatrais difundidas na população pobre e semiculta do Norte e do Nordeste brasileiro.

A meu ver foi a convergência de todos esses elementos que levou Rita a eleger como processo construtivo preferencial a representação sucessiva, a enumeração, a repetição; a ver as coisas uma por uma, desfilando singulares diante dela, como se seu vocabulário não comportasse nem coletivos nem plural; a dispor tudo como num cortejo, máscaras, paramentos rituais, troncos de árvores, cavaleiros, pássaros no céu. Isso ocorre mesmo numa obra puramente plástica, como o Boi Marreiro, em que apesar de preocupada com o esplendor da cor, a notação do vôo, o cromatismo das penas nas asas espalmadas, é em fila que registra a revoada das marrecas; como é em fila que faz a boiada atravessar o rio a vau (Boi Piramba) ou os cavaleiros conduzirem ao sacrifício o grande boi preto.

Mas se o espaço era horizontal e o elemento construtivo básico o desfile – ou o cortejo –, a temática será retirada do Bumba-meu-boi. Indagada sobre este ponto, Rita confessou que havia tomado a grande dança dramática como referência, influenciada por Mário de Andrade e pela importância que ele atribuía à presença do boi em nosso populário. Como o problema já foi abordado por mim em outro escrito, tomo a liberdade de inscrever aqui o texto em questão.

A análise das representações coletivas brasileiras revelara a Mário de Andrade que o boi era “o bicho nacional por excelência” e se encontrava referido de norte a sul do país, tanto nas zonas de pastoreio como nos lugares sem gado (...). Num país sem unidade e de grande extensão territorial, “de povo desleixado onde o conceito da pátria é quase uma

quimera”, o boi – ou a dança que o consagra – funcionava como um poderoso elemento unaninizador dos indivíduos, como uma metáfora de nacionalidade. Foi com o objetivo de sublinhar este aspecto, surgido espontaneamente na representação coletiva, que no período mais agudo da pregação nacionalista o escritor teria sugerido ao compositor Luciano Gallet a idéia de elaborar uma suíte brasileira baseada no Bumba-meu-boi, seguindo os moldes do “Carnaval?” de Schumann ou dos Quadros de uma exposição de Mussorgski. “A morte não permitiu a Luciano Gallet pôr em prática a sugestão do amigo, mas a idéia frutificará muitos anos depois na pintura, quando Rita Loureiro se dispôs a desfolclorizar todo um ciclo de criação popular, fazendo-o ascender ao nível da grande arte.

De fato, todo o repertório básico da série Boi Tema – personagens, indumentária, figuração simbólica, sugestões plásticas, situações, etc. – deriva do Bumba-meu-boi. A transposição, no entanto, não conservou a fidelidade da crônica, foi inteiramente reformulada, através de uma nova montagem estética. O número variadíssimo de personagens – humanos, animais, fantásticos – reduziu-se quase sempre a apenas dois, o boi e o cavaleiro, que se apresentam de acordo com as características do bailado (Oneyda Alvarenga, *Música popular brasileira*, 2.^a ed. S. Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982, p. 43).

O primeiro tem o corpo feito de sarrafos, coberto de pano de chita lisa ou estampada e é movido por várias pessoas que, escondidas nesse arcabouço, animam a figura; o segundo traz preso à cintura uma espécie de cesto recoberto por uma saia ou armação que permite ao personagem fingir que monta a cavalo. Apesar da caracterização tosca os cavaleiros adquirem na tela uma extraordinária compostura, inspirada, provavelmente, nos personagens de Reisado do Cego, cuja peculiaridade é se apresentarem a cavalo e “serem, como requer o romance, fidalgos portugueses”. Aliás, na fase atual, Rita parece indiferente a certos aspectos populares a que foi tão sensível quando ilustrou Macunaíma. Evitou o que

havia de pitoresco no bailado, banuiu as figuras cômicas e as situações de palhaçada, só conservando os elementos decorativos: a roupa dos chapéus com plumas, dos saiotes floridos, dos mastrinhos encimados de estrelas e fitas coloridas. Servindo-se desse repertório restrito, familiar ao povo de sua região, vai nos transmitindo historietas, cenas de crítica social ou política forjadas por sua imaginação vibrante, versões pessoais de episódios míticos milenares. O curioso é que não está inventando uma nova maneira de compor, pois cinco séculos antes dela e em outro quadrante do mundo o Quatrocento se utilizou do mesmo processo para revitalizar a pintura do Ocidente.

Na verdade, os quadros de Rita Loureiro tomam de empréstimo às festas populares uma determinada concepção de espaço, de acessórios, elementos decorativos, personagens e mesmo um certo número de temas e de situações dramáticas, que os habitantes de sua região decifram sem dificuldade, porque já se acostumaram a vê-los celebrados nos romances ou desfilando pelas ruas nas comemorações de São João ou da Natividade. Ora, sabemos hoje, graças aos estudos clássicos de Kernodle e Francastel (George R. Kernodle, *From Art to Theatre: Form and Convention in the Renaissance*. Chicago: University of Chicago Press, 1944; Pierre Francastel, *Audin Editeur, Peinture et Société*. Lyon, 1951, e *La Figure et le Lieu*, Paris: Gallimard, 1967), que o Quatrocento assistiu a um fenômeno análogo, quando o teatro e a pintura, abandonando as raízes medievais, procuraram inspiração na poesia erudita – onde Policiano já assimilado a herança greco-latina – e, sobretudo, no riquíssimo repertório dos quadros vivos. É a estas duas influências que devemos creditar a infinidade de elementos heteróclitos, de marcas emblemáticas e sinais que povoam as obras do Renascimento e não apresentam nenhum mistério aos olhos dos contemporâneos (...).

Concluindo: ...na série toda que intitulou Boi Tema, Rita Loureiro conseguiu fundir com maestria extraordinária a tradição erudita e europeia às profundas raízes populares. Por isso, se a quiserem chamar de primitiva será sempre naquele alto sentido dado ao termo por Mário de Andrade, em que o Brasil, como aliás em toda a América, os artistas verdadeiros são “necessariamente primitivos como filhos de uma nacionalidade que se afirma e dum tempo que está apenas principiando”. Exilada na Amazônia e protegida pela distância das modas e manias, pôde meditar sobre a

cultura de seu país, digerir as tendências e pesquisas universais, acolher sem preconceito a arte dos grandes períodos, a dignidade do Quattrocento, a precisão da arte holandesa, a visão alucinatória de Goya e Jerônimo Bosch, o miniaturismo da iluminatura e da tapeçaria. Acima de tudo, soube evitar os perigos que ameaçam os artistas contemporâneos que, diante do impasse da pintura moderna – como ensina Lévi-Strauss – “se obstinam a repetir a tragédia de seus maiores, agravando progressivamente os seus vícios” (retirado do livro de Gilda de Mello e Souza, com o título de *Boi Tema* sobre a pintora Rita Loureiro).

ROLAND WILHEN VERMEHREN STEVENSON

Natural de Santiago, Chile. Há 33 anos adotou o Brasil como sua pátria e fixou residência em Manaus, onde vive. Considerado um perfeccionista do realismo figurativo, ele expressa sempre em suas telas o seu amor pela Amazônia, sendo considerado pelo presidente da Associação Amazonense de Artistas Plásticos, Anísio Mello, “a maior expressão da arte regional”. Como pesquisador, em numerosas expedições, colheu durante 20 anos valioso material de investigação etno-histórica, despertando interesse até no exterior. Um exemplo é a descoberta de um lago extinto de grandes proporções, localizado em Roraima, exatamente onde há 400 anos todas as expedições de espanhóis e ingleses procuraram o lendário lago Manoa ou Parime. O trabalho resultou no livro *Uma luz nos mistérios da Amazônia*, premiado pela Suframa, em Manaus, na categoria História. Dentre vários prêmios nacionais e internacionais, Stevenson recebeu em 1990 o Gold Book Award (primeiro lugar) em concurso mundial promovido pela Association of North American Directory Publishers, Saint-Thomaz/USA. Em 1993, a Condecoração ao Mérito “Gabriela Mistral”, do Ministério de Educação do Chile, e, em 1996, o prêmio “Belas-Artes” do I Salão Nacional de Artes Plásticas em Manaus.

A Amazônia segundo Stevenson

Bosco Ladislau

Muito já foi dito, até aqui, sobre a pintura de Roland Stevenson. Muito ainda há para dizer, no entanto. É natural que seja assim, posto que sua obra é, a um só tempo, a expressão mais crua da verdade de um homem à procura de sua arte, e o ponto de partida para gerar polêmicas. Em outras palavras, isso equivale a dizer que, para firmar-se como artista através de seus quadros, Stevenson anda procurando novas técnicas, novos meios e novas matérias com que possa exprimir-se sem violentar-se e, acima de tudo, sem bloquear o fluxo de inspiração que mantém com a Amazônia, meio que o envolve e que, com o fim de alimentá-lo em seu desenvolvi-

mento criador, origina telas onde estão sempre presentes um colorido próprio e os resultados de seus estudos em torno das civilizações andinas.

Desse modo, em Stevenson, será sempre a partir de tais estudos – lado nem sempre visível de seu trabalho – que poderemos ter uma melhor visão de toda a dimensão do artista. Portanto, se Roland Wilhen Vermehren Stevenson sempre teve um público receptivo à sua arte, foi esse mesmo público que ele elegeu como seu grande incentivador para continuar fazendo suas pesquisas etnológicas, cujos resultados estão expressos em muitas de suas pinturas. É isso: o lucro que a arte lhe dá converte-se no combustível necessário às suas pesquisas e vice-versa.

O Eldorado

Embora as pesquisas sobre o Eldorado, e tudo que houve a seu respeito no passado, já tenham sido tidas como saturadas por muitos estudiosos que esgotaram os meios convencionais de investigação, Stevenson, com o seu desejo de ir fundo nos mistérios da Amazônia, apresenta um não ao que antes tinha sido dado por encerrado. Utilizando a morfologia somática humana e baseado em sua experiência de desenhista, ele vem, há muito, estudando os rostos indígenas para descobrir as migrações que ocorreram no alto rio Negro. “Minhas pesquisas mostraram que os grupos tribais do noroeste amazônico são originários de dois tipos de civilizações (os chibchas, da Colômbia e os quéchuas, do Peru) e mais um tipo branco (causóide), que a somatologia mostra ser descendente dos espanhóis. O que torna plausível a existência do Eldorado. Agora, o que é preciso que se destaque é que não concebo um Eldorado como a especulação quer mostrar e, sim, como uma fonte aurífera de antigas civilizações que chegaram a comercializar o ouro”, diz o artista.

Aí está, resumidamente, o seu trabalho de pesquisador, cujos resultados são mostrados com freqüência em suas telas. Principalmente pelo fato de elas serem o melhor veículo de divulgação das pesquisas, tendo em vista que, apesar do esforço titânico, nada a respeito até hoje foi publicado.

Assim é Stevenson, um artista dotado de uma autoconsciência contemporânea, preocupado em ir sempre obsessivamente fundo no papel que deve desempenhar. Se para alguns isso significa que a pintura de Steven-

son é comprometida unicamente com o belo e não corresponde ao real, não nos esqueçamos do método de trabalho que ele põe em prática e que, acima de tudo, em matéria de arte o irreal e o belo também têm sua vez. Afinal, como diria Henri Matisse, “L’exactitude n’est pas la vérité” (a exatidão não é a verdade) e, como todos sabemos, belo é tudo aquilo que é programado de maneira ótima para ser compreendido. Isso é o que o difere dos charlatões e falastrões que buscam as soluções fáceis, com suas panacéias artísticas, e que se distanciam daqueles que têm crenças honestas e engajamentos profundos.

O posicionamento de Stevenson em relação à pintura amazonense é o de um artista que tem uma orientação no seu mundo. Sua resposta a esse mundo é honesta e se expressa por meio da coragem intelectual, e da vitalidade na produção de suas telas. Finalizando, Stevenson sabe qual o tema central de sua vida e se mobiliza de modo que esse tema possa oferecer à sua atividade de artista um grande impulso para todos nós (*Journal do Comércio*, 23/8/99).

A arte como modo de vida

Bosco Ladislau

Residindo no Amazonas desde 1973, o chileno Roland Wilhen Vermehren Stevenson, 51 anos, pesquisador e artista plástico, vem realizando uma arte sempre voltada para os motivos regionais da Amazônia.

Participante de mais de 50 exposições individuais e coletivas – dentro e fora do país, detentor de vários prêmios, entre os quais o Troféu Nacional Lions Clube, no Rio de Janeiro, e o II Prêmio Suframa de Artes Plástica, Stevenson conseguiu se impor executando obras que fascinam pelo tema e pelo tratamento da cor.

Não raro, sua obra tem servido para gerar polêmica. De todo modo, nada mais natural para um artista que sabe que “a arte que não agride, também não agrada” e que, inegavelmente, é um dos maiores divulgadores das nossas coisas no Brasil e no exterior.

Nessa semana que passou, estivemos juntos e Stevenson nos deu essa descontraída entrevista:

BL – Stevenson, quando e como começou sua vida como pintor?

STEVENSON – Bem! Tudo começou há 47 anos, quando eu tinha a idade de 4 anos. Nessa época, me lembro muito bem, meu pai trazia para casa uns catálogos publicitários que tinham algumas páginas em branco e que eu aproveitava para fazer histórias em quadrinhos. Depois, já aos 12 anos, comecei a trabalhar como *free-lancer* na Fonck Propaganda, uma agência de publicidade do Chile. Posteriormente, frequentei a Escola de Artes em Santiago, fiz cursos por correspondência na Escola Zier, da Argentina e trabalhei como *lay-out man* em diversas agências de publicidade no Chile, no Peru e no Brasil. Tudo isso creio contribuiu de maneira decisiva para minha formação como pintor.

BL – Houve alguma influência decisiva de alguma escola ou de algum grande mestre em sua pintura?

STEVENSON – Eu diria que influência de alguma escola, decididamente, não houve. Talvez seja por isso que não sigo nenhuma escola de arte. Mas não posso omitir a importância com que fui influenciado por mestres como Michelangelo, da Vinci e, principalmente, Leroy Newman, pintor norte-americano cujo trabalho exige muito conhecimento de anatomia e muita pesquisa.

BL – E como se deu a inclusão do tema amazônico na sua pintura?

STEVENSON – Desde a infância eu já sentia um grande fascínio pelos animais e pelas florestas chilenas. Desse modo, quando cheguei a Manaus, em 1973, fiz muitas viagens ao interior e achei exuberante a paisagem local. Senti então que esse era meu verdadeiro mundo. Por isso, participando de uma exposição que ocorria no Atlético Rio Negro Clube, apresentei três telas (Cristo, Tucunaré e Amazonas) que relatavam bem o meu deslumbramento com a região. As telas foram bem recebidas pelo público – o que muito me animou a continuar me dedicando a esse tema –, embora tivessem incomodando os integrantes de um pequeno grupo.

BL – De qual grupo você está falando?

STEVENSON – Falo de uma “panelinha” nociva às artes nesse Estado. As principais características de seus integrantes resumem-se a: primeiro, prejudicar o surgimento de novos valores ou provocar sua saída de Manaus (como fizeram com Sebastião Rodrigues, um de nossos melhores talentos); segundo, só apoiar os que não representam nenhum perigo para a venda de suas telas e, terceiro, fazer uma pintura de pernas curtas.

BL – “Pintura de pernas curtas”, esclareça essa definição.

STEVENSON – Está bem! Para mim existem dois tipos de pintura: a pintura de pernas longas e a pintura de pernas curtas. Por pintura de pernas longas, eu entendo aquela na qual o artista procura fazer o melhor que pode para provar a si mesmo que, aplicando toda a técnica possível, é capaz de dar o melhor de si para fazer uma boa tela. Para a pintura de pernas curtas é o trabalho que o público logo percebe que foi logrado, pois, para dizer que seus quadros são bons, o pintor tem de subornar o crítico, tem de se autopromover – oferecendo seus quadros para museus e pinacotecas, além de criar currículos fantasiosos.

BL – A propósito, Stevenson, como você vê o movimento de artes plásticas em Manaus?

STEVENSON – Vejo-o ainda de forma muito incipiente.

BL – Por quê?

STEVENSON – O que posso dizer é que temos algumas condições para a arte da pintura se desenvolver em nosso Estado, mas, em contrapartida, observo que essas condições que já são mínimas, deparam-se com obstáculos que tentam fazê-las desaparecer por completo. Por exemplo, se por um lado temos um campo aberto à comercialização de quadros, por outro, vamos encontrar pouquíssimas pessoas interessadas em explorá-lo. Do mesmo modo, se notamos a Galeria Afrânio de Castro, também notamos nela uma certa falta de impulso e de movimentação. À raridade de espaços para exposições, temos igual escassez de pessoas para administrá-los, promovendo exposições.

BL – Os órgãos culturais têm cumprido seu papel?

STEVENSON – A resposta, obviamente, é não. Inúmeras vezes por culpa da famigerada “panelinha”. Um exemplo é a Superintendência Cultural do Amazonas – SCA, que sempre foi um órgão dirigido por pessoas que têm compromisso político e que, além de serem pessoas que não foram eleitas pelos artistas, não entendem do assunto e, por isso mesmo, acabam não fazendo nada.

BL – E onde reside a esperança que pode mudar tudo isso?

STEVENSON – Manaus está evoluindo. Hoje, já existem pessoas fazendo uma arte que considero até melhor que a minha. Acho isso ótimo! Também existe a Amap, os artistas e os grupos independentes. São gente de personalidade, pessoas direitas, que têm orgulho de suas profissões e

que, por isso mesmo, não devem ser confundidas com ratos e nem com galinhas famintas. Acho que é por aí a forma de chegar a um nível mais elevado de consciência artística (*Jornal do Comércio*, 2/3/1986).

RUI MACHADO

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1987 – “Amazonas, Cores e Formas”.

Galeria do Espaço Cultural, Manaus.

Galeria Bar Espaço, Manaus.

Galeria do Ministério da Cultura, Brasília.

1988 – “Amazônia”, Galeria do Banco Itaú, Manaus.

1989 – “Índios”, Projeto Uakti, Galeria Assimpa/Inpa, Manaus.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

1985 – Salão de Arte Contemporânea Amazonense, Faculdade de Direito, Manaus.

1987 – Artistas Amazonenses, Tropical Hotel, Manaus.

– III Salão Curupira de Artes Plásticas, Pinacoteca do Estado.

– I Encontro Cultural das Amazônias, Armazém da Cultura, Manaus.

1989 – Aniversário de 35 Anos do Inpa, Biblioteca do Inpa.

– Reabertura da Pinacoteca do Estado.

PRÊMIOS

1982 – Aquisição, II Salão Nacional de Pintura da Fenab, Brasília.

1984 – Menção Honrosa, X Salão de Artes Plásticas da AAFBB, Rio de Janeiro.

– Troféu Destaques Amazônicos, Baiacu de Ouro, Tropical Hotel.

1989 – Menção Honrosa, Salão Suframa de Artes Plásticas.

SÉRGIO ANDRADE

Sérgio Andrade é formado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Andrade nunca escondeu que tinha o coração dividido entre o mundo do *marketing* publicitário e as artes plásticas.

Sérgio Andrade já atuou em diversas empresas de publicidade e propaganda. Atualmente é diretor da Desvio Criação.

A arte de Sergio Andrade é definida como contemporânea, despojada e desprendida, utilizando-se de várias técnicas e materiais alternativos como: desenho, bico-de-pena, colagem e pinturas a guache, a óleo, acrílica e nanquim.

EXPOSIÇÕES E PRÊMIOS

1991 – Arte no Coletivo, Iniciativa Itinerante, Galeria Thomas Cohn, Rio de Janeiro.

1992 – Salão Universitário, PUC-RJ.

1993 – Universos Paralelos, individual, Centro de Artes da Universidade Federal do Amazonas.

1997-98 – Vivo et Expresso, individual, Centro Cultural Palácio Rio Negro.

1998 – Coletiva Amazonas Shopping Arte 98.

– Salão Plástica Amazonas. Prêmio Álvaro Páscoa: viagem a Paris, França.

SERGIO CARDOSO

Sergio Vieira Cardoso nasceu em 1954 em Manaus. É autodidata e sua pintura representa em vários momentos uma crítica social; através dela o artista questionou o regime ditatorial brasileiro e a questão do artista na sociedade. Para Sergio, o gesto de pintar é o mais interiorizado possível. “É uma busca, é um garimpo na alma, em raízes intocadas”.

Desde a tenra infância apresentava sinais de inventividade. Os brinquedos de criação, as estórias em quadrinhos deixaram marcas em sua pintura, no sentido da continuidade e historicidade que vincula um momento a outro momento.

“Quando ia à Igreja de São Sebastião aos domingos, eu não conseguia me concentrar na missa. Ficava olhando os vitrais e aquelas figuras de anjos pintados no teto”, afirma Sergio.

Na década de 80, o artista passou por uma fase abstrata, com a série *Made in Madeira*, que lhe valeu o prêmio Viagem ao país, no 8.º Salão Nacional de 1985.

Além das artes plásticas, atua também como cenógrafo, ressaltando-se os quadros para o cenário de “Tem Piranha no Pirarucu”, 1977, de Márcio de Souza; “O relógio da preguiça”, 1980, de Márcio de Souza, direção de Gerson Albano; e para seus próprios espetáculos: “O Fantasma da Arte”, 1989; “Carmen de La Zone”, Teatro do Sesc/Grupo Origem e “A História de uma caboclinha quase besta”.

“Todos os meus trabalhos integram o projeto construtivista selvático. A urbe e o tecido vegetal, couro de bicho, escama de peixe e casca de tronco de árvore. A floresta-cidade multianimada”.

PRÊMIOS

1974 – Prêmio Pré-Bienal, Seduc-AM.

1975 – Prêmio Expo-Eucarístico, Fundação Cultural do Amazonas.

1985 – Prêmio Viagem ao país, no 8.º Salão Nacional de Artes Plásticas, promovido pela Funarte.

1988 – Prêmio Aquisição, no 7.º Arte Pará, promovido pela Fundação Romulo Maiorana, Belém, com a obra “Amazônia Post Cards”.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1979 – Manaos Compartiments, Livraria Noa Noa, Rio de Janeiro.
- 1983 – Morte na Amazônia Ars Saloon, Galeria Rodrigo de Mello Franco, Funarte, RJ.
- 1989 – Lunamata, Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- 1997 – Sinaes y Seguímentos, Centro de Artes Chaminé, Manaus.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1979 – Mostra de Artistas Amazonenses no Paço das Artes, Museu da Imagem e Som, São Paulo.
- 1981 – Mostra Final do 4.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.
- 1982 – Mostra Final do 5.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte.
 - 14.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Minas Gerais.
- 1983 – Amazonenses, Galeria Massagana, Recife.
 - Memorial JK, coletiva de artistas do Amazonas, Brasília.
- 1984 – Mostra Final do 7.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.
- 1985 – Caligrafias e Esculturas, Mostra de Artistas Brasileiros, Funarte.
- 1987 – A Simples Passagem do Rio–Manaus.
- 1989 – Mostra Final do 3.º Salão Paulista de Arte Contemporânea.
 - Mostra Grandes Prêmios do 8.º Salão Nacional.
 - Mostra Final do 9.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Belém.
 - Cartas do Amazonas, Galeria ELEF, Belém.
 - Artistas Contemporâneos do Amazonas, Museu de Arte Brasileira da FAAP.
 - Salão Grandjean de Montigny, Coletiva Verde Contemporâneo, RJ.
- 1991 – Lunamata, Pinacoteca do Estado de São Paulo e Pinacoteca do Estado do Amazonas.
- 1994 – Mapas y Otras Queridas Pinturas, Espaço Claudio Santoro, Amazonas Shopping.

1995 – Composições, Centro de Artes Chaminé, Manaus.
– Os Sapatos do Cavaleiro da Lua, Centro de Artes Chaminé.
1996 – Coletivas, Amazonas Shopping, Sesc-AM.



SÉRGIO GIRÃO DE ARAÚJO

Nasceu em Manaus no dia 19 de maio de 1967. Nesta capital, em 1983, iniciou seus estudos artísticos. E no Instituto de Educação do Amazonas, a partir de 1986. Em Fortaleza, continuou seu aprendizado de pintura.

Em sua mensagem diz: “Há uma visão do passado onde o artista tenta resgatar algumas lembranças marcantes. Com traços suaves, retratando uma realidade secular, formada por harmonia e fidelidade em todas as suas extremidades”.

SÉRGIO MOURA

A arte de Sérgio Moura

Bosco Ladislau

Amazonense, 36 anos, radicado em Curitiba desde 1971, o artista plástico Sérgio Moura está de passagem por Manaus. Até o dia 18 de janeiro expõe no Museu do Porto uma coleção de serigrafias denominada 10 Anos de Arte em Curitiba. Dele colhemos o depoimento que se segue e onde podemos detectar toda sua lucidez de artista preocupado com os destinos da arte que executa:

“Arte é melhor, antes arte do que tarde; amor chove e encanta, te flagra, meu; liberte ação universal.

Minha atitude incansável é a obra permanente; arte viva arte viva arte viva arte viva!

Como pode o ser humano esquecer sua espiritualidade?

Quero provocar nas pessoas o sentimento de totalidade pela vida; cultivar sensibilidade criadora.

É preciso um basta às forças negativas que embrutecem e destroem a sensibilidade humana, e assim compreender a verdadeira razão pela qual os artistas e pensadores são revoltados com o sistema opressor. A arte é um meio de libertação, contemplação ou conhecimento; a arte é uma categoria separada do viver. Todas as pessoas devem ajudar o conjunto da vida, renovar-se, redescobrir o sentimento puro que é próprio das ‘crianças’, dos artistas e dos puros de coração; resgatar nos adultos a capacidade de percepção dessas forças verdadeiras de modo que possamos experimentar a liberdade de sentir, pensar e agir para alcançar a mais elevada forma e grau de sensibilidade humana: o amor.

Se os homens conhecerem o verdadeiro amor, todos os problemas diminuirão: violências e sofrimentos ou escravizações pelo poder; pois o amor tem a capacidade libertadora e é um completo estado de liberdade de ser, de querer, de conviver...

Quase todos os políticos permanecem mentirosos e teimam em enganar o povo e em nome do povo praticam hipocrisias tradicionais. O

sistema político baseado na fraude e na mentira confunde a realidade dos fatos, impedindo assim a compreensão e discernimento pela sociedade.

O mundo está à beira de uma terrível catástrofe, somente evitável pela interferência das massas. Enquanto o homem estiver infeliz haverá muita confusão, sede de poder, promiscuidade e corrupção, avidez, insegurança, medo, autoritarismo sem-fim.

O povo, enquanto faminto e sofrendo a terrível pobreza de recursos, não poderá evoluir como ser humano. Enquanto enganado e humilhado descaradamente jamais poderá viver decentemente e assim sua psique estará sempre bloqueada, sem vida própria.

Dessa maneira, toda educação será limitada e inviável e não poderemos ajudar a sociedade a transformar-se. Esta sociedade complicada e que dá sustentação ao regime impostor e nefasto. Sociedade que inventa ídolos fracassados e monstros sociais e, ao mesmo tempo, adora consumir incessantemente bens e prazeres materiais, polui o meio ambiente e a natureza maravilhosa que nos cerca.

Todos somos responsáveis, precisamos educar-nos mutuamente e então edificar uma nova sociedade de um novo ser humano.

Artistas da terra, aceitem o desafio dessa realidade! Pintem, fotografem, gravem, filmem, escrevam, componham, construam e misturem, invadam galerias, museus, salões e bienais. Saiam às ruas, praças e avenidas. Transponham todas as barreiras do imobilismo. Enfim, produzam!” (*Jornal do Comércio* – 5/1/1986).

SÍLVIO DOS SANTOS

Sílvio dos Santos Filho nasceu em Manaus no dia 30 de agosto de 1956. Iniciou seus estudos na Unidade Educacional Nossa Senhora Aparecida; na época em que fazia o ginásio começou a interessar-se por pintura. É bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas.

Sílvio dos Santos define seu trabalho como sendo reflexo de si mesmo. Detalhista e caprichoso, tende ao perfeccionismo. Ele mesmo diz: “Esse posicionamento social defendido no trabalho, aparentemente uma característica louvável, acaba determinando algumas dificuldades na minha vida, induzindo-me a exigir mais das pessoas e a amargar uma conseqüente decepção com a realidade”. Mas é justamente esta característica que o leva a tão grande fidelidade à representação da flora silvestre – obra-prima da natureza, a qual tem sido o tema de seu trabalho desde sua primeira exposição em 1986, por entendê-lo como uma fonte inesgotável. Sílvio explica: “Observo variações temáticas nas produções de companheiros de pincel, mas não consigo me ver, embora tenha tentado, pintando outros temas com o mesmo resultado. As fases da minha produção têm sido a evolução na mesma técnica e, praticamente, no mesmo tema, tentando me aproximar cada vez mais do real ou, se preferir um rótulo, de hiper-realismo. Cada obra constitui um desafio no sentido de transferir para o observador a sensação do real. Nem sempre eu ganho essa luta, confesso”.

Suas telas possuem cores vibrantes que traduzem alegria em primeiro plano e nos planos posteriores as cores vão se definindo assim como as formas, até terminar, quase sempre, no escuro e com formas vagas. “Isso está associado a toda essa gama de mazelas sociais à nossa volta, e que a gente não consegue resolver nem ignorar”. Assim se expressa Sílvio dos Santos manifestando seu sentimento de profundo envolvimento com a necessidade de ajudar pessoas carentes, o que nem sempre é possível.

Sua obra reflete o seu amor pela natureza e o seu “constante interesse de buscar o desconhecido, mostrar o diferente, buscar o belo desprezado ou ignorado”. Ele revela: “O cheiro diferente me atrai”.

“...O trabalho retrata minhas emoções. Ele diz quem sou eu. Espero um dia ser lembrado assim”.

O surgimento do artista plástico S. Santos, ou Sílvio dos Santos Filho, foi para a comunidade amazônica, e para o Brasil, como a volta da Primavera, revestida de novas cores e com muita arte. O artista é, antes de tudo, um pesquisador da natureza quando rebusca as plantas mais exóticas para transformá-las em obra de arte. Anísio Mello, presidente da Amap – Associação Amazonense de Artistas Plásticos (*Jornal do Comércio*, junho de 1989).

“Papoulas, girassol, maracujás-do-mato, dorme-dorme, salsa violeta, jasmim de caiena são algumas das flores que ganham a atenção dos pincéis de S. dos Santos, conhecido como o pintor das flores... Embora pinte muito flores da região, as telas do artista plástico amazonense não se limitam a focalizar apenas a flora amazônica. Plantas que normalmente passam despercebidas são pontos catalisadores da observação minuciosa do pintor” (*Jornal A Notícia*, Cultura, 1989).

EXPOSIÇÕES

1987 – I Zonarte, Serviço Social do Comércio, Administração Regional do Amazonas e Grupo Carrapicho.

1988 – Salão de Arte da Juventude, Galeria de Arte Espaço Cultural Cine Qua Non.

– III Salão Curupira de Artes Plásticas na Pinacoteca do Estado.

– I Encontro de Odontologia do Amazonas, Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Ciências da Saúde, Curso de Odontologia.

– VII Zonarte, Departamento Regional do Amazonas.

– Exposição individual no Restaurante Mouraria, Manaus.

1989 – Salão de Artes Plásticas, II Festival de Cultura, Manaus.

– Exposição individual no Salão de Exposições Temporárias do Museu do Homem do Norte, Manaus.

1990 – Exposição no evento “FAEC – Cultuando a Cultura”.

1992 – Exposição na Agência da Caixa Econômica Federal.



1993 – Exposição individual “Flora Natural”, Assefaz, Galeria de Arte.

1998 – Salão Arte Sebrae, Manaus.

– Feiarte, V Feira Internacional de Artesanato, Curitiba, PR.

– II Salão Nacional de Artes Plásticas do Amazonas “Branco Silva”.

TIANA SAMPAIO

Nasceu em Manaus, onde iniciou o curso de pintura com a professora Esther Mello na Escola de Artes Cristo Redentor.

No Rio de Janeiro licenciou-se em Educação Artística na Faculdade Bennett com habilitação em Artes Plásticas. Na Sociedade Brasileira de Belas-Artes cursou escultura e pintura e faz parte de seu quadro social.

EXPOSIÇÕES

1992 – XXVII Salão de Maio, SBBA. Premiação: Menção Honrosa, Escultura.

– XXVIII Salão Feminino, SBBA. Premiação: Menção Honrosa, Pintura.

– Salão Ari Barroso, promoção do Clube dos Compositores e Poetas do Rio de Janeiro. Premiação: Honra ao Mérito, Escultura.

1993 – XXVIII Salão de Maio, SBBA. Premiação: Menção Honrosa, Escultura.

1995 – I Salão Contemporâneo de Artes, Academia Brasileira de Belas-Artes. Premiação: Menção Honrosa.

– XXXI Salão Feminino, SBBA. Premiação: Paleta de Bronze em Escultura e Menção Honrosa em Pintura.

– VI Salão Professor Osvaldo Teixeira, SBBA. Premiação: Medalha de Bronze em Pintura.

– XXIX Salão de Primavera, SBBA. Premiação: Menção Honrosa, Escultura.

– Intercâmbio Cultural Brasil/Itália (30 artistas brasileiros), Galeria La Pigna do Vaticano, Roma.

1996 – I Exposição de Artes Plásticas Brasil/Oriente, Biblioteca Pública do Rio de Janeiro. Premiação: Medalha de Bronze, Escultura.

– III Salão de Arte Sacra, SBBA. Premiação: Medalha de Bronze, Escultura.

– XI Intercâmbio Cultural Brasil/Itália, Galeria La Pigna do Vaticano, Roma.

- XVI Expo Arte Colégio Naval, Angra dos Reis. Premiação: Medalha de Bronze, Escultura.
- XXXII Salão Feminino, SBBA. Premiação: Grande Medalha de Bronze, Escultura.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS (ITINERANTES)

Amazônia

- 1992 – Museu do Telefone (12 a 22/3/92), Rio de Janeiro.
- Centro Musiarte (16 a 30/3/92), Resende, RJ.
- City Park Hotel (10 a 30/7/92), Penedo, RJ.
- Amazonas Shopping Center, promoção do Governo do Estado Amazonas (Emantur/Transbrasil) (11 a 25/1/93).
- Caixa Econômica Federal, AM (18 a 25/2/93).
- Lendas amazônicas
- Promoção do Governo do Estado do Amazonas
- Emantur/Varig,
- 1994 – Rio Palace Hotel (4/94), Rio de Janeiro.
- Hotel Tropical de Manaus (7/94), Manaus.
- Amazonas Shopping Center (7/95), Manaus.
- Maksoud Plaza Hotel (8/94), São Paulo.

OUTRAS ATIVIDADES EM ARTES

- 1988 – Participou do 3.º Simpósio Internacional do Ensino de Artes e Sua História, USP, São Paulo.
- 1989 – Seminário de Educação Estética, Faculdade Bennett, RJ.
- 1990 – Arte na Prática Comunitária, Rio de Janeiro.
- 1992-93 – Simpósio “Ver e Decifrar a Obra de Arte”, Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro.
- 1995 – Ministrou Curso de Iniciação à Escultura no Centro de Artes da Universidade Federal do Amazonas.
- 1996 – Organizou o 1.º Salão Nacional de Artes Plásticas do Amazonas, realizado no Centro de Artes Chaminé.

Nas obras realizadas o artista mostra um grau acentuado de criatividade na elaboração das formas usadas. São variadas séries com temáticas diversificadas, a exemplo, gravuras extraídas das texturas de objetos de madeira, cabos de machado, remo, tábuas serradas com motosserra, etc., que em alguns casos recebem gravações de traços figurando movimentos. Um outro exemplo são objetos montados com cipó e pedaços de madeira encontrados em oficinas, derrubadas, serrarias ou esculpidas pelo autor.

As ilustrações em bico-de-pena fazem parte da pesquisa realizada sobre prédios históricos ou são criadas espontaneamente.

O artista não se preocupa em definir um estilo convencional para de imediato caracterizá-lo e cria de forma ilimitada.

A arte popular também se faz presente no acervo do artista geralmente divulgando fatos relacionados com usos e costumes da região amazônica.

Em vários momentos foram inseridos em suas mostras instalações. Uma delas denominada “Piracema” a qual foi montada com tacos recolhidos na rua, lâminas de compensado e objetos, usando linguagem subjetiva. O autor relacionou conceitualmente estes materiais com o tempo e o espaço percorridos por todos nós.

Thyrso ainda usa uma linguagem figurativa com formas modernas ligadas a personagens de nossa região.

URDAPILLETA SANCHES

A amazonidade em Sanches

Bosco Ladislau

Desde 1979, ano em que chegou a Manaus, João Luiz Urdapilleta Sanches, ou melhor, U. Sanches – artista plástico nascido na cidade gaúcha de Sant’Ana do Livramento, vem nos confirmando com invulgar talento, as palavras da pintora Wega Nery, 72 anos: “Qualquer tema pode ser pretexto para uma boa tela”.

Assim, ao eleger como sua temática exclusivamente a natureza amazônica, a vida do interior e dos barrancos dos rios, Sanches estabelece o princípio que norteia sua obra. “Tendo vindo dos pampas, onde praticamente só existem planícies, vejo a Amazônia como um tesouro incalculável de assuntos a explorar, dentro das artes plásticas”, diz o artista.

Com o propósito de documentar a vida e o folclore da região e, paralelamente, registrar o verde da selva, U. Sanches com sua pintura ampla e sem vacilações vai interpretando o cenário amazônico. Cenário, que ele tão bem conhece de suas andanças na região e que nos apresenta em suas telas como verdadeiro documento de uma sensibilidade flagrada no ato de contemplar (e criar) as coisas que lhe cercam.

Ao revestir a atmosfera de seus quadros, feitos a óleo trabalhados com espátula e pincel, com tons autênticos e, algumas vezes, carregados de azul, Sanches nos transmite uma sensação de leveza e calma infinita (como nos quadros “O Garapeiro” e o “Igarapé São Vicente”, por exemplo), numa ação dialética entre a natureza capturada como tema e sua transformação em verdadeira obra de arte.

Em Sanches a primeira impressão que temos é a de que estamos diante de um pintor que trafega habilidosamente entre o figurativismo realista (na elaboração da composição) e o impressionismo (no tratamento da cor) e que, acima de tudo, ama e sente a nossa luz em toda sua plenitude, pois só assim é possível, como ocorre com o artista, fazer reviver numa tela, ao mesmo tempo, a superficialidade de uma simples fixação pictórica e a transformação deste valor transitório em um valor permanente.

Em síntese, U. Sanches é o exemplo do artista em franca evolução. Tendo iniciado-se na pintura de marinhas, já passou também pela pintura dos nus e paisagens urbanas até chegar a beber nas mesmas fontes que outros vêm buscar seus temas: o cenário amazônico. Por isso, apesar de sua carreira pouco ruidosa, estão aí, para confirmar o que afirmamos antes sobre a boa qualidade dos trabalhos de Sanches, as suas 35 participações em exposições coletivas – apenas entre os anos de 1978 a 1985 – as 4 exposições individuais (1983, 1984, 1984 e 1985) e o desempenho em outras atividades como desenhista de charges e a co-autoria na revista *Assim se mapea o Brasil* (impressa no Rio de Janeiro), por exemplo.

Finalizando, a arte de João Luiz Urdapilleta Sanches será sempre uma confirmação da sua condição de artista consciente – preocupado com a situação em que se encontram as artes em nosso Estado, e que sabe o que faz, por que e como faz e, apesar de fazer uma arte amadurecida, irá ainda muito mais longe do que se possa imaginar” (*Jornal do Comércio* – 29/12/85).

Cursos:

Escola de Belas-Artes, RJ; Escola de Artes Visuais do Parque Lage, RJ; Arte Contemporânea com o prof. Arlindo Trevisan, RS (1989); Materiais em pintura com a prof.^a Van Scherpenberg, RJ; Cursos de extensão na Fundação de Arte e Museu de Arte Moderna, RJ.

Prêmios:

Medalha de Ouro, III Salão Curupira de Artes Plásticas, Manaus; Medalha de Ouro, Salão de Itatiaia, RJ (1989); Prêmio Missão Cartográfica Austríaca, Brasília (1983); Medalha de Ouro, II Salão de Inverno Internacional de Artes Plásticas, Sant’Ana do Livramento, RS (1990); Medalha de Prata, V Salão de Artes da Associação dos Artistas Plásticos Profissionais do Rio de Janeiro (1989); Medalha de Prata, V Salão de Artes Armando Vianna, RJ (1989); Medalha de Bronze e Menções Honrosas.

Workshop de Artes Plásticas:

Participação no “Projeto Cor Local” da Caixa Econômica Federal de Porto Alegre e Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Sant’Ana do Livramento, RS.

Membro das entidades:

Sociedade Brasileira de Belas-Artes, RJ; Clube da Madrugada, Manaus, Ordem Acadêmica do Cone Sul, RS; Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias, Brasília; Colégio Eleitoral do Prêmio Multinacional Estadão, jornal *O Estado de São Paulo*; vice-presidente da Associação Amazonense de Artistas Plásticos – Amap.

EXPOSIÇÕES

1979 – II Salão Universitário de Artes Plásticas, Teatro Amazonas.

1981 – Amazonas Arte, Mostra Coletiva de Artes Plásticas, Teatro da Paz, Belém.

1983 – Semana Cultural do Amazonas, Artes Plásticas, Memorial JK, Brasília.

1984 – Mostra de Artes Plásticas do Amazonas, Vanderbilt University, Nashville, Tennessee, USA.

1985 – Novo Acervo da Pinacoteca do Estado, Manaus.

1986 – Individual na Sala Cultural do Município, Sant’Ana do Livramento, RS.

1987 – Mostra Universitária de Artes Plásticas, parte integrante do I Festival Universitário de Cultura, no Salão de Exposições do Museu Tiradentes, Manaus.

1988 – Di Cardoso, Galeria de Arte, Boa Vista, RR.

1989 – V Salão de Artes Plásticas Armando Vianna, Academia Brasileira de Letras, Centro Brasileiro de Cultura, Rio de Janeiro (Medalha de Prata).

1990 – Individual, Retrospectiva 12 Anos, Espaço Cultural da Sears no Shopping Center Méier, Rio de Janeiro.

1991 – Exposición Binacional de Artistas Plásticos, no Salão de Atos da Intendencia Municipal de Rivera, República Oriental do Uruguai.

1992 – I Salão de Artes Plásticas y Visuales del Norte, no Salão de Atos da Intendência Municipal de Rivera, República Oriental do Uruguai.

1993 – Individual, Tropa de Osso, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Sant’Ana do Livramento, RS.



1994 – VI Salão de Inverno Internacional de Artes Plásticas, na Sala Cultural “Prof. Antônio Francisco Pereira Alves”, Sant’Ana do Livramento, RS (Menção Honrosa).

1995 – XVII Salão de Marinhas, na Sociedade Brasileira de Belas-Artes, Rio de Janeiro (Menção Honrosa).

1996 – VIII Exporart, no Clube dos Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica, realizada pelo mesmo, Rio de Janeiro (Medalha de Ouro).

1998 – Salão Plástica Amazônia 98, Centro Cultural Palácio Rio Negro, Secretaria Estadual de Cultura e Turismo e Centro de Artes Chaminé.

WEBER VIEIRA

Além dos cinco sentidos

Bosco Ladislau

Quando o amazonense Weber Vieira, 33 anos, surgiu no cenário artístico local, há aproximadamente quatro anos, trouxe como marca registrada do seu trabalho a sua condição de artista cósmico. Agora, decorrido tal período de tempo, ele mantém a coerência com aquele primeiro momento, com 25 trabalhos feitos a óleo sobre tela – reunidos sob o título de “Cosmos...” (expostos a partir do dia 11 de abril de 1986, na loja computadorizada do BEA, na rua Barroso, 125), ele volta a nos mostrar um mundo além deste em que vivemos, só percebido com algo mais que os cinco sentidos.

“Meu trabalho enfoca uma consciência mística. Nele é possível o observador não apenas sentir o prazer estético, mas, também, entrar em contato com um plano transcendental de percepção”, diz o artista consciente de que é impossível afastar a arte cósmica de sua finalidade de ser uma ponte entre o homem que vive limitado ao mundo físico e o homem que rompe esses limites.

Esse aspecto não poderia ser irrelevante para a acuidade de um espírito como o de Weber Vieira. Por esse motivo, a principal característica de seus quadros tem sido tratar a forma e o conteúdo de modo a expressar os mais altos ideais do desejo humano. Nuvens, focos de luz, objetos extraterrenos e paisagens cósmicas, executadas, às vezes, com o pincel, e, em outras, com os próprios dedos, servem de pretexto para isso. E mais além, determinam a unidade temática que une sua obra a de Ingo Swann, Gyoshu Hayami, Gerado Dottori, Nicomedes Gomez, Helmut Zimmerman, Joseph Schneiderfranken ou Bo Yin Ra, Einar Jonsson, Emil Bistram e tantos outros artistas cósmicos do panorama universal.

Assim é Weber Vieira. Um artista que, mesmo diante da possibilidade de ver sua arte limitada pelos padrões consagrados de beleza e talento, conhece a responsabilidade do seu ofício e pinta de modo a somar com as outras formas de pintura que aqui se praticam.

“Se hoje já existem pessoas, em Manaus, que desenvolvem trabalhos com a mesma temática que a minha, isso prova que a pintura cósmica tem um alcance muito amplo. Daí ser possível desenvolver, através dela, qualquer tipo de assunto, desde a defesa da ecologia até as experiências mais transcendentais do ser humano. Portanto, é também nesse espaço de atuação que reside a integração da minha pintura no movimento das artes plásticas amazonenses”, diz o artista Weber Vieira.

Em resumo, a arte cósmica de Weber já tem lugar reservado no cenário artístico local, pois que ela resulta da percepção de um artista sobre um tempo em que o homem se integrou ao Universo e, com isso, deixou de ser o antropocentrismo pernicioso de até o século passado, para ser o homem contemporâneo. Poeira cósmica que, no entanto, não perdeu a sua individualidade essencial.

Ademar Brito



Amarildo Amazonas

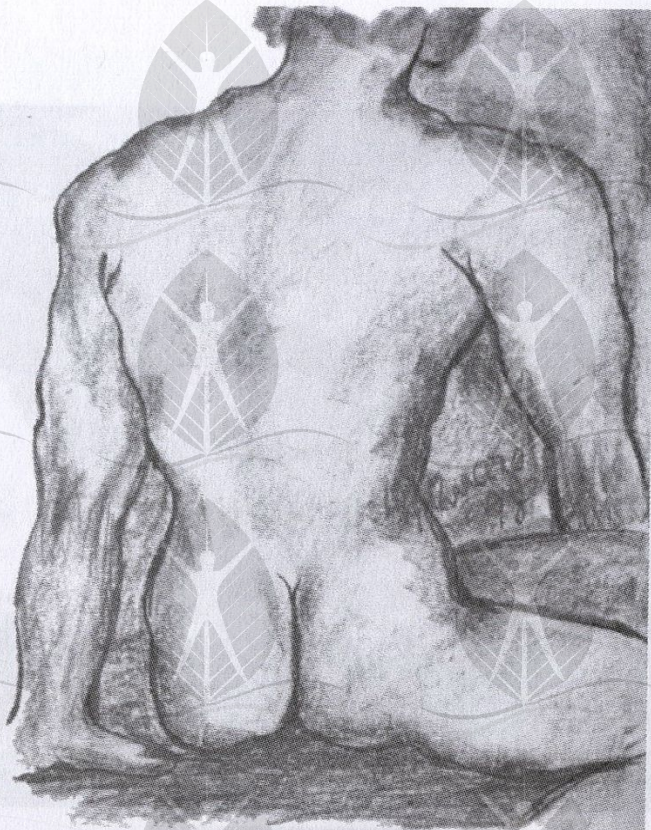


Andrea Benzecri
S/T



Anísio Mello



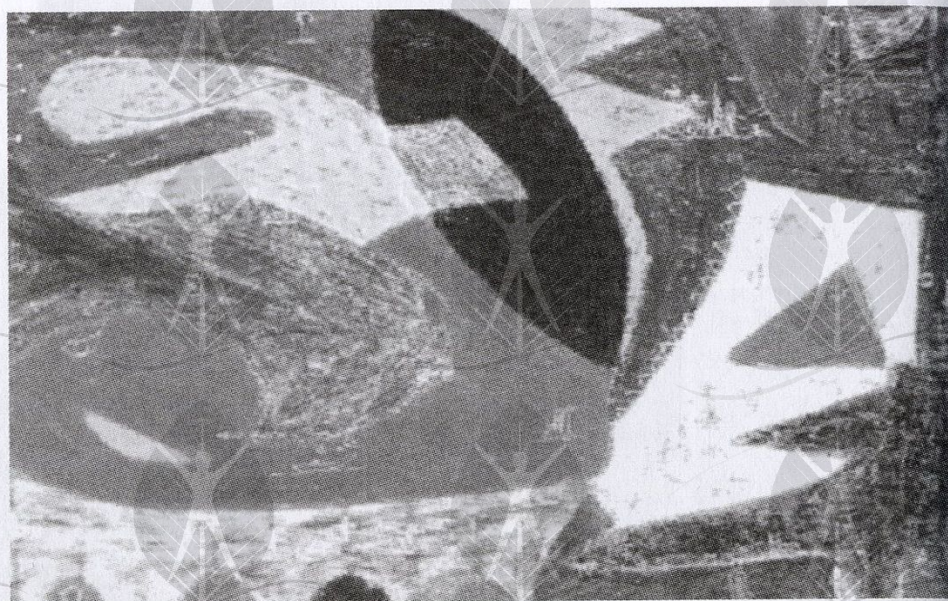


Auxiliadora Zuazo
O Homem Ideal



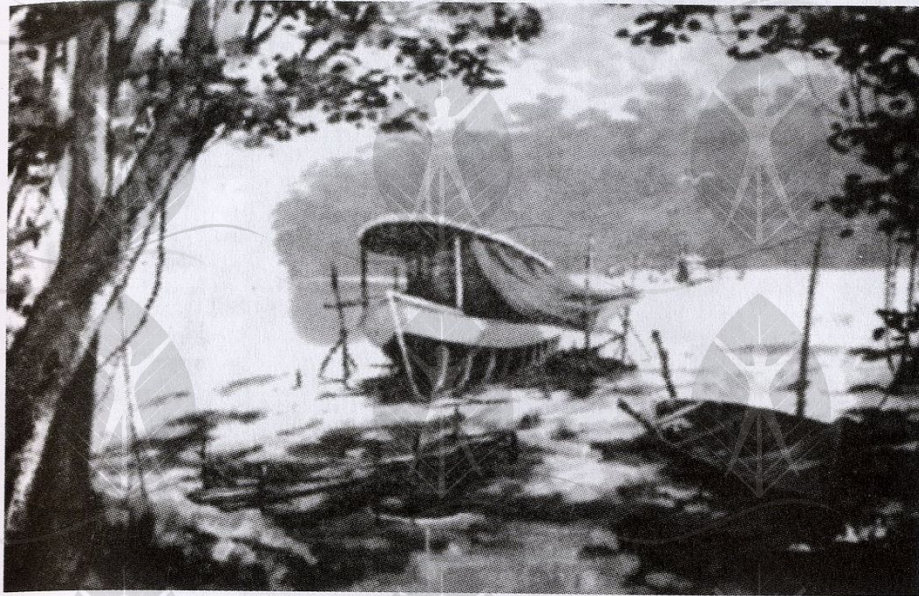
Buy Chaves
A criança prometida

Cristovão Coutinho
Paraíso 1



Eliberto Barroncas





Francisco Barbosa
Paisagem

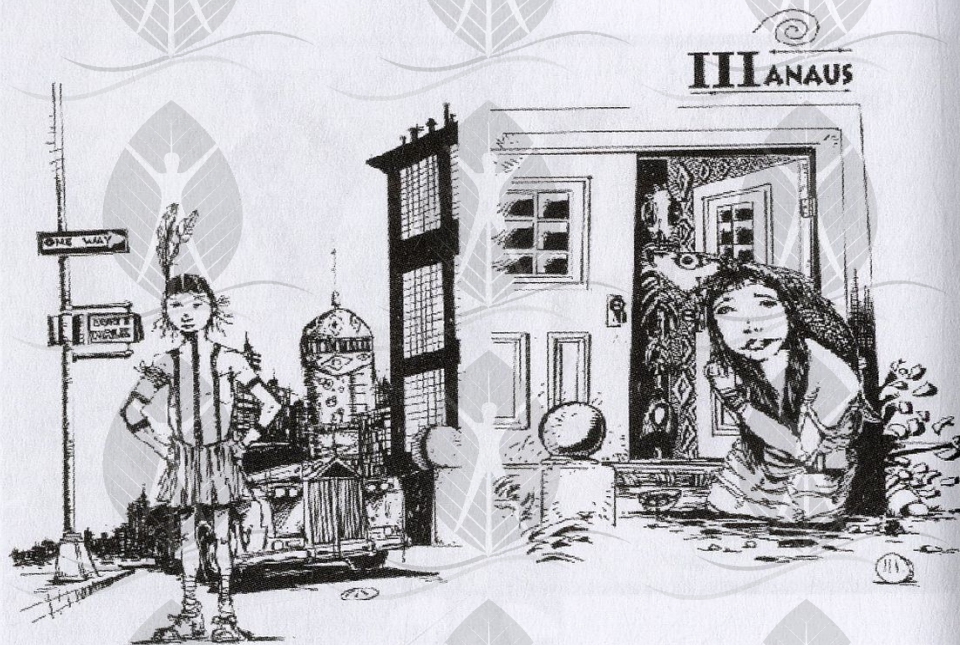


Jair Jacqmont
Objetos

Jander Reis
Alto Close



Manaus
*Parãndolafastidiosafilãrearelacionada-
comhipocrisiaàverdadeiraamazonia*





Manoel Izidro
Retrato



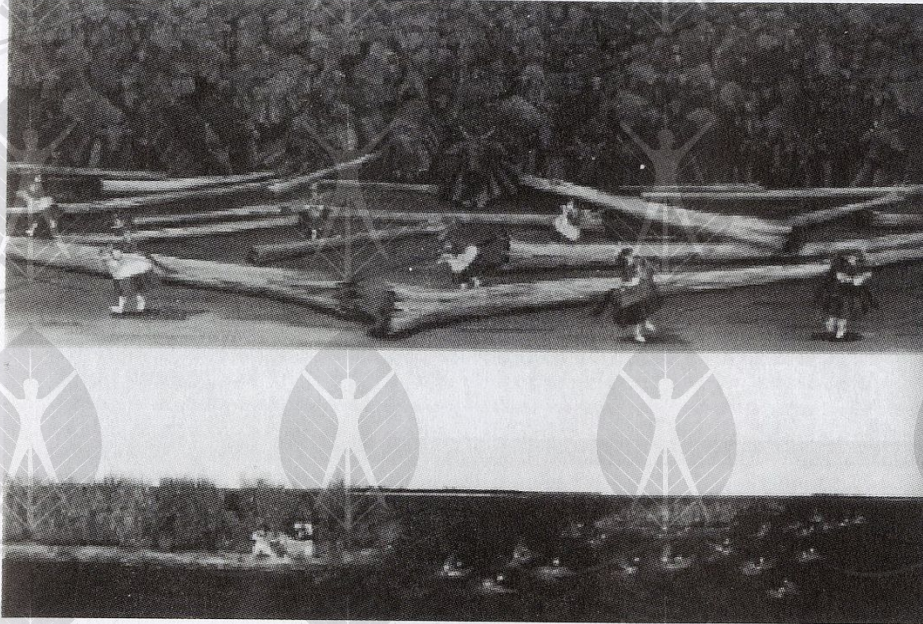
Mário de Paula

Mário de Paula
Retratos de Poetas Amazonenses



Rita Loureiro
Feira dos Bois Brasil



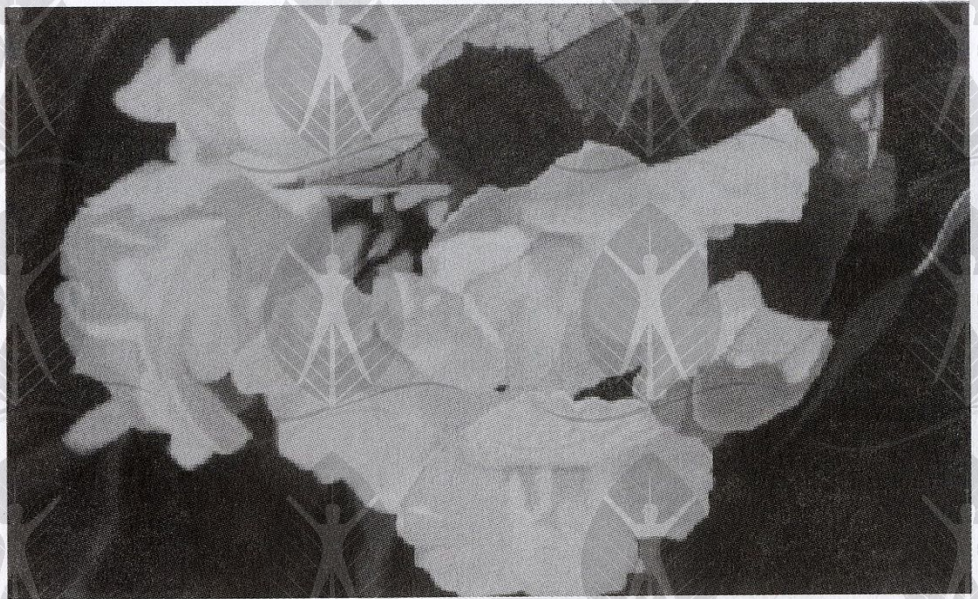


Rita Loureiro
Boi Marreiro

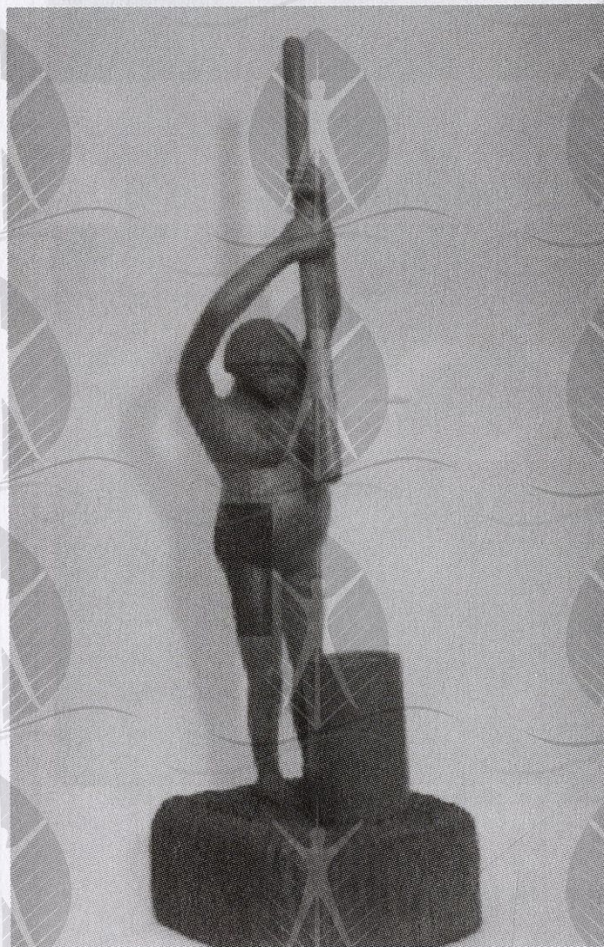


Roland Stevenson
Revoada de Garças

Sílvio dos Santos



Thyrso Muñoz





Urdapilleta Sanches
Retirantes



Urdapilleta Sanches
Ponta Negra



CENTRO CULTURAL PALÁCIO RIO NEGRO SALÃO PLÁSTICA AMAZÔNIA

O Salão Plástica Amazônia 1998 reuniu artistas da Amazônia Continental em Manaus, no mês de julho, para a exposição de peças destinadas ao acervo da Pinacoteca do Estado do Amazonas, respeitadas todas as tendências, técnicas e criações.

A Comissão Julgadora para premiação e aquisição foi feita por renomados especialistas na área.

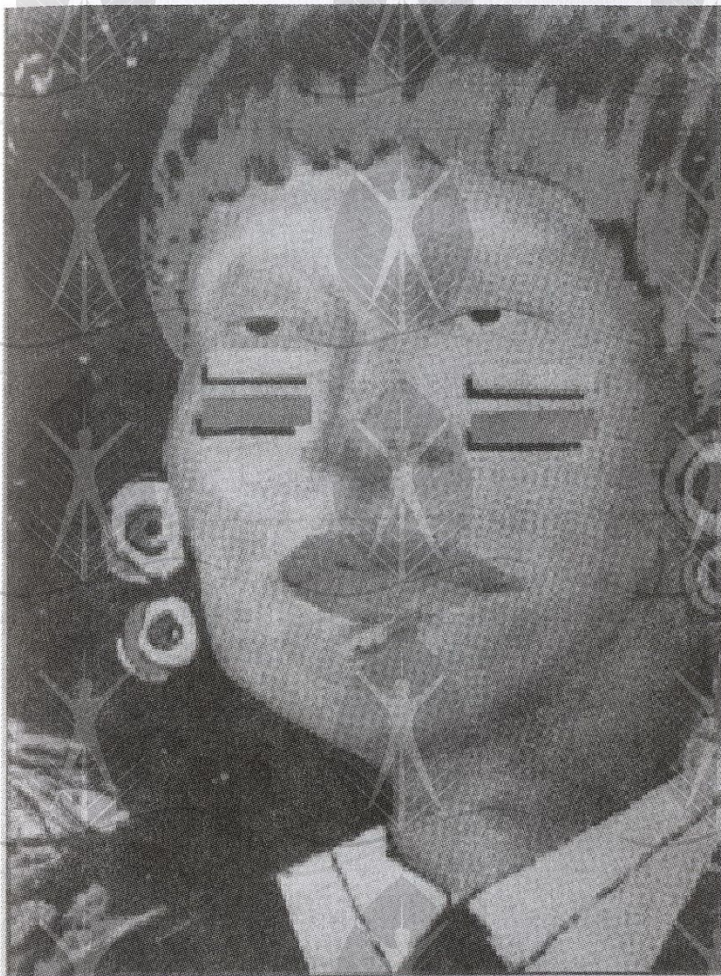
O salão possibilitou a participação de vários artistas iniciantes e veteranos. Foram apresentadas obras de fotografia, pintura, instalação, desenho, escultura e gravura. Os trabalhos eram de altíssimo nível. Artistas de Manaus, Venezuela, Belém, Marabá, Amapá, Cuiabá, Boa Vista, Rio Branco e Letícia mostraram a sua arte nas salas do Palácio Rio Negro.



Helen Rossi – Obra premiada
Instalação Itaúbas Passageiros



Nonato Tavares – Medalha de Ouro
Jurupari 1



Manaus
Artista plástico premiado no Salão

CAPAS DA LISTA TELEFÔNICA



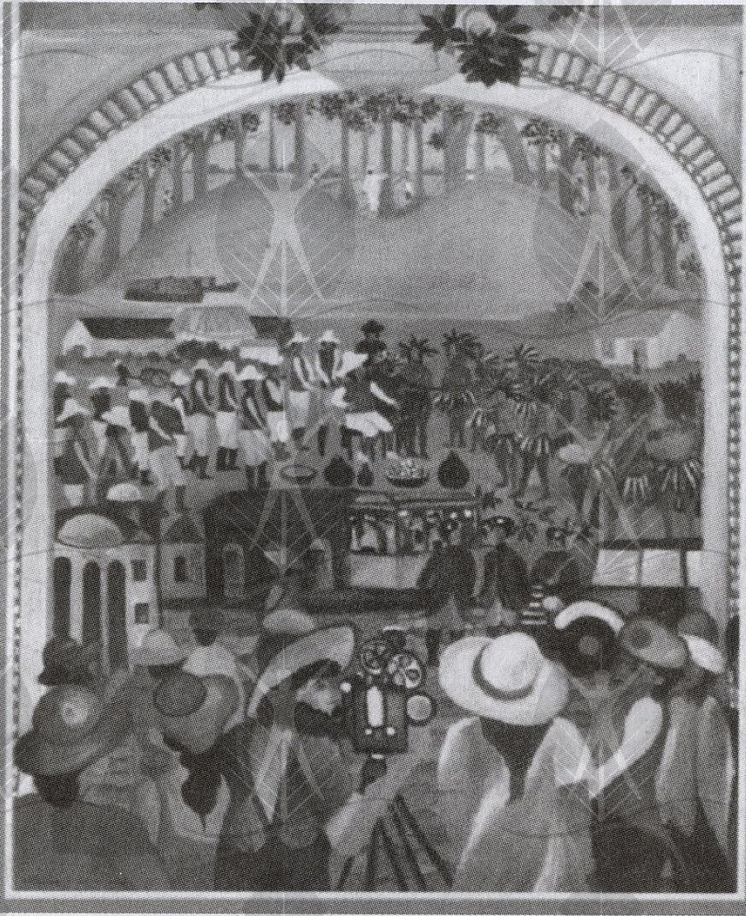
Anísio Mello
Comunicação Ecológica

Pintura em óleo, representa a comunicação feita através de linhas telefônicas que circundam um disco de um aparelho. O verde e o negro das sombras são figurações ecológicas das queimadas e do verde exuberante da floresta, representada por manchas. A tela se harmoniza pela suavidade das nuances. Lista Telefônica, 1990.

Jorge Joswiack Júnior.
Arte e Cultura: *Uma Festa Amazonense*

A pintura representa Manaus com sua arte e esplendor, o Teatro Amazonas e, ao redor, os municípios do interior, ligados e entrelaçados pela mesma cultura amazônica, com suas festas: Bumbá de Parintins, Guaraná, de Maués, Fecani, de Itacoatiara, Cupuaçu, de Presidente Figueiredo, Açai, de Codajás, Banana, de Anori, Laranja, do Rio Preto da Eva, Castanha, de Tefé e tantos outros eventos com suas festas juninas e tradicionais.





Eli Bacelar
Passado cinematográfico

O colorido exuberante reproduz imagens como num sonho, e os acontecimentos se desenrolam no palco representado pelo arco do pano de boca do Teatro Amazonas ilustrado por seringueiras que, naquele momento, já plantadas em outros solos significaram a quebra do monopólio. Vemos em primeiro plano espectadores e uma câmera registrando o passado romântico e conflitante, e, em segundo plano, uma cena de rua com sua arquitetura, automóveis e o povo com roupas da época, e em último plano o encontro pacífico de índios e portugueses. Uma época romântica e de muitas descobertas.

Eli Bacelar
União dos Bois

Garantido e Caprichoso celebram uma festa de muita dança através da mistura de instrumentos variados que produzem sonoridade de muita paz. É a união dos bois e de suas torcidas, que acompanham cantando e dançando as toadas, mostrando assim a beleza da tradição do folclore de Parintins, considerado um dos melhores do mundo, realizado anualmente em junho (Lista Telefônica, 1996/97).





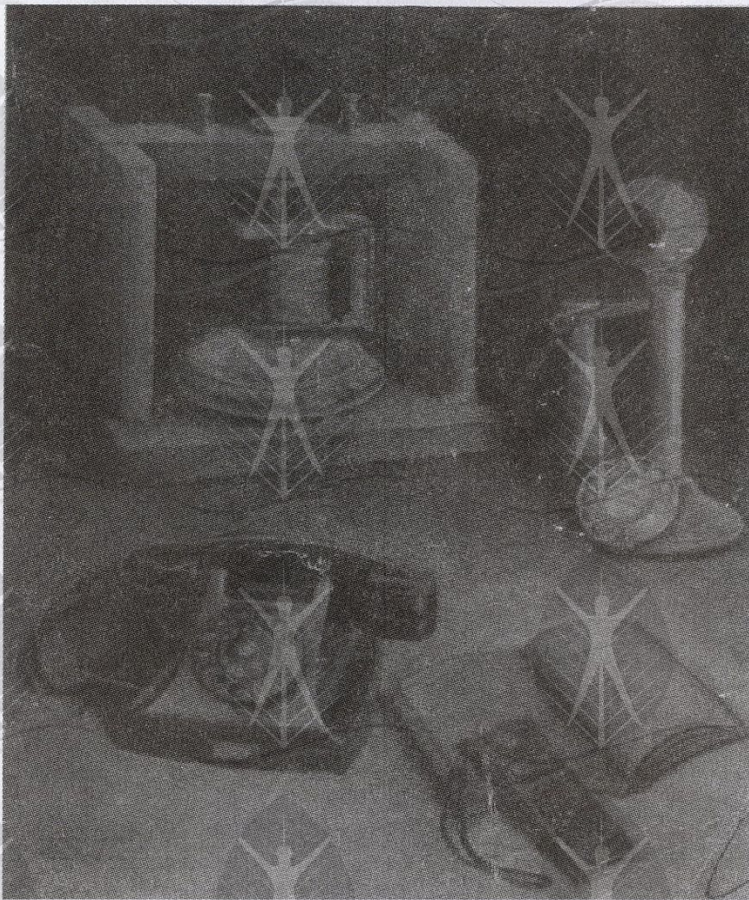
Francisco Aragão
Amazônia

Pintura que retrata a região usando seus elementos mais comuns: o índio com seu arco e flecha, a conhecida onça-pintada, muita água e o dominante verde da floresta. É a imagem que o mundo inteiro faz da Amazônia (Lista Telefônica, 1992).

Noé Costa
Natureza em Comunicação

Pintura em óleo que ilustra um telefone cristalizado como elo de ligação entre a Amazônia e o mundo, através da raríssima arara-azul. As obras de Noé são consideradas verdadeiros estandartes em defesa da floresta amazônica (Lista Telefônica, 1993/94).



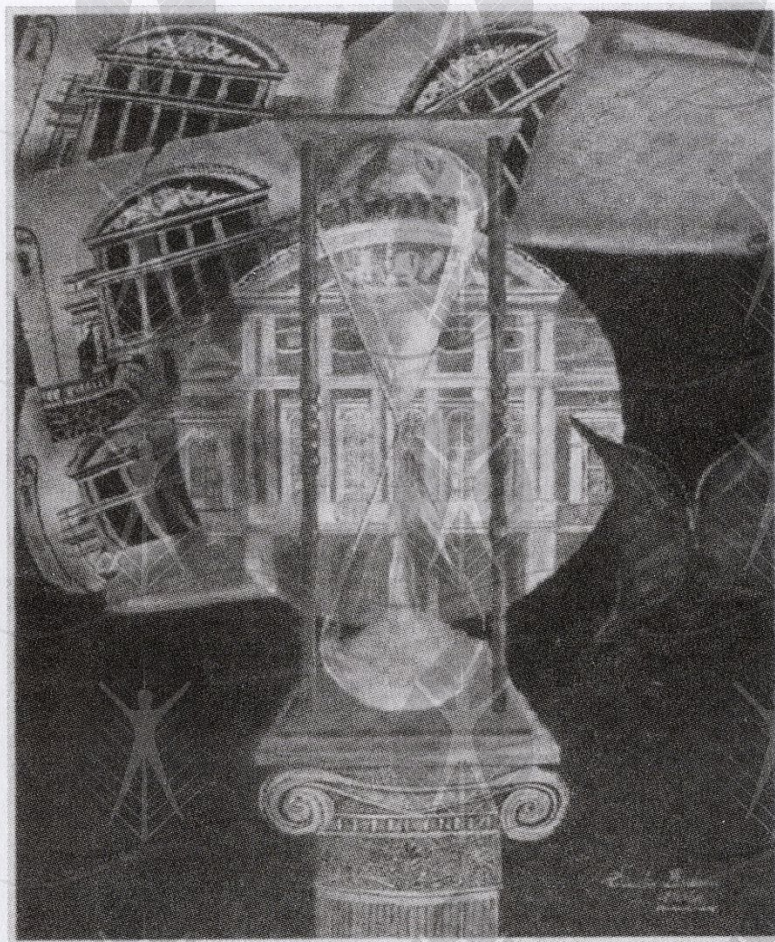


Sérgio Girão
De Graham Bell aos Nossos Dias

Pintura em acrílico, mostra as várias fases do telefone desde o seu primeiro modelo manual até o mais moderno, a comunicação celular (Lista Telefônica, 1994).

Cláudio Lima Barbosa
Centenário

O Teatro Amazonas é visto através de uma ampulheta que marca o tempo de sua idade centenária. As várias figuras do Teatro ao fundo representam diversas sequenciações da idade de um passado longínquo, mas presente das linhas neoclássicas. A borboleta por sua característica metamorfósica, simboliza a passagem das fases do Teatro, com o propósito de encantar ainda mais os olhos de quem o observa. Ilustrou também a capa da lista que comemora o centenário do Teatro Amazonas (Lista Telefônica, 1997).





Antônio Ferreira de Souza
O Mito

Esta obra mostra uma parte da lenda indígena amazônica em dois sentidos diferentes. Observando-se a pintura da esquerda para a direita, vemos a caricatura do Kanancluê, Feiticeiro da Selva (segundo a lenda) e cinco pontas de uma palmeira, que simbolizam a palha: da direita para a esquerda, vemos a forma de um corpo feminino nu, sentado, com um cocar sobre a cabeça e um colar no pescoço, às margens do rio Javari, abraçando um tipiti.

Roland Stevenson
O Boto Cor-de-Rosa

Alerta para a possibilidade de, cada vez mais iminente, extinção deste mamífero (Lista Telefônica, 1989).





Edemberg Grana Ehm Jr.
Festival Folclórico de Parintins

Inspirado na festa popular de Parintins, onde, ou se é vermelho e branco – Garantido, ou azul e branco – Caprichoso (Lista Telefônica, 89/90).

Moacir Andrade
*Homenagem ao cantor
mágico da Selva Amazônica*
Magia do Uirapuru

Dizem as lendas que o pequeno Uirapuru, ao cantar, faz a fauna silenciar para ouvi-lo (Lista Telefônica 1988).





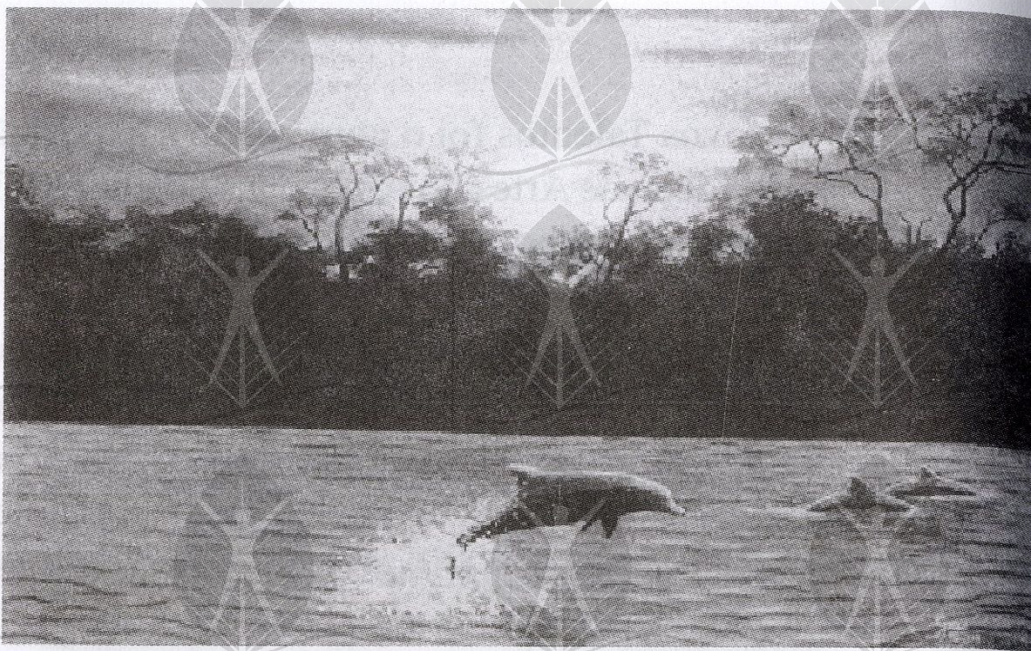
NOVOS TALENTOS

Novos Talentos foi o nome dado à exposição feita por alunos finalistas do Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello” e artistas iniciantes. É a abertura para novos talentos que surgem, com garra e coragem, no nosso contexto cultural.

Este evento ocorreu na Casa da Cultura, do dia 3 ao 17 de março, e no Centro de Artes Chaminé do dia 18 ao dia 31 do mesmo mês de 1995.

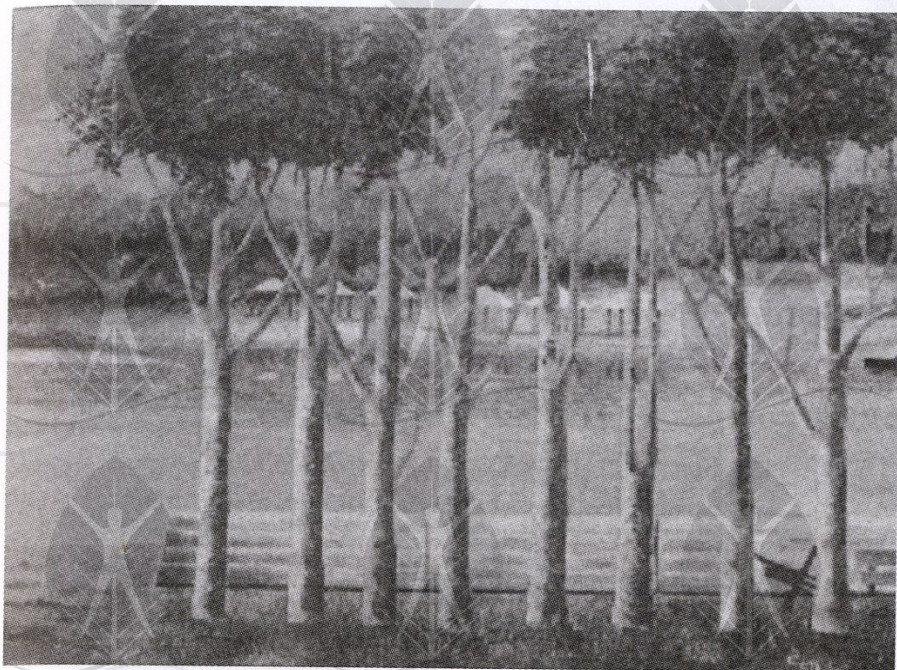
Promovida pelo Liceu, a exposição contou com obras de variadas técnicas, sendo que a predominante foi o academicismo. “Todo aquele que está disposto a se aprimorar nesta arte tem de passar por esta fase”, consideraram os expositores.

Geni Cordeiro
A festa dos Botos



Arnoldo Cagi
Pulmão do Mundo





Clío Baraúna de Carvalho
Paisagem da Ponte da Bolívia



Natália Nobre
Cachoeira



PROJETO DO VEREADOR JEFERSON PRAIA

Cultura tem a ver com a identidade da comunidade, uma vez que incorpora traços relativos e aceitos por seus componentes, bem como ao indivíduo, o qual, após absorver determinadas características, estará capacitado ou não a inserir-se devidamente no grupo que melhor respalde seu caráter e atitudes para com os demais.

O projeto que foi defendido pelo vereador Jeferson Praia imbuir-se-á no sentido de favorecer, bem como incentivar, profissionais da arte cabocla, ensejando motivação criadora, valorização deste mercado, reconhecimento artístico e divulgação dos valores de nossa terra.

O mesmo determina a fixação de obras de arte em edifícios. Que as mesmas sejam originais e de valor artístico, incorporando-se como parte integrante deles e sob a criação de artistas nascidos ou residentes no Estado do Amazonas com o tempo de residência suficiente que denote sensibilidade, amor e apego às raízes culturais destes rincões. A liberação, pelo órgão competente, quanto ao funcionamento das construções referidas, o Habite-se, estará diretamente condicionada à aprovação por Comissão constituída para dar o aval em relação ao trabalho artístico incorporado. Como requisitos da aprovação, deverão estar apostos o visto do autor do projeto de arquitetura, do proprietário da construção, a assinatura do autor da obra de arte, bem como anexado o comprovante de pagamento ao artista.

O projeto determina a fixação de obras de arte em edifícios.

Art. 1.º – Em todo edifício que vier a ser construído no município de Manaus, deverão constar obras originais de valor artístico, as quais farão parte integrante deles, de artistas nascidos ou residentes no Estado do Amazonas há, no mínimo, 5 (cinco) anos.

Art. 2.º – Os efeitos do artigo anterior incidirão sobre os prédios com área superior a 2.000 m² (dois mil metros quadrados) e bem assim os de grande concentração pública, tais como: praças, casas de espetáculo, hospitais, casas de saúde, escolas, estações e terminais de passageiros, estabelecimentos bancários, hotéis, clubes esportivos sociais ou recreativos com área superior a 1.000 m² (mil metros quadrados).

Art. 3.º – Ficam isentas dos efeitos desta lei as residências particulares unifamiliares.

Art. 4.º – Não será concedida a construção ou competente HABITE-SE quando na mesma não constar a obra de arte exigida nesta lei, cuja maquete, fotografia ou planta deverá ser aprovada por Comissão constituída com a finalidade de avaliar o real valor artístico da obra no prazo máximo de trinta dias.

§ 1.º – A Comissão referida ao *caput* deste artigo será composta por três membros, sendo um indicado pela Associação ou Sindicato dos Artistas Plásticos, um pela Prefeitura Municipal de Manaus e um pelo Sindicato da Construção Civil.

§ 2.º – Para que a Comissão aprove a concessão do competente HABITE-SE, deverá estar aposto o visto do autor do projeto de arquitetura, do proprietário da construção e, ainda, a assinatura do autor da obra de arte, bem como anexado comprovante de pagamento pelo trabalho do artista.

Art. 5.º – Somente poderão executar os serviços referidos ao artigo anterior os artistas previamente inscritos no Sindicato da categoria.

O artigo acima refere-se ao Sindicato, no entanto, por não haver este Sindicato em nossa cidade, a Associação Amazonense de Artistas Plásticos (Amap) receberá este encargo.



GALERIAS

CENTRO DE ARTES CHAMINÉ

As artes visuais se espalham pelos cinco salões de exposição do Chaminé, dividindo espaços com a dança e o teatro.

Em outras ocasiões, os amplos salões servem para a exibição de vídeos, locais de conferências e reuniões de entidades artísticas e de cidadania, como o Clube de Fotografia, o Moan – Movimento Alma Negra e a Amana – Associação dos Amigos de Manaus.

Fora dos horários de visitação pública, o Chaminé cede os salões para ensaios de grupos de teatro, dança e música.

A chaminé, de 27 metros, ponto obrigatório de visitação turística, marca o território das artes e desponta como o segundo marco arquitetônico da cidade de Manaus.

As linhas clássicas do prédio voltado para o igarapé de Educandos se iluminam cenicamente com as *performances* de teatro, dança e música que têm lugar no terraço. A visão das águas e a sua proximidade refaz a relação amazônica do homem com as águas, fazendo do lugar um dos pontos mais interessantes de Manaus.

CENTRO CULTURAL PALÁCIO RIO NEGRO

Através da Secretaria da Cultura e Estudos Amazônicos e do Governo do Estado do Amazonas, o Centro Cultural Palácio Rio Negro vem fazendo um trabalho de grande divulgação e abertura no campo das artes. Os ambientes do Palácio, situado na av. Sete de Setembro, s/n.º – Centro, abrigam constantemente exposições e salões que recebem artistas amazonenses, de outros lugares do país e do mundo.

A visão do governo do Estado é refletida no discurso de 7 de abril de 1995 feito pelo governador Amazonino Armando Mendes: “Meu governo vai continuar teimando, como desbravador onírico, sonhador, mas tudo, na verdade, será inspirado por um fator básico: o desejo de fazer, de realizar, de crescer”. Isto tem se manifestado no campo da arte com veemência.

Conta com uma escola de arte que recebe alunos da comunidade em geral – Claudio Santoro.

CENTRO DE ARTES DO INSTITUTO CULTURAL BRASIL-ESTADOS UNIDOS – ICBEU

No dia 21 de abril de 1999 foi inaugurado o Centro de Artes do Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos (ICBEU) com uma exposição individual do artista plástico Anísio Mello.

O Centro de Artes do ICBEU fica na av. Joaquim Nabuco, ao lado da sede do Instituto. É um espaço amplo que abriga em seu subsolo uma central de estudos norte-americanos e o “self access learning center”. O prédio é um projeto do arquiteto Renato Braga, e possui uma pirâmide construída no topo, que é um símbolo de equilíbrio e a ela é atribuída a atração da sorte.

O professor Ruy Alencar, diretor do ICBEU, afirmou que pretendem também dar oportunidade para que artistas que estão começando sua carreira possam expor seus trabalhos, e assim também artistas norte-americanos.

Nesta exposição Anísio Mello expôs 25 telas abstracionistas inéditas. Em algumas delas o artista interferiu na pintura utilizando elementos metálicos. Bolhas transparentes e coloridas aparecem em quase todos os trabalhos desta série. O artista explica que as bolhas, de certa forma, representam o desconhecido, e que a técnica para alcançar o efeito é “um segredo” que lhe custou muitos anos para descobrir. Ele também valoriza na série as texturas das telas com experiências feitas com tecidos rústicos alcançando efeitos especiais.

CENTRO DE ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

HISTÓRICO

Tudo começou quando ocorreu a incorporação do extinto “Conservatório de Música Joaquim Franco” à Universidade Federal do Amazonas, propiciando à sociedade amazonense, através de cursos livres, cursos regulares e programas de extensão, atividades não só na modalidade musical, mas também passando a desenvolver atividades nas áreas de dança, teatro, cinema e artes plásticas, aproximando universidade e sociedade.

Foram criados o curso de Educação Artística (1980) e o Departamento de Educação Artística com a finalidade de consolidar os trabalhos que vinham sendo desenvolvidos no Conservatório.

É importante salientar que a Universidade Federal do Amazonas foi a pioneira nessa área do conhecimento, em relação ao ensino médio e de 3.º grau em nosso Estado.

Mesmo enfrentando muitas dificuldades, visto ser uma unidade de um órgão federal, o Caua vem prestando relevantes serviços em prol da comunidade artística amazonense, ampliando e atendendo à demanda das diversas categorias sociais, ao disponibilizar um local para a produção de conhecimentos na área das artes e oferecer à comunidade cursos dos quais saem profissionais de várias modalidades artísticas. Paralelo a isso, o Caua ainda promove a apresentação de exposições e espetáculos em cada área.

O Caua divide suas atividades artístico-culturais e administrativas em dois prédios, no centro de Manaus: um na rua Monsenhor Coutinho, onde se situam a direção, a secretaria e as divisões de Atividades Artísticas e de Produção de Eventos; o outro se localiza na praça da Saudade, onde funciona a Divisão de Curso.

No ano passado, contando com um quadro docente constituído de 21 professores visitantes e mais seis estagiários de Educação Artística, manteve, em cada período letivo, uma média de mais de 500 alunos, distribuídos pelos diversos cursos oferecidos, tais como música (instrumental e coral), teatro, dança, capoeira e artes plásticas (pintura e escultura). Mas, no início deste ano, as programações do Centro de Artes foram ameaçadas devido às medidas do governo federal, proibindo a contratação de professores visitantes para as universidades federais. Com isso, o quadro docente deste Centro vem perdendo, gradativamente, seus professores, o que afeta o andamento dos cursos (preparatório, Cpoa e técnico); pois requerem disciplinas de modalidades variadas (musicalização, teoria musical, coro infanto-juvenil, ateliê e dança).

Entretanto, através da contratação de novos bolsistas e da renovação das atividades oferecidas à sociedade, de caráter permanente, como o Caua seis&meia, Uarte, Galeria de Artes, Vídeo Cine Clube, Capoeira nos Bairros, Circuito de Canto Coral, Concerto da Independência, etc., o Caua está dando a volta por cima, dinamizando seus setores, gerando o livre exercício artístico e tendo seus trabalhos reconhecidos por toda a sociedade amazonense.

A Galeria de Arte do Centro de Artes (Caua) tem como objetivo estimular a produção em artes plásticas, através do oferecimento de espaço para exposições mensais de pinturas, fotografias, infografias, esculturas, gravuras, entre outras modalidades, bem como manter a produção artística amazonense em atividade constante; oferecer espaço de exposição para estudantes de arte da Universidade Federal do Amazonas; dar oportunidade a jovens artistas plásticos apresentarem seu talento e manter a importante integração entre artistas plásticos veteranos e os novos talentos.

O Sebrae tem sido um órgão propagador das artes plásticas no Amazonas. Vem realizando e sediando salões de arte, oportunizando assim a mostra da arte amazonense, o intercâmbio com o restante do Brasil e o acesso público ao mundo das artes. Proporcionou um grande mural na parte externa do estacionamento onde artistas amazonenses pintaram obras de arte para que todos possam ver, em variados estilos.

“O Sebrae-AM (Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa) teve uma iniciativa pioneira em todo o Brasil. Contratou vários artistas para decorar parte do seu patrimônio com painéis a céu aberto.

As obras de arte podem ser vistas em frente ao prédio central do Sebrae, na rua Leonardo Malcher, no muro de 120 metros do estacionamento privativo. O superintendente do Sebrae, José Carlos Reston, decidiu investir no projeto artístico após observar experiência semelhante em alguns Estados brasileiros... Em cada espaço do muro foi montado um painel totalizando 37 pinturas, com destaque pelas formas geométricas e motivos amazônicos.

O superintendente do Sebrae pediu para o artista plástico Anísio Mello selecionar 12 profissionais entre os participantes do Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello”, e conhecidos, para o projeto (...), cada painel saiu por aproximadamente R\$ 300,00 com o material fornecido pelo Sebrae. Entre os convidados estavam Oswaldo Salignac de Souza Neto, Paulo Lino, Natália Nobre, Edílson Barbosa, Franzi Marly Cecílio, Bjarne Furtado e Nina Miranda.

Anísio Mello garantiu que foi um dos melhores projetos dos quais participou e ratificou que é possível fazer arte das ruas. “Antes se falava em pichação e grafite, mas a arte dessa natureza se chama realmente pintura mural ou arte pop”.

“A rua é um lugar de arte porque se o artista não vai até o público, fica difícil mostrar sua arte”. Ele acredita que, se bem conservados, os painéis possam durar até três anos...

Quem passava no local não entendia muito bem do que se tratava, mas tinha gente que até descia dos carros para admirar. “Eu sempre gostei de arte e nunca vi quadros pintados em parede, a não ser em cam-

panhas promocionais de alguma marca famosa tipo a Coca-Cola”, comentou o engenheiro civil Alderglan Nunes, 33.

Um grupo de jovens que passava ficou entusiasmado e passou alguns minutos tentando entender algumas das figuras abstracionistas...” (Jornal *Amazonas Em Tempo*, 1.º de março de 1998).

O Salão Arte Sebrae/99 foi inaugurado no dia 15 de março no *showroom* do Sebrae, na rua Leonardo Malcher, 904 – centro de Manaus. Antes mesmo da abertura ao público, oito obras já haviam sido vendidas. O salão se caracterizou por ser aberto a novos artistas. Seu coordenador, o artista plástico Anísio Mello, fez a curadoria do salão e selecionou 52 artistas entre consagrados e iniciantes de diferentes estilos e meios de expressão como escultura, instalações e telas.

Este salão foi realizado em parceria com o Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello” e tem como objetivo dar continuidade ao trabalho de valorização das artes e da tradição de nossa cultura cabocla que o Sebrae vem realizando. “Muito mais que um evento relacionado à produção artística, o *Salão Arte Sebrae/99* representa a iniciativa para prestigiar os artistas da terra, por meio da mostra de suas obras, centradas no contexto regional, de percepções e interações com o rico universo amazônida”.

Participaram deste salão os seguintes artistas: Afrânio Pires, Alda Salan, Aldeisy Walighan, Amarildo Amazonas, Andréa Guerra, Anísio Mello, Arnaldo Cagi, Augusto César, Bjarne Furtado, Bosco Ladislau, Cabrinha, Cardoso, Daura de Paula, Dulce Leite, Ecy Conrado (Conradinho), Edgar Alecrim, Eduardo, Eliberto Barroncas, Etany, Eva, Francimar Barbosa, Frank Bentes, Graziela Oliveira, Guerreiro, Homero Amazonas, Ilda Maciel, Jarbas, José Stênio, Juliana Holanda, Júnior Silva, Lina Souto Cunha, Luzelena, Lyra, Marlon Praia, Marly, Manoel Izidro, Manuel Luna, Mário de Paula, Maristela Moraes, Maroco, Nadilson Sarrazim, Nane, Nina Miranda, Noletto, Salignac, Palmira Antonaccio, Paulo Lino, Pietro Bruno, Roberto Couto, Rochinha, Roland Stevenson, Rossini Lima, Sebastião Cândido, Sílvio dos Santos, Thyrso Muñoz, Trindade.

(Fontes de pesquisa: jornal *A Crítica*, Criação, 17 de março de 1999 – folder Sebrae – comparecimento ao evento).

LICEU DE ARTE DO AMAZONAS “ESTHER MELLO”

Fundado em 14 de junho de 1985, o Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello”, além de Escola de Artes Plásticas, abrigou também a Associação Amazonense dos Artistas Plásticos (Amap).

“Para satisfação de artistas, desprovidos de um local adequado onde possam se reunir, trocar informações ou mesmo mostrar seus trabalhos sem o fantasma da falta de espaço, Anísio Mello, pintor, escultor e poeta, resolveu transformar sua casa num centro de desenvolvimento artístico”.

“Filho da artista plástica Esther Mello, diz que a finalidade do Liceu não é outra senão a de dar continuidade ao trabalho de sua mãe, que já ministrava aulas de pintura e escultura desde 1918 até 1976 na mesma casa”, diz um jornal da época.

Sobre Esther Mello

Bosco Ladislau, em um texto para um jornal

“É o Amazonas, sem dúvida, berço de artistas e poetas.

Inclinação para o ramo das artes ou da literatura é uma imposição da própria natureza amazônica, que volatiliza no espírito criador o néctar da inspiração, e não raro, do sacerdócio natural, por vocação, como em Esther Mello, a que por mais tempo se dedicou ao ensino (...).

A artista nasceu no seringal Simpatia no rio Juruá, no município de São Felipe, atual Eirunepé, no Estado do Amazonas, em 24 de janeiro de 1896.

Era filha de Rufino Thaumaturgo e Maria Helena de Oliveira Thaumaturgo, sendo ele um abastado seringalista e comerciante, preocupado com a educação dos filhos, mandando-os estudar nos grandes centros e na Europa, e ela, da sociedade amazonense dos albores do século.

Como homem de negócios bem-sucedido, registra-se o fato de ter o pai da artista sido visitado pelo conde d’Eu e pelo deputado provincial do Amazonas, Silvério Nery, quando da visita daquele membro da Família Real ao Amazonas, à sua propriedade em Manacapuru, rumo à Tabatinga, no final do século (...).

A artista Esther Mello iniciou seus estudos em Manaus, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro e Petrópolis (...). Viajou para a Europa em 1916 em companhia de sua irmã Celeste, que foi a primeira Miss Amazonas, e de sua prima Lídia, onde permaneceram algum tempo excursionando em Portugal, França, Itália, etc., visitando museus e conhecendo pessoalmente grandes artistas da época.

Entusiasmada com o que viu na Europa, Esther Mello instalou seu ateliê em Manaus, pintando e ensinando pintura durante cinquenta anos a muitas gerações de artistas, tendo fechado sua escola em 1976, pouco antes de falecer. Conhecia a química das tintas, e muitas vezes produzindo-as para uso próprio e para seus alunos, quando estas não eram encontradas no comércio, como também preparava telas em branco para o seu consumo.

No início da sua carreira artística, Esther Mello era puramente acadêmica, a exemplo de seu mestre Chentofanti, de quem absorveu os ensinamentos e a maneira de pintar. Sua pintura, marcada pelo claro-escuro, transformou-a numa notável retratista, para depois dedicar-se à paisagem amazônica e à natureza-morta. Pintava com traços acentuadamente masculinos, mostrando pinceladas vigorosas e um rico colorido, sem se esquecer do equilíbrio dos tons de cada motivo.

Suas telas foram adquiridas por instituições diversas e por colecionadores. Teve o cuidado de anotar, no decorrer de sua longa vida, o nome dos seus alunos, entretanto não fez o mesmo com os seus quadros, que hoje se encontram no poder de colecionadores e particulares, no Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, Manaus, Fortaleza e outros Estados. Profundamente religiosa, pintou ornamentos para altares e paramentos sacerdotais para diversas igrejas além de riquíssimas peças para enxovais de noivas.

Tinha natural orgulho pelos alunos e não escondia a satisfação de sabê-los vitoriosos na vida prática. Entre seus filhos, teve em Anísio Mello seu herdeiro artístico, que é hoje pintor e escultor conhecido nacional e internacionalmente, diretor do Liceu de Arte do Amazonas “Esther Mello”, que continua a tradição artística da grande mestra.

Em 23 de fevereiro de 1918 contraiu núpcias com o então cirurgião-dentista e professor da Universidade Livre do Amazonas, Dr. Octaviano Augusto Soriano de Mello, depois magistrado, nascendo desse consórcio

os filhos: Aníria, Orange, Thaumay, Eney, Octaviano, Esther, Aristogiton, Anísio, Elyeltha, todos educados com o gosto pela música e pelas artes, honrando a tradição das duas famílias: Thaumaturgo e Soriano de Mello.

Por sugestão de seu marido, fundador da cidade de Ambrósio Aires, hoje Autazes, pintou o retrato falado dessa figura histórica, conhecida também pelo nome de Bararoá, que permanece até hoje na prefeitura daquele município.

Acompanhando o marido em viagens pelos municípios amazônicos, a artista pintou em Codajás, em 1936, o pano de boca e os cenários do Teatro Humberto de Campos. Detalhe importante é que estes cenários foram pintados com pincéis feitos pela artista, ou ainda, usando as próprias mãos como pincéis em virtude destes não terem chegado a tempo para a execução da obra pelo atraso do vapor de linha.

Ficaram conhecidas as exposições anuais de seus alunos da Escola de Arte Cristo Redentor, que dirigia, a única do gênero no Amazonas, localizada na av. Joaquim Nabuco, 1.254, onde hoje funciona o Liceu de Artes do Amazonas “Esther Mello”, que leva seu nome. Naquela escola, Esther Mello ensinava desenho, pintura, modelação e fornecia aos alunos no término de quatro anos um certificado, sempre assinado por ela e por Milburges Araújo, sua amiga de juventude.

Muitos artistas de hoje, alguns famosos, foram seus alunos como Auxiliadora Zuazo, Clio e Iclê Baraúna, Maria Rita Araújo Calderaro, Maria Palmira Mello Antonaccio, Newton Sabbá Guimarães, Ilcia Mello Inácio Pantoja Evangelista, Ademar Brito, Tufic Mamed, Anísio Mello, Luiz Maximino de Miranda Corrêa, etc.

Não fosse a sua vocação pelo ensino das artes, Esther Mello teria nos legado um número de trabalhos muito maior, pois sua dedicação a esse mister impossibilitava-a de pintar mais telas. Ainda assim, sentia-se recompensada pelo seu sacerdócio das artes, campo este em que fez muitos amigos e admiradores no Amazonas e fora de sua terra.

Esther Mello foi um exemplo de dedicação e amor ao próximo”.



Vemos no Panorama da Pintura Contemporânea Amazonense um quadro multifacetado de estilos e técnicas, cujo tema principal é a exuberância de sua própria terra, sendo ligada com um universo mais amplo.

Detecta-se um amadurecimento, tendo-se por base algumas críticas feitas em tempos passados, cerca de dez anos atrás, onde a falta de apoio, recursos e oportunidades eram muito grande. Hoje, o próprio governo é grande incentivador, pois parece entender que o crescimento cultural é ponto de grande importância para o desenvolvimento da sociedade.

Órgãos federais, públicos, particulares e empresariais estão envolvidos com a arte de forma ativa. A promoção de salões, exposições e eventos diversos tem aclarado o que, ora escondido, não se podia ver, ou seja, os artistas com sua arte amazônica.

Não podemos dizer que grande parte da população amazonense tem contato com esta arte, posto que há de formar-se ainda em nosso povo o hábito de freqüentar os espaços culturais. Devemos nos educar a isto, no valorizar a arte, aprendendo a ver e ter senso crítico apurado. Não podemos continuar a olhar primeiro para a assinatura do quadro para então depois, dependendo do grau de popularidade e *status* do autor, olhar a obra com agrado ou com descaso.

Tantos artistas ganharam crédito no Amazonas apenas após serem reconhecidos em outros centros artísticos. Sebastião Rodrigues, que encontrava dificuldades aqui, em sua primeira exposição no Rio de Janeiro teve todos os

seus quadros vendidos. Muitos destes artistas poderiam ter permanecido nestes grandes centros, mas, por amor à terra, por seus próprios ideais e/ou por ver o horizonte das artes em Manaus se abrindo, alguns destes voltam.

Tiana Sampaio, como representante da SBBA, vem promovendo intercâmbios, ministrando cursos, fortalecendo elos de ligação da arte amazonense com outros centros artísticos do Brasil. Esta atitude é louvável; precisamos expandir e não fugir perante as dificuldades. Mas a dura realidade é que pouquíssimos pintores e artistas plásticos em geral têm a ousadia de arriscar-se a viver somente com o lucro de sua arte aqui no Amazonas. Não que lhes falte talento; lhes falta, sim, mercado consumidor de arte.

O comércio da arte em nossa região ainda é muito fraco. O expositor já se alegra se tiver bom número de visitantes em suas exposições; sinal de que seu trabalho está sendo divulgado, sua obra está sendo vista, percebida, usufruída, e é este mesmo o seu maior objetivo.

O projeto do vereador Jeferson Praia foi feito também pelo seguinte propósito: divulgar e valorizar o trabalho de nossos artistas. Ligar a camada mais abastada de nossa sociedade ao artista local. É evidente que os artistas querem ter suas obras compradas pelo seu próprio valor e não por questão de obrigação. Esta clientela, para quem se dirige o projeto, já é consumidora de arte. Seus prédios, suas casas são decoradas com obras pomposas, mas, talvez em um ato automático, recorrem a artistas e lojas especializadas de outras localidades. Deve-se então questionar: nossa arte é inferior? Em uma perspectiva, podemos afirmar que não é inferior, tendo em vista o fato de nossos artistas serem bem-sucedidos ao saírem de Manaus para outros centros. Por outro lado, não temos o amadurecimento, de uma forma geral, e as facilidades que existem no restante do Brasil, até mesmo pela localização e o difícil acesso. Custa muito caro o transporte de obras daqui para outras regiões e de outras regiões para a nossa. Geralmente este custeio vem dos próprios artistas, ou seja, eles acabam tendo de pagar caro para que suas obras sejam vistas fora de Manaus, e os de fora, para que suas obras sejam vistas aqui.

Um aspecto muito positivo tem sido o número de escolas de arte que tem crescido em Manaus. É de suma importância investir em novos talentos e criar um senso crítico em nossas crianças e jovens. Até mesmo

adultos têm tido oportunidade de desenvolver seu potencial artístico e se manter a par do cenário da pintura contemporânea.

Esperamos que este trabalho possa cooperar para amenizar a falta de informação e servir de canal de divulgação de nossa arte.



Jornal A Crítica – 11/4/94; 3/3/95; 18/3/95; 17/3/99;
8/11/98; 23/9/98; 13/5/85.

Jornal A Notícia – 25/1/89; 16/6/85.

Jornal Amazonas em Tempo – 3/3/95; 1.º/12/88.

Jornal do Comércio – 12/1/86; 23/3/86; 11/5/86;
29/12/85; 16/3/86; 30/3/86; 15/6/89.

Jornal Diário do Nordeste – 1.º/7/93; 7/9/94.

Listas Telefônicas – anos 88; 88/89; 89; 90; 91; 92;
93/94; 94; 96/97; 97; 97/98; 98 e Guia de Manaus
98.

Encarte do Centro de Artes Chaminé produzido pelo
Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de
Estado da Educação, Cultura e Desportos.

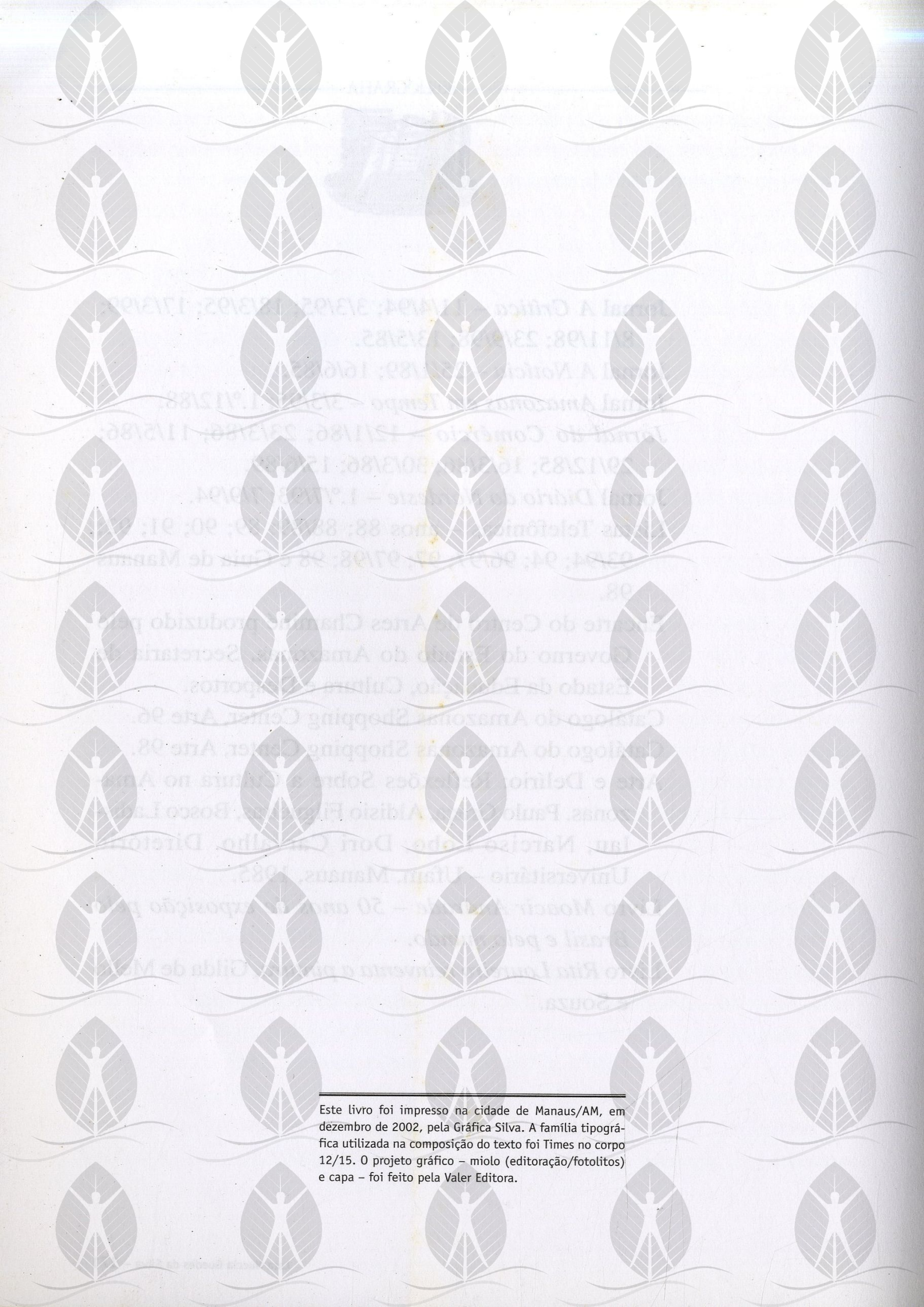
Catálogo do Amazonas Shopping Center, Arte 96.

Catálogo do Amazonas Shopping Center, Arte 98.

*Arte e Delírio: Reflexões Sobre a Cultura no Ama-
zonas*. Paulo Graça, Aldisio Filgueiras, Bosco Ladis-
lau, Narciso Lobo, Dori Carvalho. Diretório
Universitário – Ufam, Manaus, 1985.

Livro *Moacir Andrade – 50 anos de exposição pelo
Brasil e pelo mundo*.

Livro *Rita Loureiro reinventa a pintura*, Gilda de Mello
e Souza.



Este livro foi impresso na cidade de Manaus/AM, em dezembro de 2002, pela Gráfica Silva. A família tipográfica utilizada na composição do texto foi Times no corpo 12/15. O projeto gráfico – miolo (editoração/fotolitos) e capa – foi feito pela Valer Editora.

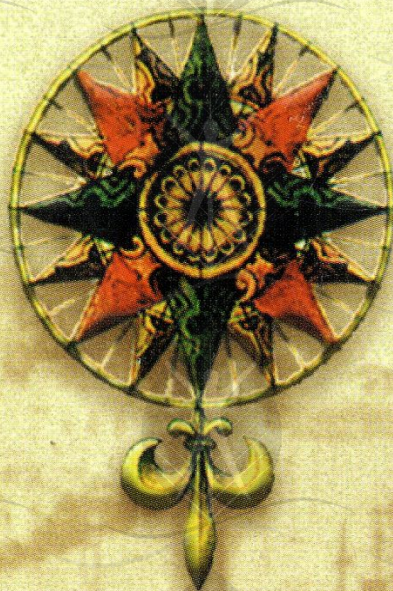


figuram grandes nomes das artes plásticas produzidas no Amazonas.

São 48 artistas consagrados pelo público e pela crítica, com dados pessoais, relação de suas mais importantes "individuais" e "coletivas", mostrando como cada profissional traduz a arte, concebe-a e retrata-a conforme sua inspiração ou seu peculiar momento. São 48 quadros que refletem a rica paisagem artística baré naquilo que se convencionou chamar de pintura contemporânea cada qual com seu modo de exprimi-la.

Obra que ensina, entre outras coisas, que temos de educar-nos, valorizar a arte, aprender a ver e ter senso crítico (o que é certo); que a "panelinha" existe (o que é errado); que o projeto do vereador Jeferson Praia é para divulgar e valorizar o trabalho dos artistas, ligar a camada mais rica da sociedade ao artista local (o que é um estímulo); que artistas ganham crédito onde nasceram só após serem reconhecidos em outras terras (o que é um desestímulo); que o número de escolas de arte tem crescido na cidade de Manaus (o que é ótimo); que adultos têm tido oportunidade de desenvolver seu potencial artístico mantendo-se a par da pintura contemporânea (o que é sensacional).





Para Nuccia Guedes da Silva, com o seu *Panorama da Pintura Contemporânea Amazonense*, conseguiu o que parecia quase impossível: reunir, senão a melhor, pelo menos a grande maioria dos artistas significativos do cenário local, de épocas e tendências diferentes, numa "exposição" única, eclética, multifacetada de estilos e técnicas, extremamente colorida, onde figuram grandes nomes das artes plásticas produzidas no Amazonas.



ISBN 85-7512-093-X



9 788575 120934



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA